



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA
LATINA (PPGICAL)

**PODER E (CONTRA) HEGEMONIA MIDIÁTICA NA AMÉRICA LATINA:
UM ESTUDO A PARTIR DA COBERTURA DE TELESUR E *CNN EN ESPAÑOL*
SOBRE O DESAPARECIMENTO FORÇADO DOS 43 ESTUDANTES MEXICANOS
DE AYOTZINAPA EM 2014**

DOMINGOS ALVES DE ALMEIDA

Foz do Iguaçu, PR
2018



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA
LATINA (PPGICAL)

**PODER E (CONTRA) HEGEMONIA MIDIÁTICA NA AMÉRICA LATINA:
UM ESTUDO A PARTIR DA COBERTURA DE TELESUR E CNN EN ESPAÑOL SOBRE O
DESAPARECIMENTO FORÇADO DOS 43 ESTUDANTES MEXICANOS DE
AYOTZINAPA EM 2014**

DOMINGOS ALVES DE ALMEIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Integração Latino-Americana.

Orientador: Prof. Dr. Fabricio Pereira da Silva
Co-orientadora: Prof^a. Dra. Li-Chang Shuen

Foz do Iguaçu, PR
2018

DOMINGOS ALVES DE ALMEIDA

PODER E (CONTRA) HEGEMONIA MIDIÁTICA NA AMÉRICA LATINA:
UM ESTUDO A PARTIR DA COBERTURA DE TELESUR E *CNN EN ESPAÑOL* SOBRE O
DESAPARECIMENTO FORÇADO DOS 43 ESTUDANTES MEXICANOS DE
AYOTZINAPA EM 2014

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Integração Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Fabricio Pereira da Silva
UNIRIO

Co-orientadora: Prof^a. Dra. Li-Chang Shuen
(UFMA)

Prof. Dr. Félix Pablo Friggeri
(UNILA)

Prof^a. Dr^a. Renata Peixoto de Oliveira
(UNILA)

Prof^a. Dr^a. Simone Maria Rocha
(UFMG)

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de ____.

AGRADECIMENTOS

Nascer em uma família pobre, no interior do estado mais miserável do país é quase uma condenação antecipada. E para muitos é. Sou o 14º filho de um total de 16, e fui o primeiro a conseguir ingressar no Ensino Superior. O que para muitos poderia ser apenas motivo de exaltação, para mim vem com um pouco de angústia.

Conseguir chegar ao Mestrado era algo inimaginável. E só logrei com esforço e apoio de muitas pessoas, na grande maioria desconhecidas. Não acredito em meritocracia. Sou do time que crê na oportunidade. Muitos de meus irmãos deixaram de estudar jovens, mesmo cheios de sonhos, porque não tiveram oportunidade. Eu aproveitei as que me apareceram. Por isso, agradecer é preciso.

Agradeço em primeiro lugar a Deus, aos Orixás e a todos os seres de luz que me concederam energia e força, nos momentos mais difíceis desses dois anos de pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Fabricio Pereira da Silva e à minha co-orientadora, Profª. Dra. Li-Chang Shuen, não só pelos ensinamentos e orientações, mas, sobretudo, pela amizade.

Aos meus pais, Maria Sonia Alves de Almeida e José Ribamar Gomes que, apesar de nunca terem tido a oportunidade de estudar, não mediram esforços para que eu e meus irmãos e irmãs pudéssemos ir à escola.

Aos meus irmãos e irmãs mais próximos (Antonia, Edivan, José, Antonia Revânia, Vanusa, Cícero, Vanderleia, Rosicleia, Vanderlúcia, Darley) que sempre estão comigo, dando apoio para seguir adiante.

Ao meu avô materno, Cândido Pereira de Brito (in memoriam), quem também acreditava na educação como caminho para as conquistas. Ele faleceu um dia após a minha qualificação.

À Herli de Sousa Carvalho, quem me inseriu no universo da pesquisa e extensão, desde o primeiro período da graduação em Jornalismo na UFMA.

À Maria Luísa Rodrigues de Sousa, mulher negra e militante, pelo carinho, acolhimento e palavras de incentivo.

À Dona Maria Raimundo, Dona Neguinha e ao Senhor Norberto, pelo acolhimento e cuidados quando cheguei à desconhecida cidade de Imperatriz, sem conhecer nada, nem ninguém.

Aos companheiros e companheiras do Centro de Cultura Negra Negro Cosme

(CCNNC) de Imperatriz, pelas palavras encorajadoras de sempre.

Às amigas-irmãs Idayane da Silva Ferreira, Francisca Daniela dos Santos Souza e Bruna Viveiros dos Santos, por sempre estarem presentes na minha vida, torcendo por mim e me estimulando a ir cada vez mais longe.

Aos colegas atores e atrizes da Companhia de Teatro Primeiro Ato de Alto Alegre do Pindaré e Companhia Afro de Teatro Reinvent'arte de Imperatriz.

À professora Gizelda Pereira, por me oportunizar viver uma linda experiência teatral com jovens do Ensino Médio do Centro de Ensino Urbano Rocha.

Aos meus professores e professoras, desde a Escola Municipal do povoado Vila Nova, Unidade Integrada Castro Alves do Timbira do Bogéa, Colégio Professor Jerônimo Pinheiro e Centro de Ensino Médio Marcelina Noia Alves de Alto Alegre do Pindaré, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de Imperatriz e Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

Aos professores e professoras e companheiros e companheiras do ICAL pelo apoio de sempre. Por compartilharem o espírito latino-americano de luta e pelos ensinamentos que levarei para a vida toda.

A Luis Almanza Larrazabal, Julie Lemos Bohorquez, Roberta Antunes (também colega do mestrado), Ana Laura Heck pelo companheirismo na disciplina Amazônia: história, problemas e potencialidades e na especialização em Relações Internacionais Contemporâneas da Unila.

À Dona Lucia Maria Coelho, maranhense que reside em Foz do Iguaçu, pelo carinho maternal com que me acolheu.

À Maite Tejada e Tais Maiza pelo carinho e acolhimento quando cheguei à Foz do Iguaçu, e companheirismo durante o período que residi na cidade.

À Giselle Florentino, companheira da militância, pelas orientações, sugestões, torcida e palavras de conforto quando estava atravessando um momento delicado.

A Fernando Simões, Yago Coviello, Caio Almeida e Lina Olaya Velasquez pelo amor irmão, pelos dias divertidos que compartilhamos, pelos cuidados, abraços e palavras de conforto enquanto estive em Foz do Iguaçu.

Otra tierra, la sin mal, la sin muerte, será nacida de la aniquilación de esta tierra. Así lo pide ella. Pide morir, pide nacer, esta tierra vieja y ofendida. Ella está cansadísima y ya ciega de tanto llorar ojos adentro. Moribunda atraviesa los días, basura del tiempo, y por las noches inspira piedad a las estrellas. Pronto el Padre Primero escuchará las súplicas del mundo, tierra queriendo ser otra, y entonces soltará al tigre azul que duerme bajo su hamaca. **(Eduardo Galeano - Memoria del fuego II, 1984).**

RESUMO

Com esta pesquisa temos como objetivos discutir a construção de um instrumento latino-americano de *Poder Brando*, a partir da Televisión del Sur (teleSUR), em contraposição ao *Poder Brando* hegemônico da divisão em espanhol da *Cable News Network* (CNN), tomando como *corpus* a cobertura que as duas emissoras fizeram sobre o desaparecimento forçado dos 43 estudantes mexicanos da Escola Normal Rural Raúl Isidro Burgos de Ayotzinapa, em setembro de 2014. E ainda, verificar como a teleSUR constrói um discurso contra-hegemônico na América Latina, em relação à *CNN en Español*; e identificar as construções discursivas de ambas as TVs sobre o massacre contra os estudantes normalistas. Como base epistêmica, recorreremos à vertente teórica do *Poder Brando* (NYE, 2002; 2004; OLIVEIRA, 2010), acompanhada de discussões sobre Colonialidade do Poder (QUIJANO, 1992; MIGNOLO, 2010) e Imperialismo Cultural (BORÓN, 2007; SAMPAIO JUNIOR, 2011; BETRÁN; CARDONA, 1982; GUARESCHI, 1987). Como metodologia utilizamos, além da pesquisa bibliográfica e documental, a Análise de Discurso (AD) de vertente francesa, na perspectiva de Orlandi (2010) e Verón (2004). Como resultado, concluímos que a teleSUR se encaminha para consolidar-se como um mecanismo de *Poder Brando* regional, sem, contudo, tentar impor a dominação política dos países que a mantêm, sobre os demais. Sobre o desaparecimento dos estudantes, a TV sulista realiza uma cobertura mais humanizada em relação à sua rival.

Palavras-chave: América Latina. Televisão. Desaparecimento forçado. Estudantes. Ayotzinapa.

RESUMEN

Con esta investigación tenemos como objetivos discutir la construcción de un instrumento latinoamericano de Poder Blando, a partir de la Televisión del Sur (teleSUR), en contraposición al Poder Blando hegemónico de la división en español de la *Cable News Network* (CNN), tomando como corpus la cobertura que las dos emisoras hicieron sobre la desaparición forzada de los 43 estudiantes mexicanos de la Escuela Normal Rural Raúl Isidro Burgos de Ayotzinapa en septiembre de 2014. Además, verificar cómo la teleSUR construye un discurso contrahegemónico en América Latina, en relación a *CNN en Español*; e identificar las construcciones discursivas de ambos televisores sobre la masacre contra los estudiantes normalistas. Como base epistémica, recurrimos a la vertiente teórica del Poder Blando (NYE, 2002; 2004, OLIVEIRA, 2010), acompañada de discusiones sobre Colonialidad del Poder (QUIJANO, 1992, MIGNOLO, 2010) e Imperialismo Cultural (BORÓN, 2007, SAMPAIO JUNIOR, 2011; BETRÁN; CARDONA, 1982; GUARESCHI, 1987). Como metodología utilizamos, además de la investigación bibliográfica y documental, el Análisis de Discurso (AD) de vertiente francesa, en la perspectiva de Orlandi (2010) y Verón (2004). Como resultado, concluimos que la teleSUR se encamina para consolidarse como un mecanismo de Poder Blando regional, sin, sin embargo, intentar la dominación, imponiendo la política de los países que la mantiene sobre los demás. Sobre la desaparición de los estudiantes, la televisión sureña realiza una cobertura más humanizada en relación a su rival.

Palabras clave: America Latina. Televisión. Desaparición Forzada. Estudiantes. Ayotzinapa.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FARC	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
ICAL	Integração Contemporânea da América Latina
CNN	Cable News Network
UNASUR	Unión de Naciones Suramericanas
CELAC	Comunidad de Estados Latinoamericanos y Caribeños
ALBA -TCP	Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América -Tratado de Comercio entre los Pueblos
OEA	Organização dos Estados Americanos
TELESUR	Televisión del Sur
AD	Análise de Discurso
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
UNASUL	União de Nações Sul-americanas
ELACOM	Escola Latino-Americana de Comunicação
UAC	Universidad Anáhuac Cancún
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
PRD	Partido da Revolução Democrática
CIDH	Comissão Interamericana de Direitos Humanos
CIESPAL	Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
ABC	American Broadcasting Corporation
BBC	British Broadcasting Corporation
CBS	Columbia Broadcasting System National
NBC	Broadcasting Company
IRTC	Instituto de Rádio e Televisão de Cuba
AFSCA	Autoridade Federal de Serviços de Comunicação Audiovisual
AFTIC	Autoridade Federal de Tecnologias da Informação e Comunicações
FECSM	Federação de Estudantes Campesinos do México
DIF	Desarrollo Integral de la Familia
PGR	Procuradoria Geral da República
GIEI	Grupo Interdisciplinario de Expertos Independientes
CETEG	Coordenação Estadual dos Trabalhadores da Educação de Guerrero
PGJ	Procuradoria Geral de Justiça
UPN	Universidad Pedagógica Nacional
EZLN	Exército Zapatista de Libertação Nacional
ONU	Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE E A PERSPECTIVA DO <i>PODER BRANDO</i> E IMPERIALISMO CULTURAL DA/PARA A AMÉRICA LATINA.....	19
1.1 MÍDIA E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE.....	22
1.2 <i>PODER BRANDO</i> E IMPERIALISMO CULTURAL DA/PARA A AMÉRICA LATINA	30
1.3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	51
2 A MÍDIA LATINO-AMERICANA E A PRESENÇA DE MEIOS DE COMUNICAÇÃO ESTRANGEIROS NA REGIÃO: O CASO DA TELESUR E <i>CNN EN ESPAÑOL</i>.....	55
2.1 TELESUR E O “NORTE” COMUNICATIVO PARA A INTEGRAÇÃO LATINO- AMERICANA.....	65
2.2 <i>CNN EN ESPAÑOL</i> E A HEGEMONIA COMUNICATIVA NA AMÉRICA LATINA.	74
3 VIVOS SE LOS LLEVARON, VIVOS LOS QUEREMOS: A TRAGÉDIA DE AYOTZINAPA COM OS 43 ESTUDANTES NORMALISTAS.....	83
3.1 ANÁLISE DA COBERTURA DE TELESUR E <i>CNN EN ESPAÑOL</i>	105
CONCLUSÕES.....	118
REFERÊNCIAS.....	124

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivos discutir a construção de um instrumento latino-americano de *Poder Brando*¹, representado pela *Televisión del Sur* (teleSUR), em contraposição ao *Poder Brando* hegemônico divisão em espanhol da *Cable News Network* (CNN), tomando como paradigma a cobertura que os dois canais fizeram sobre o desaparecimento forçado² dos 43 estudantes mexicanos da Escola Normal Rural Raúl Isidro Burgos de Ayotzinapa, em setembro de 2014;

Ainda, verificar como a teleSUR constrói um discurso contra-hegemônico na América Latina, em relação à *CNN en Español*, a partir da cobertura do desaparecimento forçado dos 43 estudantes mexicanos; identificar as construções discursivas da teleSUR e *CNN en Español* sobre o desaparecimento dos estudantes. As reportagens televisivas produzidas sobre o caso estão disponíveis nas plataformas online dos canais de televisões no Youtube (<https://www.youtube.com/user/telesurtv> e <https://www.youtube.com/user/cnnespanolcom>), o que torna a pesquisa acessível.

Constitui-se como problema da pesquisa: como a cobertura da teleSUR sobre o desaparecimento forçado dos 43 estudantes mexicanos caracteriza a emissora como um aparato de *Poder Brando* para a América Latina com orientação a contrapor-se ao *Poder Brando* norte-americano, representado pela CNN na região? Destacamos duas hipóteses: Primeira, a cobertura jornalística da teleSUR reverbera

¹ Optamos por utilizar a versão traduzida ao português de *Soft Power*.

² Utilizamos a expressão “desaparecimento forçado” e não “assassinato”, por concordarmos com o Cientista Social mexicano, Ricardo Trujillo González, de que afirmar o assassinato implica elucidar o caso na historiografia e aceitar como verdade que as vidas de 43 estudantes foram ceifadas retirando a responsabilidade do estado para com os familiares. Ele nos fez entender que, quando falamos de desaparecimento, nos referimos ao dispositivo de poder mais letal e cruel utilizado pelos estados modernos. É a face mais impiedosa dos estados criminosos, que traz consequências psicossociais, políticas e econômicas, que nenhum outro tipo de mecanismo repressivo produz. O desaparecimento incide em todos os âmbitos da vida social. Rompe vínculos familiares e comunitários, os afastam do espaço político e afetam economicamente, aterroriza e mata em vida. Afirmar o assassinato nos tornaria cúmplice desse poder punitivo, pois transformaria o desaparecimento físico em simbólico. Estaríamos desaparecendo com as vítimas da história e reproduzindo a linguagem do poder que os nega e nega que existem culpados que devem ser punidos. A única forma de aceitarmos que esses estudantes não são mais desaparecidos é se o estado mexicano encontrar os corpos e entregar aos familiares, para que esses os enterrem e chorem por suas perdas irreparáveis, e colocar na cadeia os responsáveis pelos crimes. Além disso, afirmar o assassinato tem implicações jurídicas que, também, é importante levar em conta. A punição para um assassinato é diferente da do desaparecimento. Esse último é o único crime no mundo que se continua cometendo de maneira permanente enquanto os corpos não são encontrados. Todos os dias em que ele ou ela não chega a sua casa, um novo crime é cometido e, ao mesmo tempo, se prolonga a impunidade.

o seu local de fala, os países da América Latina, alinhados politicamente à proposta da TV. Segunda, na disputa pelo exercício do poder simbólico na região, a emissora busca se construir e ser efetivada como *Poder Brando* regional, no intuito de destituir a hegemonia da *CNN en Español*.

Outro aspecto importante dessa pesquisa é a abordagem que faremos das relações entre os regimes políticos e a mídia, principalmente a televisão, que ocupa um lugar de destaque na construção de sentidos, visto a sua abrangência e o seu poder de influência na formação da opinião pública. A televisão ocupa esse lugar porque se expandiu como esfera pública, tornando-se, ela própria, um importante espaço coletivo para o debate.

Nesse sentido, o presente trabalho é de cunho teórico-empírico, em que as fontes teóricas servem de guia para a análise do material levantado na pesquisa bibliográfica e documental. Utilizamos como metodologia, além da pesquisa bibliográfica e documental, a Análise de Discurso (AD) de vertente francesa, na perspectiva de Eni Orlandi (2010) e Eliseo Verón (2004). A AD será aplicada às matérias do *corpus* da pesquisa, com a finalidade de investigar a cobertura jornalística realizada pela teleSUR e CNN en Español sobre a temática estudada

O universo para esta análise consta de 30 matérias de gêneros diversos, veiculadas no período de 26 de setembro a 31 de dezembro de 2014. São 15 da teleSUR e 15 da *CNN en Español*, que foram processadas pelo software livre, *Iramuteq*, de análise de dados textuais. Esse recorte foi definido porque as emissoras trazem a contextualização da tragédia, apresentando os desdobramentos e novidades sobre o fato. A escolha das matérias se deu a partir da visualização prévia do material jornalístico referente à temática, disponível nas plataformas online das duas TVs.

Gil (2008) aponta para aspectos positivos na utilização de material jornalístico, produzido e veiculado na grande mídia, em estudos científicos. Para o autor, as matérias jornalísticas trazem aspectos relevantes da história como as mudanças socioculturais que, em muitos casos, só podem ser investigadas através de fontes documentais. Além de agilizar o trabalho do pesquisador, os documentos apresentam informações relevantes para atingir os objetivos da pesquisa. A exploração prévia do material apontou para a viabilidade do tema proposto.

O contexto sócio-histórico dessa investigação é a América Latina, que vem passando por intensas mudanças políticas, sociais e econômicas nos últimos anos.

Uma onda conservadora ressurgiu, imprimindo derrotas políticas aos governos “progressistas”, que haviam chegado ao poder nas duas últimas décadas. Governos que têm como marca a implantação de políticas sociais de distribuição de renda e combate à pobreza e a quem se atribui a criação e/ou fortalecimento de algumas iniciativas integracionistas entre os países latino-americanos.

Os efeitos dessas mudanças recentes nos rumos da política regional já são sentidos no interior dos países. Os casos mais dramáticos são da Argentina, Brasil e Venezuela. O presidente Nicolás Maduro, por exemplo, enfrenta problemas para manter a governabilidade, por conta das investidas da oposição que domina o legislativo e tenta desestabilizar o governo. O resultado desse conflito de interesses é o aumento da pobreza e das desigualdades no país sul-americano.

Nesse contexto de crise, os meios de comunicação desempenham função relevante, seja para denunciar os problemas sociais gerados pelas políticas de austeridade que afeta principalmente a população mais pobre, ou para legitimar as ações dos governos conservadores. Levando em consideração o *modus operandi* da mídia na região, o segundo caso é mais observado.

Como é de praxe, os meios tradicionais e hegemônicos de comunicação, com interesses a defender na arena política como, por exemplo, o império midiático Clarín na Argentina e Grupo Globo no Brasil, estimulam a adoção de medidas conservadoras e neoliberais que visam privilegiar a elite dominante em detrimento dos extratos menos favorecidos da população. Tanto o presidente direitista argentino Mauricio Macri, quanto o brasileiro Michel Temer se utilizam do alinhamento e da relação escusa com a mídia para adotar políticas impopulares e neoliberais para atender interesses da classe burguesa, revogando ou descaracterizando iniciativas dos governos anteriores.

A ascensão dos governos denominados progressistas foi decisiva para situar a América Latina em destaque no âmbito internacional. Entre as estratégias adotadas para essa finalidade está a criação de projetos de integração regional como a Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC) e, mais voltados para a América do Sul, o Mercado Comum do Sul (Mercosul), União de Nações Sul-americanas (Unasul), entre outros.

As iniciativas integracionistas não são apenas no âmbito político e econômico,

há também empreendimentos de integração voltados para o campo cultural, ideológico e simbólico como, por exemplo, a emissora de televisão multiestatal *Televisión del Sur* (teleSUR). De acordo com as propostas de fundação, a teleSUR foi criada para construir um discurso contra hegemônico sobre a representação da América Latina na cobertura de outras emissoras externas à região, como a *Cable News Network (CNN) - en Español*-, a quem a teleSUR se opõe publicamente.

Assim, o interesse pelo tema aqui proposto se justifica em três perspectivas principais. A primeira delas é de que trará contribuições aos esforços exitosos da Escola Latino-Americana de Comunicação (ELACOM) para construir uma epistemologia regional do campo midiático; fortalecer os estudos sobre a mídia que atua na América Latina, a mídia latino-americana e sua relação com o poder político. E nesse sentido, compreender os aspectos políticos e sociais do contexto que envolve a tragédia que acometeu os 43 estudantes mexicanos de Ayotzinapa em setembro de 2014.

Além disso, esse estudo possibilitará o entendimento da atuação da teleSUR e da *CNN en Español* como instrumentos de *Poder Brando* situadas em campos comunicativo-políticos antagônicos. A teleSUR, uma TV multiestatal que se denomina latino-americana, encarregada de promover a integração regional e responsável pela disputa de hegemonia discursiva na cobertura jornalística sobre a América Latina. Hegemonia de posse de veículos estrangeiros como *CNN en Español*, emissora norte-americana com forte presença na região.

A segunda perspectiva trata do aprofundamento e ampliação dessa pesquisa, que foi iniciada durante o intercâmbio internacional da mobilidade acadêmica realizado pelo autor em 2014, no curso de *Comunicación* da *Universidad Anáhuac Cancún (UAC - México)*, como bolsista do Programa de Bolsas Ibero-americanas para estudantes de graduação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em parceria com um banco privado. O intercâmbio foi realizado no período de julho a dezembro de 2014. Logo, o autor esteve no país nortista, no período em que transcorreu a tragédia.

Ainda nesse sentido, ressaltamos a identificação do autor, a partir de sua história nos movimentos sociais, com a militância empreendida pelos estudantes mexicanos e familiares, que resistem aos intentos dos sucessivos governos daquele

país de extinguir o sistema de Escolas Normais Rurais³, que atende as famílias pobres campesinas. Os estudantes normalistas, como são conhecidos, sofrem constantes ataques de toda natureza, por preservar e viver a ideologia política de esquerda, em uma região contaminada por princípios autocentrados da direita que congrega uma elite neoliberal. É necessário destacar também, que o ataque desferido contra os 43 estudantes mexicanos não é um fato isolado, faz parte de um processo contínuo e sistemático de extermínio de militantes sociais na América Latina (NAVARRO, 2015).

As informações sobre o acontecimento foram acompanhadas através da imprensa do México e na programação da teleSUR. Os primeiros resultados dessa investigação foram apresentados em congressos regional, nacional e internacional, o que aportou valiosas contribuições para o amadurecimento do tema. Assim, pretende-se dar continuidade à pesquisa com enfoque mais aprofundado da temática, fazendo uma análise discursiva das coberturas realizadas pela teleSUR e *CNN en Español*. A base material para discutir a hegemonia e contra-hegemonia midiática, nessa tentativa de estabelecimento de “poder de influência” na América Latina, é o material jornalístico das emissoras supracitadas sobre o desaparecimento forçado dos estudantes.

A terceira perspectiva tem suas bases no entendimento de que ambas as emissoras desempenham funções para além de produzir, simplesmente, conteúdo jornalístico desde/para/sobre a América Latina. *CNN en Español* e teleSUR são dois projetos políticos e ideológicos que atuam de forma antagônica no campo simbólico da região, protagonizando a disputa de poder político. Enquanto o governo norte-americano usa a CNN para os seus propósitos, a teleSUR difunde a nível regional e global os interesses dos governos que a mantém, com acentuada prioridade para a política da Venezuela.

Assim, direciona-se para entender como os latinos referem-se a si mesmos, através de discursos horizontais e como os norte-americanos referem-se aos e para os latinos em um movimento discursivo vertical, nessa relação de comunicação norte-sul (*CNN en Español* para América Latina) e sul-sul (teleSUR da/para a América Latina). No centro desses dois fluxos de comunicação que se entrecruzam -

³ As Escolas Normais Rurais mexicanas foram criadas em 1926, como parte de um projeto do governo do México de combate ao analfabetismo e à pobreza em comunidades rurais. Além disso, as escolas têm como objetivo formar alunos com potencial de se tornarem líderes comunitários. Inicialmente eram 36 unidades da rede, mas apenas 17 sobrevivem aos intentos contínuos de extinção dessa modalidade de escola.

vertical e horizontalmente - está a narrativa da latinidade nos meios de comunicação.

Nesse aspecto, para essa investigação, temos como objeto de análise a construção da teleSUR como aparato de *Poder Brando* para a América Latina em contraposição a hegemonia da *CNN en Español*, tomando como *corpus* a cobertura das duas televisões sobre o desaparecimento forçado dos 43 estudantes mexicanos de Ayotzinapa, caso que teve repercussão considerável na região e no mundo.

A emissora teleSUR, criada por iniciativa do ex-presidente venezuelano Hugo Chávez, foi inaugurada em 24 de julho de 2005, data do aniversário de Simon Bolívar. A inauguração da TV nessa data específica, além de representar um fato simbólico, tem um foco prático. Para Moraes (2015), a teleSUR busca promover a integração comunicacional latino-americana, inspirada no ideal bolivariano de construção da Pátria Grande, mediante um projeto político-ideológico adequado às singularidades objetivas e subjetivas da região.

A rede de TV, com sede em Caracas, capital da Venezuela, desempenha a função estratégica orientada a construir uma visão própria da realidade da América Latina, contrapondo-se ao relato jornalístico hegemônico das empresas de comunicação que replicam a visão do continente gerada a partir da América do Norte, como a *CNN en Español*. E também, produzir um contra discurso em relação ao gerado a partir das elites a nível local, que não somente reproduzem as perspectivas hegemônicas externas, mas criam suas próprias e as colocam em disputa no interior dos países latino-americanos.

A *Cable News Network* (CNN) é um canal de TV por assinatura, fundado em 1980 pelo magnata da mídia estadunidense, Ted Turner, e mantido pelo grupo Time Warner. A *CNN en Español* é a divisão latino-americana do grupo. Sediada na cidade de Atlanta no estado da Geórgia nos Estados Unidos, tem por objetivo transmitir programas de conteúdo jornalístico para o público de países de idioma espanhol, como Espanha e países da América Latina.

Em nível regional, essas emissoras disputam a preferência dos telespectadores a partir da construção de duas visões sobre a América Latina. E nessa disputa de forças, o espaço a ser conquistado é o simbólico, materializado por meio da informação. A *CNN en Español* funciona como um aparato norte-americano de *Poder Brando* estabelecido. E, considerando que esse *Poder Brando* se consolida com o tempo, a teleSUR ainda está em processo para ser efetiva como

instrumento de poder para a América Latina, pelo menos como propõe a Venezuela.

No dia 26 setembro de 2014, *CNN en Español* e teleSUR começaram a noticiar, cada uma a seu modo, o ataque da polícia mexicana contra um grupo de estudantes de magistério na cidade de Iguala, Estado de Guerrero, a aproximadamente 200 quilômetros da Cidade do México. Eles se dirigiam ao centro urbano para fazer pedágio com o intuito de custear a viagem para participar de uma manifestação na capital do país.

Por se tratar de um acontecimento de gravidade extrema, ganhou significativo destaque na cobertura da teleSUR e da *CNN en Español*. Assim, com a análise proposta, entendemos ser possível apreender a postura jornalística e político-ideológica adotada por cada emissora no tratamento noticioso dado à tragédia, assim como a forma com que cada uma articula sua atuação quando o assunto abordado diz respeito à América Latina.

É a partir desses delineamentos que se objetiva entender mais profundamente, a abordagem do telejornalismo das emissoras sobre a tragédia que acometeu os 43 estudantes, provocada pela ação das forças de segurança mexicanas (Polícia Municipal, Estadual, Federal e Exército). Esse fato reflete uma profunda crise política, social e institucional que acomete o México, considerando que o ataque aos estudantes foi ordenado pelo prefeito da cidade de Iguala (Ayotzinapa é uma comunidade rural de Iguala), José Luis Abarca, do Partido da Revolução Democrática (PRD), em acordo com outras autoridades, e executado pelas forças de segurança articuladas com cartéis do narcotráfico.

Diversas versões para explicar o caso foram apresentadas pela Procuradoria Geral da República (PGR) do México. Todas elas controversas e contestadas por organizações de defesa de direitos humanos, movimentos sociais e familiares das vítimas. Dentre uma das linhas de investigações da justiça mexicana, foi constatado que partiu do então chefe do executivo municipal de Iguala a ordem para “enfrentar” os estudantes como forma de impedir que esses prejudicassem um evento público de sua esposa, María de los Ángeles Pineda Villa, que estaria lançando a pré-candidatura a prefeita para suceder o esposo nas eleições de 2015.

A insatisfação social com a falta de respostas do governo para o ocorrido impulsionou a realização de uma das maiores mobilizações da história recente do México e provocou uma onda de protestos que ultrapassou as fronteiras do país. A Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) interveio nas investigações

e, juntamente com autoridades internacionais, exigiram o esclarecimento imediato da tragédia.

Esta dissertação se divide em três capítulos, além da introdução e conclusões. Na introdução apresentamos o tema a ser discutido, bem como os caminhos teóricos e metodológicos seguidos no desenvolvimento do trabalho. Nas conclusões trazemos nossas impressões, à luz do que nos dizem os teóricos consultados e que fundamentam o trabalho, e da análise feita nas reportagens da *CNN en Español* e teleSUR sobre a tragédia com os estudantes.

No primeiro capítulo, faremos discussões específicas sobre o histórico e a postura político-ideológica da teleSUR (CALDERÓN, 2005; MORAES, 2015; NOGUEIRA, 2009; 2012; BORÓN, 2016), *CCN en Español* (BRAVO, 1991; SOUZA, 2005); traremos as acepções teóricas acerca da Construção Social da Realidade (SOUSA, 2002; TRAQUINA, 2005); *Poder Brando* (NYE, 2002; 2004; OLIVEIRA, 2010); Colonialidade do Poder (QUIJANO, 1992; MIGNOLO, 2010); e Imperialismo Cultural (BORÓN, 2007; SAMPAIO JUNIOR, 2011).

Aprofundaremos a abordagem teórica, discutindo a centralidade do conceito de *Poder Brando* para a pesquisa e de que forma ele é efetivado através da televisão, como a *CNN en Español*, que é um instrumento global de *Poder Brando*, atuante em prol dos interesses dos Estados Unidos. Problematizaremos, ainda, a teleSUR com um aparato de *Poder Brando* em construção para a América Latina, orientada a destituir a supremacia da *CNN en Español*, que está presente em quase 100% do território latino-americano.

O segundo capítulo abrangerá um panorama da conjuntura atual da presença da mídia estrangeira na América Latina (BETRÁN; CARDONA, 1982; BARBERO, 2015; GUARESCHI, 1987) destacando a hegemonia (GRAMSCI, 2005; CARNOY, 1988) e, conseqüentemente, o poder de influência que esses meios detêm, capaz de determinar os rumos de muitas ações políticas, culturais e sociais no interior dos países. Nesse caso, tomamos como exemplo a emissora de TV norte-americana, *CNN en Español*, e destacaremos a articulação de países latino-americanos para criar e/ou fortalecer os meios de comunicação regionalistas, buscando gerar um contra discurso, no sentido de valorizar os diversos aspectos da região. E para isso, utilizamos a emissora teleSUR como amostra da mídia regional.

No terceiro e último capítulo, narramos a tragédia provocada contra os 43 estudantes mexicanos e realizamos a análise discursiva da cobertura das duas

emissoras sobre o acontecimento, buscando efetivar a proposta teórica discutida no capítulo um, apresentando os delineamentos de como a teleSUR é conduzida e orientada no sentido de se constituir como um instrumento contra hegemônico de *Poder Brando* latino-americano, para combater a política comunicativa da CNN en Español. Buscamos identificar as incidências ideológicas das emissoras sobre a tragédia, verificar como elas articulam seus discursos para o público latino-americano, e como isso as caracterizam como aparatos de *Poder Brando*, que atuam defendendo interesses antagônicos.

1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE E A PERSPECTIVA DO PODER BRANDO E IMPERIALISMO CULTURAL DA/PARA A AMÉRICA LATINA

Existe toda uma política e são coisas graves. Políticas. Eu cito dois casos sempre. Um, é o caso da Índia, que foi dominada politicamente e militarmente pela Inglaterra, mas como tinha uma cultura forte, própria, peculiar, singular, deu um caminho político para a Índia se libertar. E quando eu falo a vocês na lavagem cerebral que nós recebemos desde meninos é porque eu mesmo sofri essa lavagem cerebral [...] Os Estados Unidos, antigamente, quando queriam dominar um país mandava um ou dois porta-aviões e ameaçavam com os fuzileiros navais, mas hoje ele manda o Michael Jackson e Madonna. É mais barato e é muito mais eficiente. Porque quando a gente começa a achar que tudo isso é natural. Quando a gente começa a achar que a música de Elvis Presley tem o mesmo valor da música de Debussy, aí a dominação é facilíma, tá certo? Porque a gente já se entregou interiormente. Alguém tem que radicalizar. E eu radicalizo. Porque estão radicalizando de mais para o lado cá. Eu então radicalizo para esse outro lado para ver se a gente chega num meio termo decente, pelo menos [...]. Houve um tempo que tinha hora que eu dizia, meu Deus eu estou ficando paranoico. É possível que só eu esteja vendo o perigo dessa coisa (ARIANO SUASSUNA - Imperialismo: Dominação aplicada à arte, 2016).

Ao longo do ano de 2017, diversos acontecimentos ganharam destaque internacional nos noticiários dos meios de comunicação de massa, principalmente a TV. Atentados terroristas na Europa, nos Estados Unidos, na Ásia e Oriente Médio, furacões no Caribe, crise humanitária na África, acirramentos militares entre Estados Unidos e Coreia do Norte, crise política no Brasil e Venezuela, debates sobre os acordos de paz entre o governo colombiano e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), e etc.

Outro acontecimento que também podemos destacar por ter mobilizado a imprensa internacional, foi o desaparecimento do submarino argentino, *ARA San*

Juan, no dia 15 de novembro, com 44 tripulantes no Atlântico Sul, próximo à costa argentina. Tomamos esses exemplos para discutirmos, à luz do que dizem os teóricos, como a realidade social é construída pelos meios de comunicação.

Para tanto, tomando como base o desaparecimento do *San Juan*, induzimos a uma reflexão, a partir dos seguintes questionamentos: o que assistimos, lemos ou ouvimos na imprensa sobre o desaparecimento do submarino? Qual a profundidade das informações veiculadas? E, talvez o mais importante a se pensar, como e por quem essas informações foram colhidas e organizadas para serem difundidas?

Com o advento da globalização, especialmente a partir do fim século XX e início do século XXI, a sociedade internacional passou por profundas mudanças econômicas, sociais, culturais e políticas. Como um processo de integração, universalizaram-se alguns hábitos, padrões e comportamentos, reduziram-se distâncias, integrou-se e aprofundou-se o sistema internacional, em diversos aspectos.

Esse aprofundamento das relações entre povos e países contribuiu, sobremaneira, para o fortalecimento e ampliação das redes de comunicação que se interligaram pelo mundo, ultrapassando fronteiras e rompendo limites, até então intransponíveis. Cabe ressaltar que os meios de comunicação não foram apenas beneficiados pelo caráter globalizante do sistema, mas também, um dos grandes canais de difusão desse.

Os sistemas de comunicação em tempo real determinam a estrutura de organização do planeta. O que se convencionou chamar de mundialização/globalização - o primeiro termo é familiar a todas as línguas neolatinas, o segundo é de origem anglo-saxônica - combina com a fluidez dos intercâmbios e fluxos imateriais transfronteiriços [...]. Ampliando progressivamente o campo de circulação de pessoas, como também de bens materiais e simbólicos, os instrumentos de comunicação têm acelerado a incorporação das sociedades particulares em grupos cada vez maiores, redefinindo continuamente as fronteiras físicas, intelectuais e mentais (MATTELART, 2000, p. 11).

Igualmente, não se pode ignorar os efeitos negativos desse sistema integracionista global, em que os grandes centros econômicos se potencializam, definem regras, subalternizam os países mais pobres e os impõe seus interesses, desde a economia, política até a cultura. E “as redes [de comunicação], porém, sempre estiveram no centro da luta pelo domínio do mundo” (MATTELART, 2000, p. 12).

Os padrões estabelecidos não concebem a coexistência de outros que não estejam dentro dos parâmetros determinados como “universais”. E isso fica mais evidente na cultura, que sofre de marginalização, apagamento e negação daquelas manifestações tidas como inferiores e “não universais”. Na América Latina essa é a realidade das culturas dos povos originários e da população empobrecida, subjugadas aos ditames da homogeneização da sociedade.

A televisão é a principal ferramenta de “universalização” dessa conjuntura, cuja finalidade é atender as conveniências dos centros hegemônicos de poder. Nos países latino-americanos, a forte presença da mídia estrangeira (estadunidense e europeia) reforça essa perspectiva. Em alguns casos, a inserção internacional é maior que a das mídias nacionais, fato que gera problemas de identificação dos latinos com suas próprias realidades, uma vez que as que são apresentadas geralmente aparecem de formas distorcidas, em que os aspectos negativos ou desfavoráveis ganham maiores destaques.

A “aldeia global” possibilitou, mesmo com suas limitações, a criação de uma rede de conexões, facilitando e tornando mais eficaz as relações entre os povos, seja ela cultural, econômica, política ou social. E o profissional da comunicação se tornou uma peça importante no entremeado desse quebra-cabeça. Responsável por manter a sociedade (des) informada, o jornalista catalisa para si a principal força de sustentação da atividade jornalística, a necessidade da população de manter-se informada.

Os acontecimentos mais longínquos chegam aos lares com tal proximidade, como se houvessem sucedidos na casa ao lado. As estratégias narrativas buscam induzir o telespectador, no caso da televisão, de que aquela é a totalidade por trás do acontecimento. Que o noticiado é o espelho da realidade. Na verdade, é apenas uma parte dela. Um recorte feito a partir de um conjunto de fatores determinantes para termos aquela notícia e não outra, com aquele enfoque e não outro.

Não é possível conceber que uma notícia que assistimos na televisão, ou acessamos por outros meios, seja a totalidade de um acontecimento, considerando sua complexidade, contexto, temporalidade e diversos outros fatores, como o papel do jornalista que vai relatá-lo. Em alguns casos a imprensa se esforça para ampliar ao máximo os aspectos do acontecimento, ainda assim não consegue abranger sua totalidade.

Sousa (1999) realça alguns fatores que são determinantes para o

delineamento das notícias que são veiculadas na mídia, como a relação entre os jornalistas, os acontecimentos e as pessoas envolvidas, a seleção e hierarquização dos elementos da notícia. Para o autor, “a escolha de termos nos discursos jornalísticos pressupõe, já por si, a existência de critérios e juízos de valor” (SOUSA, 1999, p. 04).

No caso do desaparecimento do submarino argentino, o que sabemos foi dito pela mídia, que não disse tudo (nem teria como), apenas o que supõe ser de interesse do público, afinal, “os meios não têm espaço para tudo. Os meios seleccionam a informação, de acordo com uma grelha interpretativa que valoriza determinados acontecimentos [e determinados aspectos desses acontecimentos] em detrimento de outros” (SOUSA, 1999, p. 51).

Há muitas histórias, detalhes e fatos completos, de determinado acontecimento, deixados de fora do noticiário, por inúmeros fatores, como não se enquadrar no enfoque escolhido pelo repórter, estar em desacordo com a linha editorial, ou pelas próprias características físicas e tecnológicas do meio de comunicação onde será veiculado.

A prática do fazer noticioso é permeada de escolhas, resultado de interpretações inerentes à formação do jornalista e que identificam o lugar de fala do profissional, o que ressalta a perspectiva de que a função dos profissionais da comunicação não se restringe, simplesmente, a noticiar os fatos, considerando que a notícia é um produto “fabricado” a partir da convergência de um conjunto de forças políticas, sociais e culturais que iremos aprofundar a seguir.

1.1 MÍDIA E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

Um sociólogo italiano, Domenico de Masi, afirma textualmente: “se de fato o uso dos exércitos comporta altos custos [...] e considerável dificuldade prática é sempre mais eficiente a colonização cultural por meio dos grandes aparatos da informação e do entretenimento, que mantém quietos os governados e orientam o consumo”. O caminho para a gente enfrentar essa invasão solerte que a gente sofre, é a cultura local. Isso é fundamental. E isso foi o que eu sustentei desde muito novo (ARIANO SUASSUNA - Imperialismo: Dominação aplicada à arte, 2016).

A mídia e, por extensão, os jornalistas, desempenham papel fundamental na integração entre as pessoas, conectando-as aos fatos transcorridos nos mais

distintos cantos do planeta. As distâncias entre os acontecimentos e as pessoas foram reduzidas e o horizonte de possibilidades de conhecer o mundo foi ampliado, independentemente do local onde se vive.

Essa aproximação se deve às notícias, que narram os aspectos do cotidiano e chegam às pessoas por diversas plataformas midiáticas, com destaque para a televisão, meio comunicacional predominante entre a população. Sousa (2002) analisa o papel desses meios e sua função social no fornecimento de informações para manter a sociedade informada e em contato com outras realidades.

Os meios de comunicação, nos quais se incluem os meios jornalísticos, são a principal fonte de informação que a sociedade tem sobre si mesma. São também os meios de comunicação os agentes mais relevantes para pôr em contacto os múltiplos subsistemas sociais. Assim, as pessoas, os grupos, as organizações e a sociedade em geral dependem dos meios de comunicação para se manterem informados e para receberem orientações relevantes para a vida quotidiana (SOUSA, 2002, p. 08).

Como principal produto da mídia, as notícias passam por um processo de “fabricação”, em que congregam um conjunto de fatores que as moldam e as determinam. São fatores de natureza pessoal, social, ideológica, cultural, histórico e do meio físico/tecnológico (SOUSA, 1999). O autor reforça que esses fatores trazem novidades com senso compreensível, mas que é o consumidor da notícia, o responsável pela atribuição última de sentido dada à notícia.

A perspectiva teórica da construção social da realidade, apresentada por autores como Berguer e Lukman (2004), Vizeu (2004), Alsina (1998/1999), dentre outros e resumida por Sousa (1999, p. 02), compreende as notícias como “artefactos linguísticos que procuram representar determinados aspectos da realidade e que resultam do ato de construção e fabrico”, onde há uma forte interação entre os fatores ou forças socioculturais, que são interdependentes, integrados, interatuantes, cujas fronteiras são flexíveis.

1) Acção pessoal – as notícias resultam parcialmente das pessoas e das suas intenções; 2) Acção social – as notícias são fruto das dinâmicas e dos constrangimentos do sistema social, particularmente do meio organizacional, em que foram construídas e fabricadas; 3) Acção ideológica – as notícias são originadas por forças de interesse que dão coesão aos grupos, seja esse interesse consciente e assumido ou não; 4) Acção cultural – as notícias são um produto do sistema cultural em que são produzidas, que condiciona quer as perspec-

tivas que se têm do mundo quer a significação que se atribui a esse mesmo mundo (mundividência); 5) Acção do meio físico e tecnológico – as notícias dependem dos dispositivos tecnológicos que são usados no seu processo de fabrico e do meio físico em que são produzidas; 6) Acção histórica - as notícias são um produto da história, durante a qual interagiram as restantes cinco forças que enformam as notícias que temos (acções pessoal, social, ideológica, cultural e tecnológica) (SOUSA, 1999, p. 03).

Com esse prisma, Sousa (1999) refuta as teorias “estafadas” que projetam as notícias como o reflexo da realidade, como é o caso da teoria do espelho⁴. Ele destaca também que, tanto no meio social quanto em certos setores do meio jornalístico, ainda é forte a ilusão da ideologia da objetividade jornalística, em que o profissional da comunicação é tomado como um mero instrumento de relato dos fatos, imparcial e indiferente à construção noticiosa.

Para reforçar o pensamento do autor, podemos retomar aos exemplos dos principais casos que repercutiram na mídia esse ano, destacados no início do capítulo, e que tiveram forte repercussão. Em alguns casos, como o desaparecimento do submarino argentino, *Ara San Juan*, houve movimento de solidariedade de pessoas de diversos países, que só tiveram referência da tragédia, através dos veículos de comunicação.

Nesse aspecto, Sousa (1999) explica que os meios de comunicação moldam o nosso horizonte de conhecimento sobre a realidade, que “as notícias são referentes sobre a realidade social que participam nessa mesma realidade social e que contribuem para a construção de imagens dessa realidade social” (SOUSA, 1999, p. 89). Entendemos, portanto, que as notícias são organismos que ganham vidas através da prática jornalística.

O jornalismo, meio pelo qual os acontecimentos são transformados em notícia, é o principal responsável por mediar e atribuir significados aos fatos cotidianos, dos quais tomamos conhecimento, mesmo que aconteçam territorialmente distantes. O que reafirma a concepção de que o mundo que conhecemos é também mediado através do jornalismo, que constrói socialmente a nossa noção de realidade.

As realidades que os *news media* nos dão a conhecer são realidades

⁴ A “teoria do espelho”, perspectiva já superada por outras teorias da comunicação, via a notícia como uma reprodução fiel dos acontecimentos, em que os jornalistas apenas transportam os fatos através dos meios, sem qualquer interferência no sentido de atribuir-lhe significado.

mediatizadas por esses mesmos meios. Visto de outro prisma, os meios jornalísticos mediatizam o nosso conhecimento das realidades que não conhecemos e propõem-nos, logo à partida, determinadas interpretações para essas mesmas realidades (SOUSA, 1999, p. 50).

Nesse sentido, entendemos que a concepção de mundo e a percepção dos acontecimentos que temos, são moldados pelos meios de comunicação, considerando que as notícias são produtos carregados de ideologias, resultados intencionais dos processos jornalísticos de produção de informação, e com função a cumprir, que vão para além do simples fato de apenas informar.

As forças socioculturais que incidem sobre a prática jornalística colaboram para a compreensão de "por que é que as notícias são como são (e não são de outra maneira)?", "por que temos as notícias que temos (e não temos outras notícias)?", "como circula a notícia e que efeitos gera?" (SOUSA, 2002, p. 01). Esses questionamentos nos possibilita aprofundar o entendimento das notícias como ferramentas de construção social da realidade.

[A notícia] [...] é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia (SOUSA, 2002, p. 03).

Como notamos, o autor confere ao consumidor o papel principal de atribuir sentidos e tornar efetivo os efeitos pretendidos pelas notícias, que são cognitivos, afetivos e comportamentais sobre as pessoas. E esses efeitos, por sua vez, produzem também, "efeitos de mudança ou permanência e de formação de referências sobre as sociedades, as culturas e as civilizações" (SOUSA, 2002, p. 09/10).

Outro pesquisador que tem direcionado pesquisas para explicar as notícias e seus efeitos, é o catedrático do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa, Nelson Traquina (2005), que se ocupa em responder questões substanciais para o campo do jornalismo: O que é notícia? O que são notícias? Por que as notícias são como são? O que é ser jornalista numa democracia? O jornalismo é um "Quarto Poder"? Um "contra-poder"?

Traquina (2005) congrega diversas abordagens teóricas que foram elaboradas ao longo do tempo para explicar porque as notícias são como são. As explicações apresentadas defendem um jornalismo como a realidade, mas uma realidade

seletiva e construída através de inúmeros processos de interação social entre os jornalistas, que ocorrem de duas formas: com as diversas fontes e com os outros jornalistas, membros da comunidade interpretativa.

Nesse sentido, Traquina (2005) destaca que os jornalistas participam ativamente no processo comunicativo, definindo e construindo as notícias que, por consequência, constroem a realidade. Na busca por responder as perguntas clássicas que norteiam a produção das notícias – quem? O quê? Onde? Como? Quando? e por quê? - esses profissionais selecionam, excluem e abordam diferentes aspectos dos acontecimentos, dando-lhes sentidos e atribuindo-lhes significados. Desse modo, fazer jornalismo não significa, necessariamente, apreender a realidade e apresentá-la tal com ela é, não sendo, portanto, o espelho da realidade (SOUSA, 2002; SCHUDSON, 2011; GROTH, 2011; MACHADO, 2004; ALSINA, 1998/1999; VIZEU, 2004).

Traquina (2005), que também rejeita as notícias como espelho da realidade, apresenta três razões para sua posição epistêmica. A primeira considera que “é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os *media* noticiosos que devem “refletir” essa realidade, por que as notícias ajudam a construir a própria realidade” (TRAQUINA, 2005, p. 168). A segunda destaca que “a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta, inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutral é impossível” (TRAQUINA, 2005, p. 167). A terceira razão apontada pelo autor português para fundamentar a rejeição à teoria do espelho, diz respeito às escolhas dos jornalistas:

Os *media* noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos, devido a diversos fatores, incluindo os aspectos organizativos do trabalho jornalístico (Altheide, 1976), as limitações orçamentais (Epstein, 1973), a própria maneira como a rede noticiosa é colocada para responder à imprevisibilidade dos acontecimentos (Tuchman, 1978). (TRAQUINA, 2005, p.169)

Assim, reforçamos que o trabalho jornalístico é permeado de escolhas e resultado de interpretações, que não dependem unicamente da vontade dos profissionais da comunicação, considerando que eles precisam lidar com as forças políticas e sociais que incidem sobre o seu trabalho, constrangendo diretamente as notícias.

Os jornalistas constroem seus textos a partir da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), da língua e das regras do campo das linguagens para, no trabalho da enunciação, produzirem discursos. E o trabalho que os profissionais do jornalismo realizam, ao operar sobre os vários discursos, resulta em construções que, no jargão jornalístico, podem ser chamadas de notícias (VIZEU, 2004, p. 117).

Compreendemos, portanto, que a atuação dos jornalistas não é autônoma, é determinada por um conjunto de regras da cultura profissional, que vão desde normas linguísticas até os códigos da redação. Especificamente no que diz respeito à televisão, que se afirma “como principal meio de difusão da cultura de massa” (SENNA, 2013, p. 134), as narrativas jornalísticas ganham elementos visuais, demarcando mais nitidamente os recortes, o direcionamento do enfoque das notícias e a figura do enunciante, dinâmica que reforça a vertente do construcionismo social. Ainda nesse aspecto, Eco (1986, p. 195) frisa a perspectiva construcionista no universo televisivo. Para ele “três ou mais telecâmaras [...] operam uma seleção dos eventos, focaliza certas ações e deixa de lado outras”.

Para o autor italiano, nem mesmo as coberturas ao vivo podem estabelecer-se como independentes das forças sócio-políticas que conduzem a produção jornalística. Ele sublinha que, “desde os primórdios da tevê percebe-se que também as transmissões ao vivo pressupõem uma escolha, uma manipulação” (1986, p. 195). Eco é complementado por Vizeu (2004, p. 114), que explica que, “mesmo um evento transmitido ao vivo, em tempo real, [o noticiário] se submete ao tempo e à formatação do telejornal: há um recorte sobre a realidade (pelo plano da tomada, pela forma de enquadramento, etc.)”. O pesquisador reforça essa proposição, afirmando que os fatos transmitidos ao vivo sofrem adequações quanto ao tempo e ao formato televisivo, porque entre o momento em que decorre o acontecimento e a chegada da informação ao telespectador, há um intervalo mediado pelo telejornal.

Conforme ressalta Senna (2013), a televisão está em contato permanente com a sociedade, que se mantém organizada em torno dos meios de comunicação. A TV se utiliza dessa força para se infiltrar cada vez mais no cotidiano das pessoas e construir uma relação de interdependência, obtendo retorno aos estímulos dispensados nos noticiários. O autor enfatiza que esse meio “sustenta sua força por jogar o jogo da interação em busca de sentidos” (SENNA, 2013, p. 142).

Além disso, os meios televisivos se apresentam como lugares privilegiados

porque, ademais de oferecerem produções para fruição dos telespectadores, constroem seu cotidiano com os valores conflitantes compartilhados em sociedade, buscando a identificação do público com o meio e com as informações veiculadas. (SENNA, 2013).

No que concerne à atuação dos jornalistas na escolha dos fatos, fabricação e veiculação das notícias, Vizeu (2004) elenca uma série de regras, as quais chama de operadores jornalísticos, que determinam as informações, e sob as quais está submetido o trabalho do profissional da comunicação.

No dia-a-dia de sua atividade, o jornalista é servido pela língua, códigos e regras do campo das linguagens, para, no trabalho da enunciação produzir discursos. Em outras palavras, o jornalismo tem uma dimensão simbólica [...]. Partindo do pressuposto de que o ato de discursar resulta do contato do jornalista com o campo do código, é possível se afirmar que o “ato jornalístico” mais do que trabalhar com “regras”, “leis” ou “dicas”, estrutura-se a partir de dois momentos estratégicos: operação e construção, cujas regras são pensadas, independentes do sujeito, pois quando ele as aciona, elas já estão estruturadas no campo da linguagem (VIZEU, 2004, p. 112).

O pesquisador desataca também que a língua e suas normas (códigos e regras) são os principais instrumentos de trabalho do jornalista na construção das narrativas veiculadas pela mídia. Trata-se de normas já postas que existem independentemente do jornalista, e a função dele é apenas operacionalizá-las, materializando-as através dos textos.

Para Vizeu (2004) o texto jornalístico é um universo habitado, passível de arranjos, transformações e direcionamentos. E o ato de lê-los é colocar em movimento todo esse universo, aceitando ou recusando os comandos que trazem consigo, dando significado aos discursos produzidos.

Na elaboração do seu texto, o jornalista vai utilizar procedimentos de seleção e combinação, mediante unidades que articuladas, vão se transformar em mensagens, ou de um modo mais abrangente, em discursos sociais. Este trabalho de operação não se dá apenas no campo restrito do código, uma vez que o sujeito se defronta com outros códigos – ou outros discursos – de que empresta também para a constituição de suas unidades discursivas (VIZEU, 2004, p. 112).

Nesse contexto, o trabalho do jornalista é articular as distintas vozes e operar com vários discursos, no sentido de construir outros discursos carregados de sentidos e intencionalidades, que serão validados, ou não, pelos consumidores. O caráter

polifônico das notícias é o que dá aos veículos noticiosos certa legitimidade no meio social.

O jornalismo televisivo, ainda segundo Vizeu (2004), traz a essência do discurso da atualidade. O texto do telejornal apresenta certo dinamismo, em relação ao das demais mídias, seja pelo auxílio das imagens à narrativa, recursos tecnológicos empregados nas notícias ou pela aproximação que propõe para com os telespectadores.

O texto de um telejornal é como um espaço imaginário onde são propostos múltiplos espaços de *participação* à audiência; uma paisagem, de qualquer maneira, onde a audiência pode escolher o seu caminho com mais ou menos liberdade. Espaço onde há zonas nas quais o telespectador (co-enunciador) se arrisca a se perder ou, ao contrário, aportar em um cais tranquilo. Essa paisagem é, mais ou menos, plana, mais ou menos, contrastada. Ao longo de todo o seu caminho, a audiência encontra atalhos, trilhas e personagens diversos com os quais procura ou não estabelecer uma relação, segundo a imagem que lhe é oferecida, o modo pelo que é tratada ou a intimidade que lhe é proposta (VIZEU, 2004, p. 115).

Ao assistirmos no telejornal, por exemplo, a notícia sobre o desaparecimento do submarino argentino com 44 tripulantes a bordo, no dia 15 de novembro, podemos verificar que a narrativa é acompanhada de uma série de elementos textuais e imagéticos com o objetivo de tornar a informação mais clara, mas principalmente para construir uma relação de identificação do telespectador com a tragédia. Os repórteres recorrem a imagens do veículo desaparecido, ou de outros similares, para fins de comparação, ilustrações gráficas com informações técnicas do submarino e do local do desaparecimento, bem como vídeos e fotografias dos tripulantes.

São esses determinantes midiáticos que constroem nossa visão de mundo. As notícias chegam até nós carregadas de ideologias e com interesses a defender. Por seu poder de alcance e capacidade de influência, os veículos midiáticos são utilizados como instrumentos de poder para a dominação. Os centros hegemônicos substituem o emprego da força (militar – predominante nas relações de poder internacional) pela tática do convencimento (uso dos meios simbólicos).

1.2 *PODER BRANDO* E IMPERIALISMO CULTURAL DA/PARA A AMÉRICA LATINA

¿Cuál va ser el destino de América Latina? Yo no lo sé. Pero sé cual es el desafío. El desafío es: ¿Vamos a convertirnos en la triste caricatura del norte? ¿Vamos a ser como ellos? ¿A repetir los

horrores de la sociedad de consumo? Qué está devorando el planeta? ¿Vamos a ser violentos? ¿Vamos a creer que estamos condenados a la guerra incesante? O vamos a generar otro mundo diferente? ¿Vamos a ofrecer al mundo un mundo diferente? Yo creo que ese es el desafío que tenemos planteado. Y hoy somos, la verdad, caricaturas bastantes tristes de modos de vidas que se nos imponen desde afuera. Estamos gobernados por sistemas de poder que cada día nos convencen de que no hay virtud más alta que la virtud del Papagayo. Que no hay habilidad comparable que la habilidad del Mono. El papagayo, el Mono. Los que imitan los ecos de voces ajenas (GALEANO, 2002⁵)

Para aprofundarmos a perspectiva teórica que norteia essa pesquisa, com o foco em centrar suas bases dentro da grande área do Mestrado em Integração Contemporânea da América Latina (ICAL), que é Ciência Política e Relações Internacionais, adotamos as acepções da teoria do *Poder Brando*, criada por Joseph Nye (2004). Ressaltamos, porém, que serão tecidas algumas críticas, correções e refutaremos algumas das proposições defendidas pelo autor na estruturação de sua teoria.

A princípio, apresentaremos os pressupostos teóricos do *Poder Brando* (NYE, 2004), relacionando com o campo da comunicação e enfocando os aportes que fundamentam nosso trabalho. Posteriormente, destacaremos as incongruências e falhas presentes nos delineamentos epistêmicos do autor, que é um dos principais expoentes da corrente do liberalismo transnacional no campo das Relações Internacionais.

Para adentrarmos na discussão, reforçamos parte do que foi apresentado no capítulo anterior sobre o campo midiático na América Latina, situando teleSUR e *CNN en Español* na disputa pelo exercício do poder político, através do controle da difusão de bens simbólicos. Nesse contexto, as emissoras surgem como canais a serviço de governos e de grupos trans(multi)nacionais, com capacidade de influência junto à opinião pública, fato que reforça o caráter da mídia como um ator emergente de considerada relevância no âmbito das relações internacionais.

A mídia é um importante ator das Relações Internacionais na medida em que ela passou a ser um dos focos intrínsecos das atenções dos demais atores que desejam atingir a opinião pública mundial e influenciar a política internacional, tendo em vista que, conforme ficou demonstrado diante do excesso de informação, fica muito difícil saber no que se concentrar. Porém, é justamente nesse momento que se

⁵ Depoimento do jornalista e escritor uruguaio, Eduardo Galeano, ao documentário, “O Mundo global visto do lado cá”, do cineasta brasileiro Sílvia Tendler, (2002).

confirma o [*Poder Brando*] da(s) mídia(s) ao se estabelecer como um ator capaz de filtrar o excessivo fluxo de informações contemporâneas e apontar em qual informação se deve concentrar a atenção (OLIVEIRA, 2010, p. 385).

A condição da mídia como ator de destaque nas Relações Internacionais contemporâneas se deve ao fato de, apesar das contradições que a cerca, ainda disfrutar de credibilidade significativa junto à sociedade, o que a coloca como meio elementar na formação da opinião pública nacional e, em casos, até a internacional (OLIVEIRA, 2010). Essa constatação fica mais nítida quando se leva em consideração “a estreita relação que a mídia possui, desde os seus primórdios, com as questões políticas nacionais e internacionais” (OLIVEIRA, 2010, p. 253).

É o caso da teleSUR, uma emissora pública que representa um conjunto de Estados latino-americanos, sendo, portanto, um instrumento desses governos, e da *CNN en Español* que, em contraponto, é uma empresa privada, mas, de igual forma, representa e defende os interesses norte-americanos, a considerar a forte presença política, econômica e cultural dos Estados Unidos na região.

Assim, tomamos o conceito de Poder Brando, na perspectiva de Nye (2004), aplicando-o ao campo midiático, tendo como referência as emissoras supracitadas. Esse tipo de poder usa a habilidade política da atração e não da coação como forma de influenciar indiretamente pessoas e nações. Além disso, seduz e coopta, com o objetivo de fazer com que os outros atores façam aquilo que se deseja, sem que haja o emprego da força bruta, com a intenção de obter adesão e legitimidade para suas ações.

Es la habilidad de obtener lo que quieres a través de la atracción antes que a través de la coerción o de las recompensas. Surge del atractivo de la cultura de un país, de sus ideales políticos y de sus políticas. Cuando nuestras políticas son vistas como legítimas a ojos de los demás, nuestro poder blando se realiza. (NYE, 2004, p. 118/119).

Embora esse seja um conceito recente junto às Relações Internacionais, o *Poder Brando* está presente em diversos discursos políticos contemporâneos. É utilizado, dentre outras possibilidades, para construir e/ou fortalecer a imagem ou reputação do ator preponderante da política internacional, o Estado, em relação aos demais e, por isso, se torna elemento chave para a legitimação das ações políticas nas relações internacionais.

Para Nye (2004), há uma mudança na forma de influenciar ou mesmo cooptar a opinião pública no sentido de legitimar determinadas ações estatais, com a redução do uso da força e investimento nos aparatos de convencimento, que atuam sem promover qualquer constrangimento ou coação física, como é o caso dos meios de comunicação massa, em especial a TV, que apresentam as características de diversidade, poder e amplitude de alcance junto à população.

Por conseguinte, as mudanças afetam também as estratégias nas disputas pelo poder global, ocasionadas pela estrutura multipolar do sistema internacional. Os países deixaram de se preocupar com a expansão de suas políticas somente através do uso de aparato militar, que se impõe pelo poderio armamentista, para expandir seus domínios com auxílio dos instrumentos simbólicos. Isso, além de evitar insurgência externa, reduz a possibilidade de levantes e protestos no campo doméstico.

Ainda segundo Nye (2004), o *Poder Brando* norte-americano se desenvolve a partir de sua cultura, políticas e valores domésticos, “y en la sustancia y el estilo de nuestra política exterior (NYE, 2004, p. 121). Ademais, o autor explica que o *Poder Brando* não é uma simples questão de imagem, relações públicas e popularidade efêmera: é uma forma de poder, um meio para se obter resultados desejados (NYE, 2004).

Cuando puedes conseguir que otros admiren tus ideales y que quieran lo que tú quieres, no tienes que gastar mucho en palos y zanahorias para moverlos en tu dirección. La seducción es siempre más efectiva que la coerción, y muchos valores como la democracia, los derechos humanos y las oportunidades individuales son profundamente seductores (NYE, 2004, p. 119).

Nesse sentido, entendemos que a noção de *Poder Brando* diz respeito a capacidade de uma nação de persuadir e configurar as preferências de outras, implicando diretamente no aspecto ideológico, uma vez que a eficiência desse poder, sugere, necessariamente, a internalização dos valores do estado dominante, por parte dos dominados.

Se eu conseguir levá-lo a *querer* fazer o que eu quero, não precisarei obrigá-lo a fazer o que você *não* quer. Se os Estados Unidos representarem valores que os outros queiram adotar, a liderança nos custará menos. O poder brando não é simplesmente sinônimo de influência, embora seja uma fonte de influência. Afinal, eu também

posso influenciá-lo com ameaças e recompensas. Por outro lado, o poder brando é mais que persuasão ou que a capacidade de mover as pessoas pela argumentação. É a capacidade de seduzir e atrair. E a atração geralmente leva à aquiescência e à imitação (NYE, 2002, p. 37).

Aqui, frisamos que o autor direciona o enfoque do *Poder Brando* para discutir que, para um Estado - nesse caso os Estados Unidos - assegurar a liderança global, sem que haja desgaste de ordem política interna e externa, é necessário que outras nações assimilem seus valores. E o *Poder Brando*, segundo o autor, é a ferramenta encarregada da persuasão que garante o *status quo* do centro.

As transformações provocadas pelas tecnologias globais, o surgimento de novos instrumentos para a obtenção de poder e a necessidade de ampliar os domínios na dinâmica da política internacional, fizeram com que os países passassem a se preocupar, também, com a projeção de suas imagens enquanto nação. O *Poder Brando* se fortalece dessa preocupação, e utiliza os meios de informação e comunicação de massa, como recurso para se efetivar.

A partir do século XX o campo das relações internacionais sofreu diversas transformações, principalmente no que diz respeito ao surgimento de novos atores e temas que passaram a influenciar de forma significativa a agenda internacional. Por consequência, o exercício do poder político contemporâneo e os processos de tomadas de decisões também sofreram mudanças. Os assuntos debatidos em escala global, contam, a partir de então, com várias vozes, incluindo a da mídia internacional, que passam a exercer forte influência sobre as decisões dos Estados.

Esse contexto é marcado pela ordem multipolar do sistema internacional, em que o surgimento de novos atores fragmenta o exercício do poder. A mídia situada na era da informação global passa a ser constrangida pelos estados nacionais, através de iniciativas de controle e direcionamento dos fluxos informativos. As redes de comunicação ocupam determinado destaque nas Relações Internacionais, por estarem vinculadas diretamente ao processo de mediação e formação da imagem coletiva sobre certos fatos e acontecimentos, que são transmitidos a uma grande massa de receptores.

Estudar os meios informativos sob a ótica das Relações Internacionais não é tarefa simples, sobretudo, se partirmos da percepção deles como atores emergentes em face do emprego do *Poder Brando*. A internacionalização da mídia tem demandado esforços dos que pretendem manter a ordem global vigente, ou

acumular poder, considerando que, através dos meios tem-se promovido debates públicos e até diplomacia governamental.

O exercício de poder político através dos meios midiáticos internacionais tem reforçado o papel da informação enquanto fonte de poder e apontado para a mídia como mais do que simples instrumento de propaganda, mas também, como ator geopolítico de peso no cenário internacional. É nesse universo que estão situadas teleSUR e *CNN en Español*, as quais estudamos nesse trabalho.

Nesse ponto, cabe destacar ainda que, mesmo reconhecendo a capacidade de influência dos meios de comunicação, ressaltamos que não se trata de uma relação hipodérmica⁶ com a sociedade. Pois, conforme nos alerta Oliveira (2010), é necessário identificar o real poder que esta [mídia] possui na atualidade, sem potencializá-la demasiadamente, mas também sem menosprezá-la.

Essa é uma das falhas teóricas do *Poder Brando*, que não atenta para as condições de produção midiáticas e resistências sociais existentes no processo das mediações, conforme aponta Barbero (1991). Para esse autor, as pessoas fazem suas próprias interpretações daquilo que leem, ouvem ou veem e reagem de formas distintas, influenciadas pelos conhecimentos adquiridos ao longo do convívio social.

As distintas instituições sociais (família, escola, igreja, cultura popular, etc.) influenciam na forma como as pessoas reagem aos produtos midiáticos (BARBERO, 1991), perspectiva que não é considerada por Nye (2004), para quem a eficiência do *Poder Brando* se deve exclusivamente ao interesse do Estado hegemônico em realizar investimentos para potencializar essa modalidade de poder. Por isso sugere aos Estados Unidos fomentar investimentos nessa área:

Deberíamos incrementar seriamente nuestras inversiones en poder blando. Podríamos permitirnos fácilmente duplicar el presupuesto que destinamos a la diplomacia pública, así como mejorar tanto su perfil como su dirección desde la Casa Blanca (NYE, 2004, p. 134).

Além das fissuras deixadas na abordagem do campo da comunicação, a teoria do *Poder Brando* apresenta contradições também no âmbito das Relações Internacionais. Nye (2004) elabora seu conceito em contraposição à concepção

⁶ A teoria hipodérmica, também conhecida como “teoria das balas mágicas”, é o primeiro modelo empírico que visava explicar os efeitos dos meios de comunicação a curto prazo. Com cerne no positivismo, defendia a tese de que as pessoas reagem igualmente aos estímulos da mídia (as notícias) e exatamente como o emissor houvera programado, direcionando a mensagem para provocar mudanças de opinião e de comportamento nos receptores, sem qualquer tipo de resistência (SOUSA, 1991).

tradicional sobre o Poder Duro, visão que apontava a força militar, a capacidade econômica e as potencialidades derivadas delas como a expressão mais genuína do poder de um Estado.

Para contrapor a concepção realista das Relações Internacionais, em que o uso da força (Poder Duro) recebe atenção privilegiada, Nye (2004) formula sua teorização de *Poder Brando* com o intuito de definir as duas formas de poder como distintas. Entretanto, não consegue fazer a distinção, porque no complexo contexto do cenário global existe uma relação tênue entre essas duas fontes de poder, que ora se subtraem, ora se complementam.

Reconhecendo essa falha, posteriormente, o autor propõe a teoria do Poder Inteligente que, em síntese, diz respeito à capacidade de combinar Poder Duro e *Poder Brando* na estratégia para garantir a dominação hegemônica da potência central (Estados Unidos) em relação às nações periféricas.

O conceito de *Poder Brando* é, antes de tudo, uma proposta para conseguir a perpetuação da hegemonia norte-americana, e não pode ser entendido se não se tem em conta essa finalidade. Nesse enfoque está presente uma clara aposta pelas capacidades inatas das sociedades abertas e democráticas para seguir aumentando seus recursos de poder, sem que pretenda converter-se em uma teoria universal de como qualquer país possa incrementar seu poder, independentemente do ideário que sustente seu regime político. É partindo desse entendimento que buscamos situar a teleSUR no contexto da disputa de poder político na América Latina, a partir do campo simbólico, atribuindo-lhe a condição de instrumento de *Poder Brando* emergente dos países latino-americanos.

Na concepção de Nye (2004), as últimas décadas foram marcadas pela fragmentação do poder político com a emergência de alguns países na cena internacional. Assim, os Estados Unidos devem catalisar para si esse poder disperso, de forma a não permitir que outros países ameacem sua condição hegemônica. E para não prejudicar sua imagem, vindo a ser rotulado de agressor e intervencionista, deve agir de forma sutil, com auxílio de seu *Poder Brando*.

Para entendermos esses direcionamentos das proposições teóricas do cientista político Joseph Nye (2004), faz-se necessário conhecer sua trajetória política nos Estados Unidos. Desde a década de 1970, o atual professor da *Universidade de Harvard* ocupou diversos cargos na estrutura política norte-americana, especialmente no Departamento de Estado do país.

De 1977 a 1979, foi assistente do Subsecretário de Estado para Assistência em Segurança, Ciência e Tecnologia e presidiu o Grupo do Conselho de Segurança Nacional sobre Não-Proliferação de Armas Nucleares. Em 1993 e 1994, foi presidente do Conselho Nacional de Inteligência. Entre 1994 a 1995 serviu como Secretário Adjunto da Defesa para Assuntos de Segurança Internacional, além de assessor de segurança nacional na campanha presidencial de John Kerry em 2004.

A teoria de Nye (2004) reflete exatamente a postura de um agente de estado norte-americano sobre a conjuntura política internacional. É, sinteticamente, um receituário para a atuação da política externa estadunidense junto as instituições simbólicas para condicionar as demais nações. E trata-se de um olhar epistêmico vaidoso e arrogante, assim como a política externa de seu país, conforme evidencia o exposto a seguir:

Estados Unidos puede actuar sin recibir los aplausos del mundo. Somos tan fuertes que podemos hacer lo que deseemos. Somos el único superpoder mundial, y este hecho es proclive a generar envidia y resentimiento [...]. No necesitamos aliados e instituciones permanentes. Siempre podemos poner en marcha una coalición de la voluntad cuando lo necesitemos. (NYE, 2004, p. 123).

Notamos que o autor superestima a condição de potência econômico-militar dos Estados Unidos e menospreza a possibilidade da emergência de novos atores políticos no contexto internacional, em condições de confrontar a supremacia estadunidense. O pensamento de Nye (2004) se impõe como uma perspectiva supremacista da política externa norte-americana, inferiorizando e condicionando os demais países à subserviência aos *Yankees*. É mais uma forma de sustentar no âmbito epistêmico a hegemonia do país.

Devemos ressaltar, no entanto, que o poder hegemônico norte-americano vem passando por metamorfoses nas últimas décadas, em decorrência de alguns fatores, como a emergência da China, invasões controversas no Oriente Médio, crises europeias, entre outros. E por isso, os Estados Unidos estão buscando meios seguros para a manutenção de seu poderio, considerando que o país enfrenta também, um momento de deterioração de seu poder comercial, produtivo e militar. Para realinhar a posição de destaque estadunidense no sistema internacional, Nye (2004) sugere a expansão do *Poder Brando* do país.

Necesitaremos ser más inventivos en este área, ya sea encontrando formas de mejorar los procedimientos de concesión de visados para los intercambios educativos, animando a más estudiantes americanos a estudiar fuera, repensando el rol de los *Peace Corps*, inventando un programa mayor para extranjeros para que enseñen sus lenguas en escuelas americanas, fundando una corporación para la diplomacia pública que saque provecho de los recursos de los sectores privados y sin ánimo de lucro, o según una miríada de otras vías (NYE, 2004, p. 135).

Nesse ponto, Nye (2004) apresenta mais algumas diretrizes para o fortalecimento e utilização do *Poder Brando* norte-americano. São delineamentos para conquistar mentes e corações e, posteriormente, dominá-los e explorá-los. O processo vai desde exportação de ideologias até a abertura das fronteiras para a entrada de pessoas por meio de programas de distintas naturezas para ensinar suas línguas e internalizar os valores da potência para, posteriormente, disseminá-los em seus países. Trata-se de um projeto duradouro, considerando que o *Poder Brando*, diferentemente do Poder Duro, não apresenta resultados imediatos, pois se consolida com o tempo, e tem resultado e efeito em longo prazo.

O pesquisador fundamenta as bases da teoria do *Poder Brando* na trajetória política, econômica e militar norte-americana, e por esse motivo, é discutível. Os Estados Unidos se consolidaram a partir da Segunda Guerra Mundial, como um verdadeiro império global, lançando mão de todos os mecanismos possíveis para sustentar sua condição e expandir seus domínios sobre as demais nações. Para Nye (2002/2004), o país é detentor de um poder “colossal” e “sem precedentes”, não havendo outro Estado em condição de confrontá-lo.

Ainda segundo ele, “probablemente Estados Unidos seguirá siendo el país más poderoso bien entrado el siglo XXI”. As forças de sustentação do império são controversas porque provêm de relações assimétricas com as nações da periferia do sistema internacional, em grande parte, estabelecida por meio de políticas intervencionistas, com fins a exploração. Quando se trata de países com recursos naturais, como o petróleo, matéria prima da economia estadunidense, as invasões abrem caminho para garantir o *status* da potência.

As invasões e destruições se tornaram corriqueiros em países do Oriente Médio como, por exemplo, no Iraque, Afeganistão, Líbia e, mais recentemente, a Síria. Podemos destacar ainda, o impasse entre Estados Unidos e Venezuela que recentemente teve um novo episódio, com as ameaças do presidente ultradireitista

Donald Trump de usar a força militar contra o país sul-americano.

O político justificou a agressão como forma de preservar os direitos humanos e garantir o direito democrático de manifestação dos venezuelanos. Em resposta, países latino-americanos, como Peru, Colômbia, México, Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil rejeitaram qualquer possibilidade de intervenção militar como solução para a crise venezuelana.

Esse discurso messiânico norte-americano repetido contra a Venezuela, como nos lembra Borón (2007, p. 521), é fundamentado na “crença no destino manifesto que consagrava os Estados Unidos como a terra da liberdade e como a sociedade profética e messiânica a quem Deus havia encomendado a tarefa de semear a liberdade e a democracia por todo o mundo”. A internalização desse pensamento leva à projeção da imagem dissimulada dos Estados Unidos, como um país repleto de virtudes.

Os Estados Unidos aparecem como um benévolo império cuja função messiânica e redentora o impulsiona a deflagrar “guerras humanitárias” para derrotar os malvados, levar a chama da democracia aos mais apartados rincões do mundo e a consagrar a liberdade de comércio como a condição indispensável para a conquista e o desfrute de todas as liberdades e para o fortalecimento da democracia (BORÓN, 2007, p. 503).

Em nome dessa crença os Estados Unidos promovem a expansão de suas políticas imperialistas, levando consigo a “filosofia” impiedosa do capitalismo e da exploração. Combinação que, à medida que estende seus domínios, precariza as condições e o trabalho, amplia as desigualdades e fortalece a concentração de renda entre os mais ricos, pois conforme elucida Sampaio Júnior (2011, p. 07), o imperialismo está imbricado no “modo de funcionamento do sistema capitalista mundial”. E, sendo o Estado norte-americano a maior afirmação do capitalismo, não há como eximir-se do encargo imperialista.

No que concerne aos preceitos imperialistas, os Estados Unidos atuam a partir de três campos de força distintos e que se complementam: o imperialismo político, econômico e cultural. A esse último daremos atenção especial, pois constrange diretamente a prática dos meios de comunicação, foco dessa pesquisa. Mas, como nos esclarecem Beltrán e Cardona (1982, p. 28), o imperialismo cultural é exercido através de variados mecanismos, que “vão desde a influência manifesta

em colégios e universidades até outras, menos notórias e aparentemente inócuas, tais como o turismo e a pregação religiosa”.

Nesse ponto, cabe ressaltar que são as medidas de concretização das ações de influência econômica e política que abrem caminho para essa forma de dominação, igualmente preocupante, que é a cultural, como nos dá conta Beltrán e Cardona (1982, p. 27):

É lógico esperar que uma nação que exerce influência econômica e política sobre outros países também exerça influência cultural sobre eles. Se se tratasse de uma influência recíproca, haveria uma situação de intercâmbio cultural equilibrada, legítima e conveniente. Porém, quando a cultura de um país central e dominante *impõe unilateralmente* sobre os países periféricos *em detrimento da integridade cultural destes últimos*, então estamos diante de uma situação de imperialismo cultural. Evidentemente, este último caso é muito mais frequente que o primeiro.

Apesar de existirem distintos canais para a disseminação desse tipo de imposição de valores culturais, “é a comunicação de massa que se converte no instrumento, por excelência, do imperialismo cultural dos Estados Unidos” (BELTRÁN; CARDONA, 1982, p. 28). Nesse sentido, afirmam ainda os pesquisadores:

O imperialismo cultural através da comunicação não é um fenômeno ocasional e fortuito. Para os países “imperiais”, trata-se de um processo vital destinado a assegurar e manter a dominação econômica e a hegemonia política sobre os demais. Este é, evidentemente, o caso das relações entre os Estados Unidos e a América Latina (BELTRÁN; CARDONA, 1982, p. 29).

Nesse contexto, Beltrán, Cardona (1982) e Guareschi (1987) são contundentes ao afirmarem que os Estados Unidos exercem sobre a América Latina seu poderio imperialista político, econômico e cultural. E os autores aprofundam as discussões sobre a dominação a partir das culturas, através do qual a mídia desempenha a função de instrumento legitimador.

Guareschi (1987), por exemplo, reforça que, à luz do imperialismo cultural, dentro de um determinado país, os meios de comunicação de massa legitimam a dominação de uma classe sobre a outra, “assim também, entre diversos países, eles servem como legitimadores do imperialismo de um país sobre o outro” (GUARESCHI, 1987, p. 21).

Segundo esse o autor, essa situação se torna ainda mais grave quando as sociedades subservientes à postura imperialista sofrem com a defasagem de “intelectuais sofisticados” e possuem indicadores educacionais baixos, porque isso potencializa a condição dos meios de comunicação de massa como “instrumentos do que foi eufemisticamente chamado de *modernização*” (GUARESCHI, 1987, p. 21), em que há o uso instrumental desses meios para implantar valores imperialistas.

Nessa perspectiva, trazemos o conceito de imperialismo cultural apresentado por Guareschi (*apud* SCHILLER, 1987, p. 65), para quem trata-se da

Soma dos processos pelos quais uma sociedade é introduzida (à força) no sistema mundial moderno e como estrato dominante dessa sociedade é atraído, pressionado e mesmo forçosamente conduzido a criar instituições sociais avançadas (de elite) que correspondam aos valores e estruturas do centro dominante do sistema mundial, ou mesmo que os promovam.

Beltrán e Cardona (1982) anteciparam a preocupação de Guareschi (1987), destacando que o imperialismo cultural através da comunicação não é um fenômeno que acontece por acaso: é algo articulado que, “para os países “imperiais”, trata-se de um processo vital destinado a assegurar e manter a dominação econômica e a hegemonia política sobre os demais” (BELTRÁN; CARDONA, 1982, p. 29). Este caso exemplifica claramente as relações entre os Estados Unidos e a América Latina que estamos discutindo.

Mesmo com as evidências da atuação da mídia em favor da efetivação do imperialismo norte-americano, Guareschi (1987, p. 65) enfatiza que “não é fácil identificar muitas vezes o papel oculto dos meios de comunicação na legitimação do imperialismo cultural”.

Suscitar a discussão sobre o imperialismo cultural norte-americano faz-se necessário neste trabalho, por entendermos que é através dele que o centro hegemônico efetiva sua dominação, utilizando como ferramenta os meios de comunicação de massa. Esse é um dos principais fundamentos que explica, ainda que em partes, a forte presença de veículos estrangeiros, principalmente norte-americanos, atuando na América Latina.

É uma forma de assegurar o controle da potência do norte sobre as nações latino-americanas, inclusive, interferindo nas decisões políticas internas, como por

exemplo, apoiando grupos políticos com postura ideológica de direita, ou articulando a destituição de governos ideologicamente orientados à esquerda, que não aceitam as imposições políticas verticalmente determinadas pela Casa Branca, postura que está registrada na historiografia regional.

Gentili e Vommaro (2016) explicam que é importante compreender as dimensões da crise capitalista que acomete o mundo atualmente, assim como as derrotas que os governos populares da América Latina impuseram à política intervencionista estadunidense, “algunas de ellas muy vigorosas y de alcances casi inimaginables algunos años atrás” (GENTILI; VOMMARO, 2016, p. 11). Por esse motivo, alertam os autores, nos anos mais recentes os Estados Unidos está se reposicionando estrategicamente na região, aproveitando-se das derrotas eleitorais e as crises políticas dos governos progressistas, o que tem permitido ao governo norte-americano novo impulso em suas ambições intervencionistas.

Superado o período dos golpes militares na América Latina, com apoio e, em alguns casos, executado pelos Estados Unidos, sendo o último caso o da Venezuela em 2002, no qual o presidente venezuelano Hugo Chávez foi detido ilegalmente por militares e ficou fora do poder por 47 horas, o país norte-americano atualizou a estratégia de intervenção e passou a incentivar golpes brandos, seja através dos parlamentos ou dos poderes judiciários, como o de Honduras, em 2009, que destituiu o presidente Manuel Zelaya. Frente a esse golpe houve uma reação latino-americana conjunta (MORGENFELD, 2016).

La UNASUR también actuó rápidamente ante el intento separatista en Bolivia y el levantamiento policial contra Rafael Correa en Ecuador. En febrero de 2010, además, se creó la Comunidad de Estados Latinoamericanos y Caribeños (CELAC), una asociación continental que excluye a Estados Unidos y Canadá. Impulsada por el eje bolivariano y resistida por el Departamento de Estado, la CELAC podría convertirse en un instrumento inédito e histórico de coordinación latinoamericana por fuera del control de Washington. La cumbre inaugural se realizó en Caracas (diciembre de 2011) y luego hubo reuniones presidenciales en Santiago de Chile (enero de 2013), La Habana (enero de 2014) y San José de Costa Rica (enero de 2015) (MORGENFELD, 2016, p. 383).

Como notamos, o histórico de intervenções da política externa estadunidense sofreu fortes resistências nos anos em que avançaram as iniciativas de integração, expansão econômica e política na América Latina: “Mercosur, aparición de la Comu-

nidad Sudamericana de Naciones, luego Unión de Naciones Suramericanas (UNASUR), creación de la Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América-Tratado de Comercio entre los Pueblos (ALBA-TCP)” (MORGENFELD, 2016, p. 383).

Todas essas iniciativas se desenvolveram paralelamente à Organização dos Estados Americanos (OEA), instituição onde se desenvolvem as relações interamericanas e que é dominada por Washington desde o pós-guerra. A perda de influência do país na própria OEA culminou, inclusive, com a revogação da expulsão de Cuba, a partir de pressões feitas a Barack Obama pelos países latino-americanos, durante a Cúpula das Américas de 2009 no Panamá.

Pelo exposto, entendemos que a história ingerencista se repete, ainda que com novos contornos. Beltrán e Cardona (1982), por exemplo, dão conta de que documentos oficiais e privados dos Estados Unidos revelam que esse país se comprometeu com esforços secretos de conspiração comunicacional na América Latina, para promover a derrubada de governos legitimamente eleitos na região.

Os Estados Unidos têm-se colocado tradicionalmente ao lado de governos conservadores e autoritários, militares ou civis, da América Latina, que asseguram a continuidade de sua dominação. Invariavelmente, os Estados Unidos também têm-se oposto a todas as tentativas de mudança social, econômica ou política, formuladas em nosso continente com vistas à sua emancipação (BELTRÁN; CARDONA, 1982, p. 27).

Guareschi (1987) segue essa mesma linha de pensamento ao apontar para as estratégias comunicativas da mídia internacional a serviço do império, para não permitir a articulação política insurgente de grupos locais contra a ordem estabelecida, ou pelo menos pretendida. Para o autor, “grande parte das mensagens de programação estrangeira são contra movimentos políticos de base, ou populares, e apoiam ideologias tradicionais” (GUARESCHI, 1987, p. 64).

Podemos citar como exemplos contemporâneos Cuba, Venezuela, Bolívia, Equador e Brasil, que elegeram políticos insurgentes à ordem estabelecida e que enfrentam as duras investidas da política norte-americana para desestabilizá-los e abrir caminho para governos tradicionalmente servís. A considerar que as decisões políticas tomadas na região em sua maioria “são objeto de uma influência decisiva de procedimentos de coação e persuasão dos Estados Unidos, com vistas à preservação do status quo” (BELTRÁN; CARDONA, 1982, p. 39).

E, para tanto, lança mão de diversos mecanismos para executar sua política

intervencionista, entre eles, a manipulação das notícias e da publicidade comercial. Essa influência cultural opressiva dos Estados Unidos sobre as nações latino-americanas, consumada pela comunicação, coloca em grande perigo a integridade de nossas culturas nativas (BELTRÁN; CARDONA, 1982).

Nye (2004), ao discutir o imperialismo atribuído aos Estados Unidos, procura minimizar o real significado do termo, quando aplicado ao *modus operandi* da política exterior estadunidense. Para ele, intelectuais da “esquerda radical” utilizaram o termo “Império Americano” como um epíteto depreciativo, e que esse passou por um processo de resignificação. “Ahora el término ha salido fuera del armario y es usado por numerosos analistas tanto de la izquierda como de la derecha para explicar y guiar la política exterior americana” (NYE, 2004, p. 128).

Sobre essa perspectiva, Borón (2007) explana que, com o fim da União Soviética, os idealizadores epistêmicos e práticos da projeção internacional dos Estados Unidos perderam o principal artifício que justificava a abertura das fronteiras de outras nações para a entrada de seus aparatos de dominação.

Para os ideólogos do império, sempre preocupados em ocultar sua essência exploradora e predatória, a nova realidade que se configura com a desaparecimento da União Soviética desata uma ampla discussão sobre a natureza da nova ordem imperial cuja existência e violentas características já não podem seguir ocultando-se sob o manto do enfrentamento entre “mundo livre” e “totalitarismo comunista” próprio dos anos da Guerra Fria (BORÓN, 2007, p. 502).

Joseph Nye (2004) relativiza a conceituação e críticas ao imperialismo norte-americano e, ao discutir a projeção do poderio do país, não relata como esse poder é imposto sobre as demais nações, tampouco discute a condição de potência capitalista dos Estados Unidos, alicerçada na exploração. Segundo ele, a discussão sobre o império norte-americano deve centrar-se em como o país poderia operar a nível tático para dirigir um “mundo ingovernable”.

En muchos sentidos la metáfora del imperio es seductora. El ejército americano tiene una proyección global con bases alrededor del mundo y sus comandantes regionales algunas veces actúan como si fuesen procónsules e incluso son llamados procónsules en la prensa. El inglés es una lengua franca como lo fue el latín. La economía americana es la mayor del mundo, y la cultura americana funciona como un imán. Pero es un error confundir las políticas de primacía con las del imperio. Aunque ciertamente existen relaciones desiguales entre Estados Unidos y potencias más débiles, y que

pueden conducir a la explotación ante la ausencia de control político formal, el término “imperial” puede llevarnos al error (NYE, 2004, p. 129).

Notamos que as afirmações de Nye (2004), no que concerne aos Estados Unidos, ora rejeitam o caráter imperialista, ora conclamam o país a potencializar os fluxos de seus bens simbólicos para os demais países do planeta, com o objetivo de dominá-los, garantindo, assim a supremacia. Sobre isso Borón (2007, p. 503) destaca que, “se antes os intelectuais orgânicos do sistema insistiam em exaltar os valores republicanos e democráticos, agora assumem claramente, e sem remorso algum, sua condição de imperialistas”.

Para refutar o caráter imperialista estadunidense, Nye (2004) faz um paralelo comparativo entre os Estados Unidos contemporâneos e o antigo Império Britânico, afirmando que na atuação de ambos na política global, considerando as épocas de ambos, os norte-americanos têm um controle menor sobre o comportamento no interior de outros países, em relação ao Reino Unido, quando esse dominava um quarto do território do planeta, e mantinha seus oficiais controlando escolas, impostos, leis, políticas, inclusive, praticando governo indireto através de protetorados (NYE, 2004).

No entanto, Borón (2007, p. 508) explica que a natureza imperialista norte-americana não se restringe unicamente ao controle e ampliação territorial. “Esgotados os espaços de expansão territorial, o imperialismo volta-se sobre a sociedade e desata um selvagem processo de mercantilização universal: tal é o caso dos serviços públicos e da agricultura, entre outros”.

O autor aclara também que o país monopolizou a partilha territorial do planeta e exemplifica com a ocupação do Iraque, Afeganistão, seu crescente e constante controle sobre o espaço da Ásia Central, suas “indissimuladas” ambições de controlar a Amazônia, e a corrida para apoderar-se de recursos naturais, como petróleo e água (BORÓN, 2007).

As fronteiras imateriais, ao contrário, são cenários nos quais se travam batalhas sem quartel na corrida para apropriar-se das empresas públicas dos países da periferia mediante privatizações; e converter antigos direitos em rentáveis mercadorias. As privatizações e desregularizações dos serviços públicos de saúde, de educação e de assistência social, para citar apenas os mais importantes, abrem um enorme espaço imaterial que substitui, ainda que somente em parte, a disputa territorial e insufla novos ares ao imperialismo

(BORÓN, 2007, p. 508).

A semelhança do relato de Borón (2007) nesse trecho com os dramas da realidade atual dos países latino-americanos, principalmente Argentina e Brasil, assolados por propostas de reformas, não é apenas uma infeliz coincidência: trata-se do resultado do modo de operação do sistema capitalista neoliberal nos países periféricos, alicerçado nas diretrizes do imperialismo norte-americano.

O estado norte-americano adquiriu um papel central e insubstituível na estrutura imperialista mundial. Desta forma, hoje em dia o imperialismo é mais que nunca o imperialismo norte-americano, devido à capacidade manifestada para subordinar sob sua hegemonia, de maneira clara e contundente, os possíveis rivais que poderiam se interpor em seu caminho (BORÓN, 2007, p. 510).

A imposição das políticas imperialistas dos Estados Unidos sobre os demais países, conforme já discutimos anteriormente, é feita através da coação (*Poder Duro*), do convencimento (*Poder Brando*), ou da combinação dos dois (*Poder Inteligente*). Detentor da maior força militar do planeta, o país nortista ampliou seus mecanismos de domínio exportando ideologias através dos meios de informação e comunicação.

O outro novo instrumento de dominação imperialista é o quase absoluto predomínio que os Estados Unidos adquiriram no crucial terreno da circulação das idéias e da produção de imagens audiovisuais. O imperialismo hoje se reforça com um imperialismo cultural, que através do enorme desenvolvimento dos meios de comunicação de massas torna possível a imposição das idéias e dos valores da sociedade norte-americana de forma tal que nenhuma das experiências imperiais anteriores pôde sequer sonhar. Cerca de três quartos das imagens audiovisuais que circulam pelo planeta são produzidas nos Estados Unidos, projetando deste modo uma imagem propagandística, e falsa até a medula, do sistema e de suas supostamente ilimitadas capacidades para satisfazer todas as aspirações materiais e espirituais da humanidade (BORÓN, 2007, p. 511).

Entretanto, mesmo com o fortalecimento do *Poder Brando* difundido através da mídia, os Estados Unidos não abriram mão de incrementar suas capacidades militares. Estão dispersas mais de 750 bases e missões militares em 128 países, “uma máquina de guerra sem paralelo na história da humanidade e baluarte final para a defesa do sistema imperialista mundial” (BORÓN, 2007, p. 510).

Para ampliarmos o debate sobre o poder exercido pelos Estados Unidos em relação às nações latino-americanas, buscamos o conceito de *Colonialidad del Poder*, na perspectiva do sociólogo peruano Aníbal Quijano (1992) e do semiótico argentino Walter Mignolo (2010). Para esses autores, assim como no âmbito político e econômico, a concepção de centros e periferias no sistema internacional foi levada também para o contexto do conhecimento e da filosofia (MIGNOLO, 2010).

La colonialidad del poder está atravesada por actividades y controles específicos tales la colonialidad del saber, la colonialidad del ser, la colonialidad del ver, la colonialidad del hacer y del pensar, la colonialidad del oír, etc. Muchas de estas actividades pueden agruparse bajo la colonialidad del *sentir*, de los sentidos, es decir, de la *aeshtesis*. [...] En suma, colonialidad del poder remite a la compleja matriz o patrón de poder sustentado en dos pilares: el conocer (epistemología), entender o comprender (hermenéutica) y el sentir (*aesthesis*) (QUIJANO, 1992, p. 12).

Quijano (1992) explica que o colonialismo - derrotado na ampla maioria dos casos, sendo na América o primeiro cenário dessa derrota - enquanto sistema formal de dominação direta (política, social e cultural), que se encarregava de estabelecer uma relação de controle direto de umas sociedades sobre outras “conquistadas”, foi sucedido pelo imperialismo, “una asociación de intereses sociales entre los grupos dominantes (clases sociales y/o “etnias”) de países desigualmente colocados en una articulación de poder, mas que una imposición desde el exterior” (QUIJANO, 1992, p. 11). Para o autor peruano:

La colonialidad, en consecuencia, es aún el modo más general de dominación en el Mundo actual, una vez que el colonialismo como orden político explícito fue destruido. Ella no agota, obviamente, las condiciones, ni las formas de explotación y de dominación existentes entre las gentes. Pero no ha cesado de ser, desde hace 500 años, su marco principal (QUIJANO, 1992, p. 14).

A colonialidade, impulsora do imperialismo, mantém a relação de dominação colonial, mas não diz respeito apenas a subordinação das culturas dominadas, em uma relação de fora para dentro. Trata-se de uma colonização das outras culturas, desde seu interior, no sentido mais profundo do termo, ainda que em diferentes intensidades e profundidades. “Consiste, en primer término, en una colonización del

imaginário de los dominados. Es decir, actúa en la interioridad de ese imaginario. En una medida, es parte de él” (QUIJANO, 1992, p. 12).

Embora trate da colonialidade europeia sobre as sociedades latinas, Quijano (1992) contribui sobremaneira para o entendimento das relações norte-americanas para com a América Latina na atualidade. O pesquisador explica que as formas e os efeitos dessa colonialidade cultural, tem sido diferentes de acordo com os momentos e os casos.

En America Latina, la represión cultural y la colonización del imaginario, fueron acompañadas de un masivo y gigantesco exterminio de los indígenas, principalmente por su uso como mano de obra desechable, además de la violencia de la conquista y de las enfermedades. La escala de ese exterminio (si se considera que entre el área azteca-maya-caribe y el área tawantinsuyana fueron exterminados alrededor de 35 millones de habitantes, en un período menor de 50 años) fue tan vasta que implicó no solamente una gran catástrofe demográfica, sino la destrucción de la sociedad y de la cultura. Entre la represión cultural y el genocidio masivo, llevaron a que las previas altas culturas de América fueran convertidas en subculturas campesinas iletradas, condenadas a la oralidad. Esto es, despojadas de patrones propios de expresión formalizada y objetivada, intelectual y plástica o visual. En adelante, los sobrevivientes no tendrían otros modos de expresión intelectual o plástica formalizada y objetivada, sino a través de los patrones culturales de los dominantes, aun si subvirtiéndolos en ciertos casos, para transmitir otras necesidades de expresión. America Latina es, sin duda, el caso extremo de la colonización cultural (QUIJANO, 1992, p. 13).

Como verificamos, a colonialidade se ocupa de controlar instâncias paradigmáticas da sociedade e as pessoas, estabelecendo padrões culturais, com fins à dominação. E são parâmetros racistas, patriarcais, cristãos, heteronormativos e genocidas (QUIJANO, 1992). Além disso, ao efetivar o imperialismo, as nações dominantes tiram vantagens do processo e as dominadas sofrem as consequências (MIGNOLO, 2010).

Mignolo (2010) afirma também, que a matriz colonial de poder é uma estrutura complexa que possui vários níveis de controles e que esses estão entrelaçados. “Control de la economía; Control de la autoridad; Control de la naturaleza y de los recursos naturales; Control del género y la sexualidad; Control de la subjetividad y del conocimiento” (MIGNOLO, 2010, p. 12).

Em acordo com essa perspectiva, Borón (2007) aponta também para o emprego do efetivo armado norte-americano, com o aumento do contingente militar

na Colômbia, apoio ao golpe militar em Honduras (2009), ameaças de Hillary Clinton contra Venezuela e Bolívia por sua aproximação ao Irã, os milhares de assassinatos cometidos por Israel na faixa de Gaza, com a cumplicidade de Washington, a angústia dos iraquianos com a invasão e destruição do país e a intensificação da presença militar no Afeganistão.

Somam-se a esses exemplos a invasão e desestruturação da Líbia, tentativas de desestabilizar o governo de Bashar al Assad, na Síria, que tem apoio da Rússia. Também as manobras militares conjuntas com a Coreia do Sul para intimidar o regime de Kim Jong-un, da Coreia do Norte, que, contrariando os apelos e sanções da comunidade internacional, tem avançado com o programa nuclear do país. Além de ter seus interesses respaldados na América Latina com as deposições de Fernando Lugo (Paraguai, 2012), Dilma Rousseff (Brasil, 2016), a eleição do empresário direitista Mauricio Macri (Argentina, 2016) e etc.

Sobre isso, enquanto Nye (2004) aviva a necessidade de potencializar o *Poder Brando* estadunidense, Quijano (1992) aponta que a alternativa para a destruição desse poderio opressor e ingerencista *yankee*, é a sumária destruição da colonialidade do poder mundial, partindo da descolonização do saber.

En primer término, la descolonización epistemológica para dar paso a una nueva comunicación intercultural, a un intercambio de experiencias y de significaciones, como la base de una otra racionalidad que pueda pretender, con legitimidad, alguna universalidad. Pues nada menos racional, finalmente, que la pretensión de que la específica cosmovisión de una etnia particular sea impuesta como la racionalidad universal, aunque tal etnia se llame Europa Occidental. Porque eso, en verdad, es pretender para un provincianismo el título de universalidad (QUIJANO, 1992, p. 19/20).

Ao longo da história, a América Latina tem sido marcada por constantes agressões da política externa estadunidense, como golpes militares apoiados e/ou executados por Washington, intervencionismo, imposição econômica, precarização das relações de trabalho e agressiva exploração de recursos naturais. Sampaio Junior (2011, p. 10) enfatiza que, como “campo de operação de conglomerados internacionais e zona exclusiva de influência dos Estados Unidos [...], o novo contexto histórico afetou a América Latina em todas as dimensões de sua vida econômica, sociocultural e política”.

Esse conjunto de fatores, ainda de acordo com o autor, tornaram os novos

tempos particularmente sombrios para os países situados na periferia do sistema capitalista mundial.

As janelas de oportunidades que seriam abertas pela participação na ordem global revelaram-se verdadeiras armadilhas. As políticas de liberalização da economia desarticularam os centros internos de decisões, deixando a região à mercê dos capitais internacionais. [...] Submetidas à ferocidade da concorrência global e ao despotismo das potências imperialistas, as sociedades que fazem parte da periferia do sistema capitalista tornaram-se presas de um processo de reversão neocolonial que coloca em questão a sua própria sobrevivência como Estado nacional capaz de controlar minimamente as taras do capital (SAMPAIO JUNIOR, 2011, p. 09).

A capacidade corrosiva do capital internacional se tornou a principal marca do imperialismo na contemporaneidade. As nações latino-americanas e outras periféricas foram submetidas às regras dos centros e “incluídas” na ordem econômica global para, unicamente, coadjuvar o protagonismo das economias desenvolvidas, considerando que não possuíam estrutura para competir no cenário internacional. Ainda que tenham se inserido no contexto do progresso técnico, não conseguiram usufruir do “desenvolvimento”, pois esse “veio acompanhado de uma sistemática deterioração das condições de vida da maioria da população” (SAMPAIO JUNIOR, 2011, p. 10).

Para esse autor, a lista de contradições do modelo de desenvolvimento liderado pelo império norte-americano é ainda mais extensa e que, para compreendê-las, é necessária uma profunda e sistemática reflexão sobre os artífices do imperialismo na atualidade, bem como sua forma específica de funcionamento na América Latina.

Nessa região o imperialismo tem como marca o aumento do desemprego, retorno de formas de trabalho escravo, avanço do agronegócio, ausência de recursos para financiar serviços públicos, atropelo das populações indígenas e de seu modo de vida, a escalada sem precedentes da depredação do meio ambiente, corrupção, proliferação de bases militares norte-americanas em todos os pontos do Continente (SAMPAIO JUNIOR, 2011).

Esse contraponto mostra que a visão determinista de Joseph Nye (2004), apresentada na teoria do *Poder Brando*, de que os Estados Unidos é uma nação necessária para garantir a sobrevivência e o bem estar da humanidade, revela a insensibilidade dos estadunidenses com relação aos interesses coletivos, salvo os

seus próprios.

Portanto, conforme discutimos ao longo desse capítulo, as proposições da teoria do *Poder Brando* (2004) apresentam os meios de comunicação e informação como instrumentos eficazes para o exercício do poder político através da persuasão, com ressalvas para as observações que realizamos. Mesmo contestando a postura imperial dos Estados Unidos no sistema internacional, Nye (2004, p. 121) reconhece que “el antiamericanismo ha crecido en los últimos años”.

Na América Latina a resistência ao imperialismo teve grande impulso com as vitórias de políticos vinculados à esquerda e a criação de instituições paradigmáticas de fortalecimento da autonomia dos países regionais, como a Comunidade dos Estados Latino-americanos e Caribenhos (Celac) e União de Nações Sul-americanas (Unasul). Assim como o surgimento de propostas no campo das ideias, em oposição ao *Poder Brando* norte-americano, como a *Televisión del Sur* (teleSUR), que faz frente aos conglomerados midiáticos estrangeiros na região, e a *Escuela Internacional de Cine e Televisión* de Cuba encarregada de sobrepujar o predomínio de *Hollywood* na produção cinematográfica da/para os países latinos.

1.3 PERCURSO METODOLÓGICO

Destacamos a metodologia como ferramenta norteadora que orienta o trabalho do pesquisador e garante sua consistência científica. Gil (2009, p. 8) define o método “como o caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”. A pesquisa bibliográfica é constante em todo trabalho acadêmico. E consiste no estudo de livros, artigos científicos e material teórico produzidos sobre o tema que se vai desenvolver.

Entendemos que uma das funções da pesquisa bibliográfica é possibilitar o acesso às produções teóricas relacionadas com o tema abordado, reduzindo as distâncias existentes entre o pesquisador e as informações levantadas sobre o objeto de estudo, em quantidade superior à da capacidade de investigação individual.

A pesquisa documental é uma técnica aplicada a documentos atuais ou retrospectivos, “que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (GIL, 2009, p. 51).

Essas são as principais características que a diferem da pesquisa bibliográfica. Assim, destacamos a relevância desse procedimento metodológico, por apreender documentos escritos com enfoque inédito, a fim de subsidiar a construção teórica.

No presente trabalho, a técnica documental foi utilizada na coleta das reportagens analisadas que foram veiculadas em 2014 na *teleSUR* e *CNN en Español*. Esse passo de investigação se mostrou necessário para entender a relevância social da pesquisa, que é discutir a relação da mídia com os aparatos de poder e a abordagem de fatos relacionados aos seguimentos da sociedade latino-americana, historicamente marginalizados, como os militantes sociais.

Outro método que utilizamos é a Análise de Discurso de linha francesa (AD), que concebe os discursos como práticas sociais determinadas, existentes dentro de um contexto histórico e social em que as pessoas agem sobre o mundo e sobre os outros. Todo discurso apresenta marcas de uma ou de várias ideologias e explicitá-las é um dos objetivos da AD francesa, fundamentada nos pilares da Linguística, do Materialismo Histórico de base Marxista e da Psicanálise.

A Análise de Discurso tal como a conhecemos no Brasil – na perspectiva que trabalha o sujeito, a história, a língua – se constitui no interior das consequências teóricas estabelecidas por três rupturas que estabelecem três novos campos de saber: a que institui a Linguística, a que constitui a Psicanálise e as que constitui o Marxismo. Com a linguística ficamos sabendo que a língua não é transparente, ela tem sua ordem marcada por uma sua materialidade que lhe é própria. Com o Marxismo ficamos sabendo que a história tem sua materialidade: o homem faz a história, mas ela não lhe é transparente. Finalmente, com a Psicanálise, é o sujeito que se coloca como tendo sua opacidade: ele não é transparente nem para si mesmo. São, pois, essas diferentes formas de materialidade – de não transparência – que vão constituir o cerne do conhecimento de cada um desses campos de saber (ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2006, p. 13).

Na avaliação de Orlandi (2010), o lugar de onde o sujeito do discurso enuncia, principalmente o institucional, é determinante do que ele diz: “como nossa sociedade é fundamentada por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’” (ORLANDI, 2010, p. 39).

Assim, os objetos de estudo apreendidos pela Análise de Discurso são partes extraídas do contexto sócio-histórico, no qual atuam os sujeitos discursivos. O discurso é apresentado como uma “prática social”, com regras e normas que dão

conta de certo número de enunciados. Além disso, os discursos são práticas polifônicas e referenciais, ou seja, para se constituírem como tal, evocam e referem-se a outros discursos já produzidos. E o fazem através da linguagem, que possui normas próprias de funcionamento.

A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI, 2010, p. 15).

A função da AD é revelar os sentidos ocultos, os discursos, produzidos pela linguagem e materializados nos textos. Aquilo que está verbalizado não revela literalmente o que está dito. Existem ditos que só são visíveis a partir de uma análise aprofundada. E, conforme explica Verón (2004) “as ausências, aqui como em toda parte, dizem tanto quanto às presenças” (VERÓN, 2004, p. 49).

Orlandi (2010) complementa o autor argentino, destacando que a AD procura “ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (ORLANDI, 2010, p. 59). Os sujeitos, propositalmente ou de forma inconsciente, expressam através da fala, discursos, entretanto, esses necessitam de *prismas* especiais para serem visualizados e compreendidos. É por isso que a Análise do Discurso vai além do que está materializado.

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2010, p. 15).

Verón (2004) reforça essa perspectiva ressaltando que a materialidade do discurso, o texto, apresenta marcas e são elas que trazem os indícios das condições de produção e das referências presentes no discurso do sujeito.

Uma superfície textual é composta por marcas. Estas marcas podem ser interpretadas como os traços de operações discursivas subjacentes, remetendo às condições de produção do discurso, cuja economia de conjunto define o marco das leituras possíveis, o marco dos efeitos de sentido desse discurso. As operações não são,

portanto, elas próprias, visíveis na produção textual: elas devem ser reconstruídas (ou postuladas) a partir das marcas na superfície (VERÓN, 2004, p. 65).

Ao falar, o sujeito produz sentidos, e são eles que a AD busca apreender. Para tanto, leva em consideração a relação do homem com a realidade e com o contexto sócio histórico. Orlandi (2010, p. 16) reforça que “para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista do discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade”. E nesse sentido, o trabalho da AD, dentre outras coisas, é preencher as lacunas deixadas pela Linguística, Psicanálise e Marxismo.

Interroga a linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (ORLANDI, 2010, p. 20).

Para Verón, as marcas discursivas estão presentes em toda materialidade linguística. E não existem textos mais ideológicos que outros. Ele exemplifica que é possível que um texto com a temática esportiva possua tanta ideologia quanto outro sobre o tema político. O autor destaca também, que há diferença entre texto e discurso. Enquanto o texto responde pela base material da língua, o visível, o palpável, o discurso, que se materializa na língua, tem a ver com os sentidos e postulados enunciados pelos sujeitos falantes.

O termo “discurso” ressalta uma certa abordagem dos fenômenos de sentido. É por isso que “discurso” e “texto” não são sinônimos. “Texto” é uma expressão equivalente a “conjunto significante”: designa um “pacote” de matérias significantes (linguísticas e outras), independentemente do modo de abordar sua análise. “Análise discursiva” já implica um certo número de postulados, que fazem como que o texto não seja abordado de uma maneira qualquer (VERÓN, 2004, p. 61).

Orlandi (2010) problematiza a noção que se tem de discurso, em sua definição, baseado no “esquema elementar de comunicação”, constituído de emissor, receptor, código, referente e mensagem: “temos então que: o emissor transmite uma mensagem (informação) ao receptor, mensagem essa formulada em um código referindo a algum elemento da realidade – o referente” (ORLANDI, 2010, p. 20/21).

De acordo com a autora, a AD não concebe o discurso como transmissão de informação, tampouco segue essa linearidade na disposição dos elementos de comunicação, colocando a mensagem como um elemento de diálogo despretensioso em que “alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a” (ORLANDI, 2010, p. 21). O processo discursivo é mais complexo e requer o estabelecimento de referências para entender que os diálogos são simultâneos nesse processo, sem definição de hierarquia de discurso.

Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso. Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. Por outro lado, tampouco assentamos esse esquema à ideia de comunicação. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: discurso é efeitos de sentidos entre locutores (ORLANDI, 2010, p. 21).

No que diz respeito ao discurso dos meios de comunicação, Verón (2004) traz significativa contribuição ao considerar que os telespectadores, são agentes ativos no processo, dando “as cartas” no que ele chama de “contrato comunicativo”, a partir de seus modos de receber e responder ao discurso que lhe é dirigido. Nesse contexto, há um processo de reciprocidade discursiva, considerando que a forma como o receptor reconhece, internaliza, ressignifica e responde aos discursos influencia o “modo de dizer” dos enunciados.

Sobre os objetos possíveis de serem analisados pela Análise de Discurso francesa, Verón (2004) destaca os acontecimentos sociais veiculados na mídia, pois, segundo ele, esses acontecimentos “inserem-se de maneira regular nos meios de comunicação de massa e em períodos temporais fixos” (VERÓN, 2004, p. 91), o que facilita ao analista encontrar as referências discursivas de tal acontecimento.

Assim, entendendo a mídia como uma plataforma onde os acontecimentos sociais se

inserir regularmente, adentraremos a discussão a respeito do ambiente comunicacional latino-americano, apresentando o contexto histórico e aspectos atuais da mídia presente na região. E nesse sentido, apresentamos aspectos político-editoriais e comunicativos das emissoras teleSUR e CNN en Español.

2 A MÍDIA LATINO-AMERICANA E A PRESENÇA DE MEIOS DE COMUNICAÇÃO ESTRANGEIROS NA REGIÃO: O CASO DA TELESUR E CNN EN ESPAÑOL

Machado de Assis dizia que no Brasil existem dois países: o país oficial e o país real. E ele dizia que o país real é bom, revela os melhores instintos, mas o país oficial é caricato e grotesco. Então, ele não disse isso não, mas eu interpreto: o Brasil real é o Brasil do povo, dos despossuídos. O Brasil oficial é o Brasil dominado pelo mercado e pelo consumo. Então, se ele nascesse hoje, Machado de Assis, ele veria que a distinção continua e o país oficial está pior. Mais caricato e mais grotesco que no tempo dele. Só mudou porque a gente queria ser francês no século 19, e atualmente a gente quer ser caricatamente, grotescamente americano (ARIANO SUASSUNA - Imperialismo: Dominação aplicada à arte, 2016).

Antes de iniciarmos a discussão da temática proposta neste capítulo, cabe destacar que, embora parte dos exemplos trazidos na bibliografia se refira a realidade das últimas três décadas do século passado, a maioria das problemáticas persistem até os dias atuais, algumas inclusive, em estágios mais graves que à época. Mas há que se ressaltar os avanços na área da comunicação, resultados de iniciativas, cujo objetivo é formular políticas de comunicação para fazer frente ao controle político sistemático da mídia.

Desde o início dos anos 1970, quando a América Latina vivia a efervescência político-social na luta por democracia, a população já enfrentava o problema da identidade cultural do continente “afetada pela presença de uma realidade alienígena nos meios de comunicação” (MATTA, 1982, p. 11). A partir da constatação dessa deformidade e outros agravantes como o monopólio da mídia, sob o controle da elite dominante, intelectuais latino-americanos começaram um processo de “tomada de consciência acerca do problema da comunicação” (MATTA, 1982, p. 11).

Os pesquisadores e pesquisadoras começaram a problematizar os efeitos danosos desse *modus operandi* da mídia local e estrangeira presente na região, que se tornou alheia à sua própria realidade.

Conceitos tradicionais de comunicação que durante muitos anos

permaneceram intactos são agora questionados. As instituições de produção, capacitação e pesquisa em comunicação estão agora revendo suas tradicionais orientações. A estrutura, as operações, o financiamento e a influência dos meios de comunicação de massas passam a ser avaliados criticamente. A definição de notícia imposta pelos Estados Unidos já não é aceita universalmente. Também são submetidos à revisão os conceitos clássicos de liberdade de informação e direitos da comunicação. A concepção da própria natureza do processo de comunicação acha-se submetida a uma análise séria (BELTRÁN; CARDONA, p. 17/18).

Além disso, outro problema crônico permeava o universo midiático na região, que era a situação de dependência dos meios de comunicação locais para com os Estados Unidos. As elites locais, para continuar a manter seu domínio e seguir sustentando o poderio econômico, atendiam aos imperativos da política norte-americana como forma de assegurar a submissão da classe social pobre.

Os setores proprietários dos meios de comunicação, estreitamente vinculados aos círculos de poder econômico em nossos países, aceitaram uma relação de dominação com o centro transnacional, e nos meios de comunicação sob seu comando, esta dominação tornou-se algo palpável, quantificável, real (MATTA, 1982, p. 13).

Para os Estados Unidos se tratava de uma relação proveitosa, pois o país tinha a América Latina, praticamente, como uma extensão de seu território. E de onde retirava toda a matéria prima necessária para alimentar as indústrias e alavancar sua condição de potência mundial, deixando para os países periféricos, pobreza, desigualdades sociais e concentração de renda. Cabe ressaltar ainda, que essa extração era feita a baixo custo e de forma consensuada pelas nações locais, sem qualquer responsabilidade mitigatória pelos danos provocados.

Os meios de meios de comunicação estão imbricados diretamente nesse contexto, atuando como instrumentos de dominação e convencimento a serviço da política norte-americana, que não apenas controla os veículos no interior dos países, mas também projeta seus próprios meios. Nesse sentido, Matta (1982, p. 13) ressalta que “enquanto a comunicação permanecer como área controlada por uma potência, a América Latina não logrará tornar-se um continente independente habitado por homens e mulheres autenticamente livres”.

Durante a década de 1970, diversos encontros foram realizados por iniciativa do *Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina* (Ciespal) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e

a Cultura (Unesco), mobilizando expertos dos distintos países da América Latina para discutir a realidade do fazer midiático e apontar caminhos para a comunicação regional. Em 1976, depois de uma série de consultas a intelectuais sobre promoção e intercâmbio de notícias, patrocinadas pela Unesco, aconteceu em San José (Costa Rica), no período de 12 a 21 de julho, a Conferência Intergovernamental sobre Políticas de Comunicação na América Latina e Caribe.

De acordo com Barbero (2015), a partir da análise que fizeram nessa reunião da situação dos países, se constatou que, além do condicionamento que a mídia norte-americana instalada exerce sobre a visão que tem a região dos acontecimentos mundiais, a imagem da região projetada nos Estados Unidos e no restante do mundo em quase nada representava as realidades fundamentais desses países. O autor é complementado por Beltrán e Cardona (1982, p. 19):

Com base em ampla evidência documental, sustenta-se que a América Latina está submetida à dominação cultural norte-americana - na qual a comunicação desempenha um papel decisivo - e que, ao mesmo tempo, não existe um fluxo de informações equilibrado nos dois sentidos entre esta região e aquele país.

O desequilíbrio das notícias, além de se dar na quantidade de informações, incide também sobre a qualidade delas, uma vez que o enfoque dado é apenas aos aspectos negativos, pelo fato de que:

Se destacan las catástrofes naturales y la inestabilidad política mientras que importantes acontecimientos económicos y culturales reciben poca atención. Fenómenos pintorescos y grotescos tienen prelación sobre sucesos que reflejan la lucha para lograr el cambio social. Estos son con frecuencia relegados, soslayados o distorsionados burdamente (BARBERO, 2015, p. 181).

Os meios televisivos, que constituem verdadeiros impérios midiáticos, sejam os internacionais, ou seus apêndices locais que atuam na América Latina, catalisaram para si essa característica comunicativa que pouco representa a realidade dos povos latino-americanos, em que quando aborda a região a faz de forma parcial, desfavorável e grotesca sob vários aspectos (NOGUEIRA, 2009).

Essa concentração midiática é posterior à superação do domínio império-colonial sobre a América Latina, em que as investidas na região passaram a permear o campo simbólico. Desde o México com a Televisa, à Argentina, dominada

pelo grupo Clarín - até a aprovação da *Ley de Medios*⁷ em 2009 - passando pela América Central e chegando ao Brasil, a presença de veículos de comunicação estrangeiros e de grande concentração da mídia em âmbito local é quase uma regra. E esses meios têm relevante atribuição para se entender a situação econômica e social dos países em desenvolvimento.

Os meios de comunicação de massa e, principalmente os meios de comunicação de massa estrangeiros, são uma variável crucial e indispensável para o entendimento e explicação da situação de desenvolvimento, subdesenvolvimento ou estagnação dos países menos desenvolvidos. Mesmo que o papel dos meios de comunicação não seja aparente, ou não se mostre às claras, ele é sub-reptício e está sempre presente (GUARESCHI, 1987, p. 11).

O processo de entrada da mídia estrangeira na América Latina, principalmente a norte-americana, vem acontecendo há décadas. Inicialmente controlando as cadeias radiofônicas a partir de 1930, e depois os meios televisivos nos anos posteriores à década de 1950. Guareschi (1987) apresenta a dimensão da presença dos meios de comunicação estadunidenses na América Latina, ao destacar que em 1968 a *American Broadcasting Corporation* (ABC) possuía 17 canais distribuídos por 13 países latino-americanos, levando sua programação a mais ou menos 100 milhões de habitantes na região, ou seja, metade da população na época.

Atualmente, embora existam dezenas de emissoras estrangeiras na região como *Univisión*, *BBC*, *ABC*, e outras, o maior poderio comunicativo é exercido pela estadunidense, *Cable News Network* (CNN), que abrange a totalidade dos países da América Latina em sua cobertura. No que concerne ao monopólio da mídia a nível nacional desses países, a expressão máxima se encontra no Brasil, onde apenas cinco famílias determinam o que acessamos, assistimos, ouvimos e lemos.

O domínio sobre a produção de notícias é garantia de controle sobre a população e, também, instrumento de exercício de poder. A concentração da mídia torna os jornalistas reféns de um modelo empresarial que busca homogeneizar as notícias e controlar o que é veiculado, sem espaço para contraposições. Esse

⁷ Ley 26.522 de Servicios de Comunicación Audiovisual de Argentina, que establece las normas para regir el funcionamiento y la distribución de licencias de los medios radiales y televisivos en la República Argentina. Tras su aprobación por el Congreso de la Nación (146 votos afirmativos, 3 negativos y 3 abstenciones en la Cámara de Diputados; 44 votos afirmativos contra 24 negativos y ninguna abstención en el Senado), fue promulgada el 10 de octubre de 2009 por la presidenta Cristina Fernández de Kirchner.

movimento expressa que não há interesse em fazer dos meios de comunicação um espaço para a prestação de serviço à sociedade e que, na América Latina, serve apenas como ferramenta para difundir a dominação imperialista e legitimar os ditames do capitalismo.

Conforme reforça Guareschi (1987, p. 20), “em uma sociedade capitalista, os meios de comunicação de massa tornam-se os instrumentos de mistificação e de legitimação da dominação capitalista”. Dominação que tem como foco expropriar riquezas, bem como explorar mão de obra abundante e barata nos países empobrecidos.

A forte presença norte-americana na mídia regional pode ser dimensionada a partir dos investimentos feitos pelos monopólios desse país nos veículos locais. Beltrán e Cardona (1982) explicam que, a partir década de 1930, ainda no rádio e, desde a década de 1960, na televisão, os maiores investidores na mídia latino-americana são as três redes nacionais de rádio e televisão dos Estados Unidos: *Columbia Broadcasting System* (CBS), *American Broadcasting Company* (ABC) e *National Broadcasting Company* (NBC).

Posteriormente, a situação se agrava ainda mais com a chegada das redes de TV pertencentes aos grupos midiáticos privados. Entre elas, *Cable News Network* (CNN) e *Univisión*, que na atualidade são as “senhoras” do fazer notícia com visão hegemônica, reducionista da/sobre e para a América Latina. Essa predominância estrangeira no fazer comunicativo representa um grave problema para a região, uma vez que esses meios imprimiram sua forma de fazer notícia, com valores elitistas, ditando os padrões das relações políticas, econômicas e culturais do centro hegemônico com os nossos países.

Enquanto predominar o padrão de relações culturais entre os Estados Unidos e a América Latina [...], a integridade das culturas dos países desta região estará em perigo e a emancipação política e econômica de nossos povos continuará sendo uma utopia distante (BELTRÁN; CARDONA, 1982, p. 119).

Como se percebe nas intervenções dos autores, um fato está diretamente ligado a outros. A emancipação política e econômica dos povos latino-americanos, em relação à potência do norte, depende primeiramente da liberdade e independência no aspecto cultural, que envolve o manuseio da mídia, ou seja, de tomarmos o protagonismo do fazer midiático e de estabelecermos nossas próprias

relações culturais em um movimento intercultural de complementaridade e não de subordinação.

Para Barbero (1991), os meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, encaminham os latino-americanos para a homogeneização total que interessa ao mercado global. E, que esses meios veiculam, transformam-se pela mediação realizada nas diversas instâncias da sociedade, como as favelas, os clubes, as organizações comunitárias, dentre outras. Assim, as mediações alteram os sentidos dos produtos culturais de massa.

Las historias de los medios de comunicación siguen — con raras excepciones — dedicadas a estudiar la "estructura económica" o el "contenido ideológico" de los medios, sin plantearse mínimamente el estudio de las mediaciones a través de las cuales los medios adquirieron materialidad institucional y espesor cultural, y en las que se oscila entre párrafos que parecen atribuir la dinámica de los cambios históricos a la influencia de los medios, y otros en los que éstos son reducidos a meros instrumentos pasivos en manos de una clase dotada de casi tanta autonomía como un sujeto kantiano (BARBERO, 1991, p. 177).

Partindo desses pressupostos, entendemos que não se pode tomar a televisão apenas como veículo midiático transmissor de conteúdos desinteressados. Trata-se de uma ferramenta de propagação de ideologias que busca desenvolver ao máximo “la tendencia a la absorción de las diferencias. Y hablo de absorción porque esa es su forma de negarlas: exhibiéndolas desamordazadas de todo aquello que las cargas de conflictividad” (BARBERO, 1991, p. 196).

Outra crítica de Barbero (1991) é no sentido de que o formato de televisão da América Latina é um modelo importado dos Estados Unidos, que não consiste apenas na privatização das redes de TV, mas também, na tendência à constituição de um único público, em que sejam reabsorvidas as diferenças ao ponto em que seja possível confundir o maior grau de comunicabilidade com a de maior rentabilidade econômica (BARBERO, 1991).

Nesse sentido, a seguir, Beltrán e Cardona, (1982) trazem alguns apontamentos importantes a respeito das responsabilidades que pesam sobre os Estados Unidos, no que diz respeito ao comportamento da maioria dos meios de comunicação presentes na América Latina.

I. Os Estados Unidos são responsáveis por alguns efeitos notáveis sobre o comportamento de muitos dos meios latino-americanos de comunicação coletiva. É difícil separar as políticas de seleção de públicos e de conteúdos destas instituições das políticas de suas respectivas fontes norte-americanas. Elas são criticadas por promoverem irracionalmente o consumo exagerado de bens e serviços, a alienação, a trivialidade, o conformismo social, a violência, o racismo, o elitismo e o conservadorismo. Considera-se que tudo isto ocorre em conformidade com as ideologias e interesses dos investidores e em aberta oposição aos esforços da região no sentido de conquistar o desenvolvimento nacional por meio da mudança social, da autonomia cultural e da soberania política. II. Torna-se muito difícil avaliar a influência política, mas é evidente que os organismos norte-americanos de propaganda e segurança, que por lei não podem funcionar nos Estados Unidos, operam ativamente na América Latina, recorrendo, em certas ocasiões, a procedimentos pouco éticos e antidemocráticos. III. Os Estados Unidos e seus sócios latino-americanos proclamam publicamente sua fidelidade às noções clássicas de "direitos de informação", "liberdade de imprensa" e "livre fluxo de notícias". Em alguns casos, porém, seu comportamento não parece muito coerente com tais princípios. Por exemplo, incorreram eles, em determinadas ocasiões, em práticas de monopólio, coação e mesmo extorsão a fim de assegurar a manutenção de suas posições de poder. Aqueles que a isto se opõem são indiscriminadamente rotulados de "totalitários" (BELTRÁN; CARDONA, 1982, p. 133/132).

Cabe aqui evidenciar os ataques efusivos e as críticas ininterruptas dos meios de comunicação, em especial a televisão, às figuras políticas ligadas à esquerda latino-americana, abertamente contrárias às interferências dos Estados Unidos na condução dos rumos políticos, sociais e culturais da região, como Fidel Castro (e Raúl Castro) em Cuba, Hugo Chávez (e Nicolás Maduro) na Venezuela, Evo Morales na Bolívia e Rafael Correa no Equador, sendo alguns, inclusive, vítimas de tentativas de golpes articulados e executados, em alguma medida, pelos meios de comunicação, em consonância com o serviço de Washington.

Barbero (2015) pontua as consequências geradas por essa relação permissiva da mídia com o âmbito político, em prol da manutenção do status de poder. Para ele, o direcionamento midiático para a dominação se volta, também, para conduzir os telespectadores a constituírem uma relação consumista, sendo os Estados Unidos o provedor das necessidades geradas.

El problema del poder y su transfusión por los medios plantea hoy características especiales. Porque los que tiene que ser legitimado hoy, además de la explotación económica, es la programación, la reglamentación de cualquier tipo de necesidad, acostumbrando a la

gente a que entre el sujeto y su deseo haya siempre una mercancía que lo valore y domestique, es decir lo cuantifique, lo haga mercantilizable. Y lógica última de los medios es la que introduce el control en lo primario y básico: el deseo y la palabra (BARBERO, 2015, p. 56).

Para lograr êxito com esse objetivo, a mídia utiliza seu lado mais perverso ao se reportar à sociedade, que é o de silenciar, excluir, negligenciar e menosprezar a pluralidade de pensamentos e de vozes latino-americanas, que nos últimos anos têm sido violentamente estranguladas, deixando mudo todo um continente em que grande número de seus homens e mulheres são analfabetos, ainda que tenha aprendido a ler alguma vez (BARBERO, 2015).

Uma realidade que fica mais evidente na cobertura realizada pela televisão, meio que por suas características comunicativas, desde sua gênese está atrelado ao poder e em defesa dos interesses da elite, monopolizando para si o poder de fala e decidindo quem pode falar. Para Barbero (2015, p. 220), “la TV en América Latina es la imagen más clara del monopolio de la palabra, de la negociación de historia y del saqueo de los sueños”.

Com a concentração midiática, os detentores do poder se apropriam da televisão enquanto instrumento de mediação social, para transmitir uma visão de mundo irreal, cujo objetivo é manter a ordem vigente. E, sobre esse aspecto, Barbero (2015) tece uma crítica ao afirmar que estão fazendo da TV o modelo de discurso espetáculo em que as imagens veiculadas objetivam, incessantemente, a visão de mundo que propõe o poder estabelecido (BARBERO, 2015).

Ningún otro medio, ni el cine, había logrado identificar el lugar donde se forma la imagen con el lugar donde transcurre lo real. Solo la TV con su toma directa es capaz de hacernos ver el acontecimiento en el lugar y en el tiempo en que este sucede. Como el hombre de la caverna platónica, el televidente ve y ese ver es para él experiencia inmediata. Todo el complejo, el colosal entramado de procesos y mecanismos técnicos, sociales, económicos que median entre el ver la cámara y el de su ojo desaparecen. Sentado frente al televisor, el hombre siente que está frente a la realidad. Y una vez que ha sido incorporada esa sensación poco importa ya que la toma sea directa o diferida, lo único importante, lo definitivo es la coincidencia de los dos lugares en el tiempo del lugar psíquico (BARBERO, 2015, p. 253).

No caso da América Latina, a impressão de verdade sentida pelos telespectadores ao assistirem a TV, resultado da ilusão construída em torno de uma

suposta credibilidade, assegurada pelas linguagens textual e, principalmente, imagética que a televisão utiliza para veicular seus discursos. Desse modo, confunde e constrói duas realidades: a real, vivida no dia a dia, com todas as dificuldades, e a televisiva, assistida no aparelho eletrônico que em nada tem a ver com o cotidiano e serve apenas para distrair e minimizar os efeitos das agruras vividas na anterior, abrindo caminho para a dominação.

A realidade televisiva se tornou comum de tal forma, que o aparelho de televisão passou a ser membro das famílias, sem qualquer característica de agressor, ocupando espaço e tempo no convívio familiar. Porém, por mais inofensiva que pareça, a televisão invade as residências e abre caminho para a difusão da mensagem hegemônica aos residentes, que aceitam por não ter contato com outras mensagens que trazem outras perspectivas diferentes.

En el caso de la TV la falta de un entorno ritual, su ubicación en el ámbito de lo familiar cotidiano refuerza esa situación y actitud de no recelo, de simpatía. Puesto que forma parte de la familia, la pantalla encendida pierde todo carácter de agresor y se convierte en la gran compañera, esa de cuya fidelidad es de las pocas que puede estar uno seguro hoy. La invasión que la pequeña pantalla produce, la dominación que impone, son sentidas como la liberación por el tele-espectador habitual. Las encuestas han demostrado que para millones de personas en el mundo entero la televisión es sentida tan necesaria como la droga en un drogadicto y tan cotidiana y cercana como un amigo (BARBERO, 2015, p. 256).

No exposto, o autor apresenta a profundidade da relação estabelecida entre a sociedade e a televisão, bem como indicia interesses envolvidos nesse processo. Ressaltamos que não se pode menosprezar a função desempenhada pela TV no meio social, considerando que “creemos jugar con ella, pero es la TV la que juega con nosotros. Nos damos el pretexto de estar con el mundo para poder estar con ella” (BARBERO, 2015, p. 256).

Mesmo admitindo o poder de influência da televisão, Barbero (2015) diz pensar que não podemos exagerar a eficácia dos meios de comunicação, uma vez que existem fatores, entre eles culturais, que neutralizam ou reduzem os efeitos da mídia na população.

Pienso también en lo que sería para millones de latinoamericanos analfabetos un cine y una televisión que trabajaran lo fantástico como rechazo y oposición a la impostura, como rasgadura de lo

pseudoconcreto, como revés de la trama positivista, como la posibilidad amputada, segmentada, parcial, de reintegrar a la experiencia humana los contenidos que les son negados sin cesar en el campo de la consciencia, al mismo tiempo que como posibilidad de comunicar una condición constante: la búsqueda incesante de lo nuevo (BARBERO, 2015, p. 263).

Essas necessidades que, historicamente, são negligenciadas pelos meios de comunicação que atuam na América Latina, geraram um problema de identidade cultural. Parte da população local não se reconhece naquilo que a mídia veicula, e outra parte não se sente latino-americana. A TV apresenta uma realidade fantasiosa deslocada da materialidade, trazendo Estados Unidos ou Europa como “a terra prometida”, capaz de preencher esse “vazio identitário”.

No entanto, nas últimas décadas alguns avanços foram alcançados, no sentido de construir um novo paradigma comunicativo na região, buscando fazer comunicação com um olhar voltado desde, para e sobre as singularidades regionais, enaltecendo a latino-americanidade, característica identitária que por séculos foi fundamento para sustentar a inferioridade em relação as nações dominantes.

Um desses avanços resultou na criação da emissora de TV multiestatal *Televisión del Sur* (teleSUR), que surge não somente para produzir uma versão latina dos fatos, mas também para desconstruir os discursos depreciativos das emissoras de TV estadunidenses sobre a região, além de promover a integração regional pelo viés comunicativo.

2.1 TELESUR E O “NORTE” COMUNICATIVO PARA A INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Assim que foi eleito presidente da Venezuela, Hugo Chávez tratou de criar alguns projetos de comunicação para diminuir a influência dos meios privados que são controlados pela poderosa elite econômica do país, aliada da oposição ao chavismo. Dentre os projetos comunicativos do líder bolivariano, estão o jornal diário *El Correo del Presidente* e o programa de TV e Rádio semanal *Aló, Presidente!* (CAÑIZÁLEZ; LUGO, 2007). O mais recente e, talvez, o mais expressivo projeto que esse plano midiático de Chávez concebeu foi a cadeia internacional de TV, *Televisión del Sur* (teleSUR). No site da televisão (<http://www.telesurtv.net>), ela é apresentada da seguinte forma:

NUESTRA MISIÓN - TeleSUR es un multimedio de comunicación latinoamericano de vocación social orientado a liderar y promover los procesos de unión de los pueblos del SUR⁸. Somos un espacio y una voz para la construcción de un nuevo orden comunicacional. NUESTRA VISIÓN - Ser un multimedio y multiplataforma de servicio público con cobertura global que, desde el SUR*, produce y divulga contenido informativo y formativo para una base de usuarios amplia y leal; con una visión integradora de los pueblos.

A emissora de TV teleSUR surgiu como uma iniciativa venezuelana no âmbito da Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América (ALBA), para promover a integração regional latino-americana para além dos aspectos políticos e econômicos. Foi ao ar no dia 24 de julho de 2005, data do nascimento de Simón Bolívar, líder cujas ideais norteiam a política da República Bolivariana da Venezuela. Cañizález e Lugo (2007) explicam que o confronto direto entre a política chavista e os Estados Unidos transformou a geopolítica na parte central desse projeto comunicativo, que tem entre seus propósitos “ser un instrumento de confrontación asimétrica contra los Estados Unidos y un facilitador de la integración geopolítica em la región” (CAÑIZÁLEZ; LUGO, 2007, p. 16).

Calderón (2005, p. 44) complementa os autores explicando que com a inauguração da teleSUR, “el objetivo ya fue puesto en escena, un canal de televisión que nos remite constantemente a nuestras raíces latinoamericanas y que tiene como su fin último comunicar para integrar”. A pesquisadora Nogueira (2009) acrescenta que “o propósito inicial seria revelar a “alma destes povos”, constituindo-se em uma iniciativa de resistência regional ao “imperialismo cultural” que sempre foi dominante – uma alusão à hegemonia midiática norte-americana” (NOGUEIRA, 2009, p. 09). A autora reforça que:

O objetivo é apresentar-se como uma alternativa ao discurso único das grandes cadeias informativas, representando uma pluralidade de vozes e constituindo-se como um ponto de encontro, um espaço para se (re)conhecer, se compreender e se integrar (NOGUEIRA, 2009, p. 09)

Nesse mesmo sentido, os autores Cañizález e Lugo (2007) ressaltam que, com o intuito de servir de contrapeso à dominação hegemônica das cadeias

⁸ *Concepto geopolítico que promueve la lucha de los pueblos por la paz, autodeterminación, respeto por los Derechos Humanos y la Justicia Social (teleSUR, 2017).

internacionais como a CNN, a teleSUR busca promover a integração política e cultural por meio do fortalecimento da esfera pública comum na região da América Latina.

A rede de TV é um projeto multiestatal regido por uma Junta Diretiva, da qual inicialmente participaram como Estados-membro fundadores Venezuela (70%), Argentina (20%) e Uruguai (10%). Brasil e Cuba cooperavam compartilhando programação e cedendo tecnologia. E, para conquistar espaço, aceitação e legitimidade entre as possíveis audiências, a teleSUR se constituiu a partir de um Conselho Assessor/Junta Diretiva independente.

El mismo está integrado por intelectuales internacionales y regionales de izquierda, incluidos el ganador del premio Nobel de la Paz Adolfo Pérez Esquivel, el poeta nicaraguense Ernesto Cardenal, los escritores Eduardo Galeano, Tariq Ali y Saul Landau, el editor de *Le Monde Diplomatique* e historiador Ignacio Ramonet, el pionero del software libre, Richard Stallman, el director del cine peruano, Javier Corcuera y el actor estadounidense Danny Glover. Claramente la composición de la directiva tiene importantes implicaciones en términos de vinculación entre el canal y los principales movimientos de resistencia en el mundo (CAÑIZÁLEZ; LUGO, 2007, p. 21).

O Brasil é representado na Junta Diretiva pelo jornalista Beto Almeida, que é Presidente da TV Comunitária de Brasília (TVCOMDF), que tem como parceira a teleSUR. E, no que diz respeito à conjuntura associativa multiestatal na administração da emissora, passou por mudanças com a entrada e saída de países no projeto. Com a primeira eleição de Evo Morales na Bolívia, o país ingressa na sociedade da teleSUR no dia 19 de abril de 2006. Nicarágua e Equador passam a ser acionistas em 11 de março e 30 de agosto de 2007, respectivamente. Em 9 de outubro de 2009, o Instituto de Rádio e Televisão de Cuba (IRTC) firmou um acordo com o Ministério de Comunicação e Informação da Venezuela, tornando o país, efetivamente, sócio da emissora.

Com isso a sociedade da TV ficou composta por Venezuela, que detém 51%, Cuba participa com 15%, Argentina com 14%, Uruguai, Bolívia, Equador e Nicarágua, com 5% cada (MORAES, 2015). No entanto, após a eleição do presidente Mauricio Macri na Argentina, o país deu início ao processo que resultou na sua saída do projeto comunicacional teleSUR. Sendo assim, no dia 27 de março de 2016, o ministro das comunicações da Argentina, Hernán Lombardi, anunciou que o país deixaria de integrar a sociedade proprietária da emissora. Desta forma, o

canal deixou de ser transmitido na televisão aberta e ser de inclusão obrigatória nas grades de transmissão das televisões pagas por não ser mais um canal estatal.

Ao jornal argentino *La Nación*, Lombardi disse que o país "*no tenía una injerencia real*" nos conteúdos ou nos direcionamentos da teleSUR. Em resposta à decisão, a emissora divulgou uma extensa nota em que critica a decisão do governo de Macri afirmando:

Nuestro equipo en Argentina seguirá trabajando y exigimos para ellos las condiciones para el ejercicio libre del periodismo [...] teleSUR reitera a los funcionarios del Gobierno de Mauricio Macri nuestra disposición al diálogo de los argumentos y las razones, así como a la verdad para garantizar nuestro relacionamiento [...] No van a desaparecer la verdad, No van a desaparecer a teleSUR⁹.

De acordo com o jornalista argentino Víctor Hugo Morales, um crítico das políticas neoliberais do governo argentino, Macri quer um jornalismo alinhado aos seus interesses e, para isso, tem se encarregado de “disciplinar” e “ajustar” tudo o que não estiver bem. Para o autor, o erro da teleSUR foi fazer jornalismo sem compromissos políticos com o presidente argentino. Nesse ponto, cabe destacar o papel da mídia enquanto núcleo de poder atuante na construção do capital político do empresário Mauricio Macri.

Ele foi produzido pela mídia para, posteriormente, atender a seus interesses, principalmente o grupo *Clarín*, opositor histórico dos governos Kirchners, que havia perdido parte do seu poderio com a Lei de democratização da comunicação no país. Esse grupo midiático empenhou todos os seus esforços para possibilitar a eleição do empresário que, assim que assumiu a presidência argentina, tratou de tomar medidas em favor do *Clarín*.

O primeiro deles foi a extinção dos órgãos federais de regulação do monopólio dos meios de comunicação no país: Autoridade Federal de Serviços de Comunicação Audiovisual (AFSCA) e Autoridade Federal de Tecnologias da Informação e Comunicações (AFTIC). O encerramento da sociedade na teleSUR, também fez parte das medidas do presidente argentino em reciprocidade à assessoria do *Clarín*, durante a campanha.

Borón (2016) também criticou a atitude do governo Macri, afirmando que a saída do país da sociedade da emissora teleSUR representa o deterioramento da

⁹ Disponível em: <http://www.telesurtv.net/news/No-van-a-desaparecer-la-verdad-No-van-a-desaparecer-a-teleSUR-20160328-0043.html>. Acessado em 12 jun 2016.

qualidade do jornalismo, e que isso é um dos sintomas mais ilustrativos da crise da sociedade argentina.

SIN TELESUR, ¿QUIEN NOS DIRÁ LO QUE PASA EN EL MUNDO? ¿LA CNN? ¿TN? ¿Y ESTO LO DECIDE UN GOBIERNO QUE SE QUEJABA DE LA FALTA DE PLURALISMO? En su monstruosa metamorfosis, los medios se convirtieron en inescrupulosos operadores de los intereses dominantes, sin el menor respeto por la veracidad de la información que propalan o por la inteligencia de sus lectores, oyentes o televidentes. Por supuesto que hay que distinguir entre las empresas y sus propietarios y, por otro lado, algunos periodistas -¡no muchos, desgraciadamente!- que tratan de mantener la dignidad de su profesión a pesar de las circunstancias tan adversas que los afectan¹⁰.

Com essa decisão, a teleSUR sofre a primeira investida da direita latino-americana que retorna ao poder, após um período de governos que se autodenominam de esquerda ou progressistas. Ao retirar a emissora do sinal aberto, o governo argentino sinaliza o direcionamento de sua relação com os meios de comunicação, com privilégios e concessões à mídia elitista e, também, da política bilateral com o país bolivariano.

A teleSUR conta com correspondentes espalhado por diversos países, dentre eles Estados Unidos, Cuba, México, Nicarágua, Haiti, Colômbia, Bolívia, Equador, Peru, Argentina, Brasil e Síria (MORAES, 2015). Além disso, sua transmissão é realizada através de “redes de televisão comunitárias e privadas do Brasil, Cuba, Colômbia, Argentina e Uruguai, dentre outros países da América Latina” (NOGUEIRA, 2009, p. 09).

A política editorial da TeleSUR refere que sua intenção é a de contribuir com o processo de integração e com os povos latino-americanos por meio da divulgação de informação contextualizada e balanceada. Assim, a meta da rede é ajudar a formar cidadãos críticos, informados e participativos dentro da sociedade, mediante oferecimento de uma programação rica em conteúdo informativo, mediante noticiários, documentários, programas de opinião e análise, que são produzidos em diversos países latino-americanos, com o intuito de melhor retratar os acontecimentos e os desafios enfrentados pela região (OLIVEIRA, 2010, p. 179).

Oliveira (2010, p. 178) chama a atenção, ainda, para a forma como a Venezuela se utiliza “dos meios de comunicação, principalmente a TeleSUR, para

¹⁰ Disponível em: <http://www.atilioboron.com.ar/search/?q=Telesur>. Acessado em 12 jun 2016.

demonstrar a sua visão política para o restante do mundo". O autor explica que a criação da emissora sofreu duras críticas do governo norte-americano, ao ponto de um membro do congresso daquele país, Connie Mack, Estado da Flórida (onde está a sede da *CNN en Español*), apresentar um projeto de lei, no dia 21 de julho de 2005, que obrigaria o governo estadunidense a interferir no sinal de transmissão por satélite da teleSUR.

Nesse sentido, o foco da atuação da teleSUR, centrado na "histórica batalha comunicacional liderada pelas nações periféricas é explicitada em alguns enunciados-chave [...] adotado com a intenção de traduzir a política editorial da emissora" (MORAES, 2015, p. 156), sendo um dos enunciados o slogan da TV, "*Nuestro Norte es el Sur*".

Assim, destacamos uma disputa pelo exercício do poder político em um espaço simbólico, tendo a atuação da mídia como enfoque principal. Em campos de atuação distintos, teleSUR e *CNN en Español* surgem como canais de divulgação e debate de governos, atuando como instrumento de *Poder Brando*. Nesse ponto, ressaltamos o papel da mídia como ator de relevância nas relações internacionais.

A teleSUR surge com uma postura contra hegemônica, produzindo um contra discurso em que busca dar "voz aos excluídos da mídia internacional ou àqueles que foram ou são retratados de forma parcial ou desfavoravelmente sob vários aspectos junto a mídia globalizada" (OLIVEIRA, 2010, p. 179).

Nogueira (2012, p. 88) enfatiza que a teleSUR desde o início assegura seu comprometimento com os ideais bolivarianos, explicitando sua missão como a "serviço da integração das nações e povos da América Latina e Caribe". Segundo a autora, a TV defende a informação "veraz e oportuna" como um direito dos povos e tem como objetivo principal a transformação social baseada no ideal bolivariano de integração regional.

O sociólogo e analista político argentino Borón (2015) destaca a relevância dos meios de comunicação de massa em tempos de globalização: "En esta "batalla de ideas", emprendida por el imperio antes que por la izquierda, el papel de los medios de comunicación es de excepcional importancia, sobre todo en las sociedades de masas" (BORÓN, 2015, p. 03).

Sobre a teleSUR, Borón (2015) destaca a importância desse sinal de notícias criado por inspiração de Hugo Chávez, que percebeu a grave ameaça que representava para a América Latina e Caribe os meios controlados por uma coalizão

liderada pelos Estados Unidos, resistente a qualquer projeto democratizante ou de reforma social.

Era preciso iniciar una lucha frontal en contra de esos bastiones del autoritarismo y la reacción, y esa batalla no podía darse tan sólo a nivel nacional. La ofensiva era continental, y tenía su estado mayor en Washington. Para neutralizarla, o al menos para atenuar sus efectos, necesariamente debía ser librada a escala latino-americana (BORÓN, 2015, p. 05).

Assim, na concepção do pesquisador, a atuação da emissora vai para além do ato de produzir conteúdo jornalístico com visão latino-americana e para os latinos, enfatizando o que os grupos hegemônicos não querem que a sociedade veja ou saiba, e perpassa pelo confronto direto aos interesses imperialistas na região, representados nessa pesquisa pela *CNN en Español*. Borón (2015) reforça que a teleSUR desempenha função decisiva na consolidação da consciência crítica dos povos latino-americanos.

No sólo estamos informados, cuando antes estábamos desinformados; sino que estamos bien informados, con periodistas que comparten nuestra cultura y nuestros sueños, que nos muestran lo que las oligarquías locales y el imperialismo no quieren que veamos o que sepamos [...] Aún si su contribución a lo largo de estos años hubiera sido la de aportar información verídica sobre temas cruciales Telesur justificaría con creces su existencia. Pero hizo algo más: fue un factor muy importante en la consolidación de una conciencia crítica nuestro-americana. Gracias a ese medio hoy somos más latinoamericanos que antes, y mejores latinoamericanos también. El gran proyecto bolivariano, relanzado por Chávez, encontró en Telesur un instrumento singularmente valioso para acelerar su concreción y un arma muy potente, en esa artillería de pensamiento a la que aludía el líder bolivariano, para librar con éxito la batalla de ideas que nuestro tiempo y el futuro nos reclaman (BORÓN, 2015, p. 05).

Aqui, notamos que Borón (2015) reforça o papel integrador da teleSUR no contexto da América Latina. Ao se referir à emissora como “grande projeto bolivariano”, o autor atribui maiores significados à atuação decisiva da Venezuela na criação e consolidação da TV ante os conglomerados midiáticos estrangeiros que estão presentes na região.

Uma integração que perpassa pela necessidade de reconhecer e valorizar a extensa diversidade e heterogeneidade que caracteriza a América Latina. Sem isso,

repete-se o erro de cair no reducionismo de uma unidade cultural não condizente com a realidade. E a teleSUR surge para um universo em que pouco se ouve falar de projetos e gestões comunicacionais engajados em gerar a integração dos povos latino-americanos, bem como criar um eixo Sul-Sul capaz de produzir comunicação independente como resposta às informações provenientes do Norte (CALDERÓN, 2005).

Telesur sale al aire y se encuentra con un público amplio y heterogéneo, marcado por tradiciones y costumbres similares, pero separado por las distancias geográficas y por las difíciles barreras fronterizas. Es un público además sectorizado por la brecha tecnológica del cable (televisión por suscripción) o de la Internet, pues es solo un porcentaje reducido de la población la que tiene acceso a estos canales de comunicación (CALDERÓN, 2005, p. 46).

Trata-se de um movimento comunicativo direcionado a romper com as barreiras nacionais homogeneizantes, que impedem a integração dos povos latino-americanos nos diversos aspectos. Para isso, a emissora busca juntar forças com iniciativas de meios estatal, independente, universitário ou comunitário, existentes a nível local, funcionando como caixa de ressonância dessas vozes segregadas, que dificilmente seriam ouvidas nos meios privados (MORAES, 2015).

Moraes (2015) destaca que, nas produções jornalísticas da teleSUR, é possível notar a existência de pluralidade social. A heterogeneidade presente na América Latina reverbera na programação da multiestatal. A autora destaca alguns dos atores sociais quem têm suas vozes veiculadas.

Defensores dos direitos humanos, movimentos sociais em favor das mulheres e dos homossexuais, grupos economicamente desfavorecidos, trabalhadores urbano-industriais e do campo são alguns dos sujeitos concretos e teóricos cujas vozes ecoam nas matérias, atestando o compromisso da emissora latino-americana com a diversidade social, apontada pela Unesco (2001) como um critério fundamental na definição de um meio de comunicação público (MORAES, 2015, p. 260).

Para realizar esse tipo de cobertura diferenciada, privilegiando temáticas e vozes negligenciadas e excluídas, Moraes (2015) explica que a teleSUR “dispõe de uma estrutura de produção jornalística própria, que disputa a significação dos acontecimentos mundiais, especialmente daqueles que têm como palco a América Latina” (MORAES, 2015, p. 165), com os meios privados, alguns transnacionais que

dominam o noticiário regional.

Dentre esses acontecimentos mundiais com palco na América Latina, destacamos o desaparecimento forçado dos 43 estudantes mexicanos de Ayotzinapa em 26 de setembro de 2014, foco de estudo desse trabalho, que é realizado a partir da cobertura de teleSUR e *CNN en Español*, emissoras que disputam as narrativas regionais sob égides políticas antagônicas.

Entretanto, para realizar essa investigação, faz-se necessário compreendermos que a teleSUR, assim como todo projeto comunicativo, seja ele público ou privado, tem suas contradições. Conforme já foi discutido anteriormente, a emissora venezuelana surge como um projeto de governo na gestão do Presidente Hugo Chávez. E isso implica diretamente na orientação da postura político-editorial da TV, estabelecida a partir do governo venezuelano.

Nogueira (2009) explica que na conjunta política da Venezuela, na era Chávez e, conseqüentemente, levada adiante por Nicolás Maduro, os meios de comunicação “passam a ocupar uma posição central em um jogo político no qual parte dos diálogos entre os países ocorre pela imprensa tendo em vista a formação de opinião pública diante das questões levantadas” (NOGUEIRA, 2009, p.10).

O próprio Chávez, conforme Nogueira (2009, p.10), admitia que no país “o jogo político passou a se confundir com o que se convencionou chamar de jogo midiático, ocorrendo disputas por legitimidade dos diversos discursos veiculados”. Cañizález e Lugo (2007) destacam a função da teleSUR desempenhada junto ao governo chavista. Para eles, a “Telesur ha sido desde el principio um proyecto político del gobierno de Hugo Chávez con el propósito de lograr presencia internacional y proyección geopolítica” (CAÑIZÁLEZ; LUGO, 2007, p. 19).

Chávez buscou utilizar o poder de alcance e influência da mídia para divulgar seu projeto de governo para além das fronteiras venezuelanas e idealizar uma esfera pública tendo como lócus a América Latina. Para Nogueira (2009, p. 09), “o domínio dos meios de comunicação parece ocupar um papel central na estratégia política adotada pelo presidente venezuelano Hugo Chávez [e Nicolás Maduro], para quem o jogo político mundial, hoje, se confunde com o jogo midiático”.

Inicialmente, a teleSUR foi presidida pelo Ministro de Comunicação e Informação da Venezuela, Andrés Izarra, fato que atribui à emissora um caráter governista. Chávez idealizou a rede midiática como uma estratégia comunicacional com vistas a construir uma zona de influência dos ideais bolivarianos. Além disso, a

TV proporciona ao país sul-americano a possibilidade se projetar geopoliticamente no cenário global e, até mesmo, exercer a diplomacia pública venezuelana.

Para Antonio Pascuali, pesquisador venezuelano dos meios de comunicação na América Latina, que participou na elaboração do Relatório McBride¹¹, a emissora teleSUR é uma boa ideia que saiu mal.

Telesur es un proyecto importante y hermoso desde el punto de vista conceptual, similar a otras iniciativas por las que uno ha luchado durante décadas. Es un proyecto que obviamente exige pluralismo, tolerancia e independencia del gobierno. Pero su versión actual es una caricatura ideológica, unidimensional y vinculada al gobierno. Tanto su financiamiento como programación son chavistas. Su programación principal hace resonar el estalinismo y la retórica izquierdista, pasados de moda hace medio siglo. Después del retiro de Brasil, el único apoyo es el de Cuba, Argentina y Uruguay; estos dos últimos con poder de veto en los programas (PASCUALI *apud* CAÑIZÁLEZ; LUGO, 2007, p. 23 2005).

A teleSUR padece da falta de independência em relação ao governo venezuelano, primeiro de Hugo Chávez e agora de Nicolás Maduro e, por isso, está vulnerável a duras críticas como essa de Antonio Pascuali. A emissora, apesar das limitações político-editoriais e da orientação ideológica, é o único meio midiático público multinacional, em uma região onde quase a totalidade dos grandes veículos de comunicação são privados.

Consideramos que os principais desafios para a teleSUR na atualidade são a conquista da independência político-econômica do governo da Venezuela e a consolidação de sua incidência nos demais países da América Latina, que vêm passando por um processo de realinhamento político com o retorno da direita ao poder, vindo a torna-se, de fato, uma TV latino-americana.

2.2 CNN EN ESPAÑOL E A HEGEMONIA COMUNICATIVA NA AMÉRICA LATINA

Desde meados do século XX que a televisão vem se constituindo como agente preponderante na conjuntura política mundial. E nos anos mais recentes, tem assumido posição de destaque como instrumento político na sociedade. É por isso que se faz necessário entender cada vez melhor o papel da televisão na

¹¹ O Relatório MacBride (1983), conhecido no Brasil por Um Mundo e Muitas Vozes, é documento da UNESCO que discute questões comunicacionais ainda não resolvidas na atualidade. Dentre elas, está a falta de democracia na comunicação, devido ao fluxo unidirecional de informação (norte-sul) que resulta na verticalização da informação. É atestada, também no Relatório, a necessidade de mudança de tal conjuntura para a promoção dos demais direitos humanos (ALCURI *et. al.*, 2012).

manutenção da ordem global.

São verdadeiros impérios midiáticos, cancelados pelos países interessados em assegurar seus poderes de influência na comunidade internacional. E a principal expoente desses conglomerados de mídia é a *Cable News Network (CNN)*, maior rede de TV do planeta, com presença em mais de 212 países e territórios, atuando em favor dos interesses norte-americanos.

Fundada em 01 de junho de 1980 pelo empresário Ted Turner, a CNN é um canal a cabo estadunidense de notícias 24 horas. Tem sede em Atlanta (*CNN Center*), capital do estado da Geórgia, nos Estados Unidos, e faz transmissões também a partir de Nova York (*Time Warner Center*), e de seus estúdios em Washington e Los Angeles. O ingresso de Turner no universo empresarial da comunicação se deu 10 anos antes da criação da CNN, como salienta Bravo (1991, p. 22):

En 1970, él adquiere una pequeña estación en Atlanta. En 1976, decide transformar su pequeña estación independiente en "superestación" ligada por el satélite WTBS. En 1980 él crea la CNN y se encuentra a la cabeza de un imperio, que incluye el famoso catálogo de la Metro Goldwin Mayer de 3.650 películas. Considerado como el "Citizen Kane" de los tiempos modernos, Turner ha logrado imponerse.

Em 1985, a emissora deu o primeiro passo com a intenção de expandir suas transmissões de notícias para todo o mundo, com a criação da CNN Internacional (CNNI) (SOUZA, 2005). Conforme explica Souza (2005), até 1988, a rede de TV CNN "só falava inglês". No entanto, tratou de voltar sua programação para o público de outras línguas. "Iniciou com uma tímida programação em espanhol, depois destinou um canal de satélite para conquistar telespectadores de origem hispânica e latino-americana, com 24 horas de informação em língua espanhola" (SOUZA, 2005, p. 94).

Em 17 de março de 1997 começou as transmissões da divisão em espanhol do canal de televisão, voltado para a América Latina, Caribe e para os falantes de espanhol dos Estados Unidos. Para tanto, o grupo de Ted Turner possui três sinais diferentes na região, sendo um para o México, um para os Estados Unidos e outro para os demais países latino-americanos, ambas com sedes em Atlanta (Geórgia) e Miami (Flórida). Desde que surgiu, a CNN buscou imprimir seu estilo próprio de fazer

telejornalismo.

Desde o início, a transmissão não se limitou às imagens gravadas e de estúdio – ela já nasceu com o propósito de cobrir os acontecimentos do mundo, com repórteres espalhados pelas principais cidades e com a colaboração das maiores redes de televisão do planeta que já tinha os seus sinais interligados por satélite. O auge dessas coberturas se deu justamente em conflitos militares apoiados e iniciados pelos Estados Unidos. As guerras passaram a ser sinônimos de reportagens da CNN. E isso passou a ser reconhecido por vários meios de comunicação que reproduzem as informações transmitidas pelo canal, em tempo real, para todo mundo (SOUZA, 2005, p. 17).

Com um jeito ousado e inovador de fazer jornalismo televisivo (24 horas), o grupo CNN expandiu-se rapidamente e alcançou números monumentais e surpreendentes, até mesmo para uma empresa capitalista. Em pouco menos de quatro décadas (38 anos), a empresa midiática de Ted Turner se tornou o principal meio de comunicação do mundo, com poder de influência em todas as instâncias da esfera pública.

Em 2005, por meio de uma rede de 23 satélites, fez seu sinal chegar a mais de 240 milhões de assinantes, em 212 países. A rede conta hoje com uma base de correspondentes espalhados por 21 escritórios, além de 9 redações nos Estados Unidos. São cerca de 600 emissoras afiliadas, 400 só em solo norte-americano e 200 espalhadas pelo planeta. Em 2002, a CNN pontuou a marca de 72,5 milhões de telespectadores somente nos Estados Unidos, e estima-se que cerca de um bilhão de pessoas ao redor do mundo assistam seus programas. Mas os números da audiência internacional são incontáveis porque, além dos assinantes, o público também assiste às reportagens da CNN nos telejornais dos vários países que utilizam o material da rede norte-americana. Dessa forma, o mundo inteiro vê o que acontece no mundo pela CNN. Ou o que ela quer mostrar (SOUZA, 2005, p. 95/96).

A CNN está presente em todas as regiões do planeta e, onde não chega diretamente, é levada por emissoras com quem mantém acordos de geração e transmissão de imagens. Esse “colossal” empreendimento midiático foi inserido e, ao mesmo tempo contribuiu para alavancar o processo de globalização, universalizando um modelo de fazer jornalismo, produzido a partir da visão norte-americana dos fatos.

Por ser uma emissora comercial, a CNN, ao buscar firmar sua hegemonia no mercado global, recorre ao poderio econômico dos Estados Unidos para garantir

lucratividade. Em troca, dispõe seu aparato físico e simbólico para ressoar a visão imperialista e legitimar as ações de dominação econômica e política dos Estados Unidos, que utiliza o meio, ainda, para estender “sua cultura hegemônica a todas as regiões do mundo” (SOUZA, 2005, p. 17/18).

Souza (2005), ao relatar sobre a atuação da CNN na cobertura da invasão do Iraque pelos Estados Unidos, em 2003, é enfático ao afirmar que a televisão “é difusora da hegemonia e da geopolítica norte-americanas. Nenhum outro canal de notícias do mundo suspende a programação por 43 dias para falar única e exclusivamente de um assunto que interessa aos Estados Unidos” (SOUZA, 2005, p. 152).

Foi exatamente o que fez a CNN no período de duração do conflito, de 20 de março a 1 de maio de 2003, sempre buscando construir um consenso em torno dos bombardeios das forças de ocupação da coalizão, que invadiram o país oriental, mesmo sem autorização do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU). De acordo com Souza (p. 110), “a própria CNN admite que sua cobertura das guerras é uma boa propaganda para os Estados Unidos. [...] A rede de notícias já deu demonstrações, no vídeo, de que está sempre pronta para colaborar com o governo dos estados Unidos”.

Como podemos identificar no exposto anterior, essa emissora de TV possui função estratégica na construção de narrativas pró Estados Unidos e na defesa de suas aspirações político-econômicas na geopolítica global. A CNN se fortaleceu também pela visão empresarial de Ted Turner, mas, principalmente, pelo alinhamento editorial com a política imperial da Casa Branca.

A CNN tem um poder de penetração que atualmente impede a presença de outra rede all News de abrangência mundial com o mesmo alcance que o seu. Nessa situação, qualquer assunto que ela promove tem alcance internacional, por isso, os Estados Unidos têm interesse direto que a rede continue bem (SOUZA, 2005, p. 154).

A relação da CNN com o governo norte-americano é tão imbricada que, sempre que surge no campo televisivo uma voz dissonante e que ameace a hegemonia estabelecida por Washington, a emissora é acionada para entrar em ação, como se fosse a porta voz oficial governista. Como no caso das emissoras noticiosas árabes que surgiram com formato semelhante ao da CNN, “transmitindo, porém, um conteúdo diferenciado. Modelo que chega à América Latina com a

implantação da TV Sul [teleSUR], emissora de caráter nitidamente anti-imperialista” (LEAL FILHO, 2005, p. 12).

O surgimento de emissoras árabes, como a Al Jazira, e a latino-americana, teleSUR, retirou das redes ocidentais, principalmente da CNN, o monopólio das imagens e narrativas e evidenciou o problema do viés político na cobertura de fatos ocorridos nessas regiões, que até então eram informadas por noticiários estrangeiros ou locais, que são cópias o mais fiéis possível do jornalismo norte-americano, e que tinham uma relação de dependência com a CNN.

Desbancar a hegemonia estadunidense no campo midiático não é uma tarefa das mais fáceis, nem possível de se alcançar de imediato, a considerar que o país nortista controla “65% do fluxo de informações que circulam no mundo” (SOUZA, 2005, p. 162). No entanto, algumas iniciativas regionalistas estão, aos poucos, sobrepujando esse poderio que até pouco tempo parecia intocável, conforme era visualizado na programação da CNN.

Esse conglomerado, por décadas, reinou soberano na América Latina, uma vez que os aparatos de resistência ao discurso hegemônico norte-americano na região não conseguiam ressoar seus discursos, pois mesmo os grupos midiáticos locais atuam em parceria com a TV estadunidense, reforçando a dominação imperialista, no sentido de manter intacta a ordem vigente. E essa relação assimétrica de notícias do centro hegemônico com os países periféricos gera consideráveis problemas de ordem social.

As informações vindas dos países que dominam o crescimento econômico aumentaram as disparidades regionais e escancaram as diferenças, razões pelas quais aumentaram também os conflitos políticos para a manutenção das características sociais e dos seus valores regionais. Isso beneficiou a manutenção da cultura local (SOUZA, 2005, p. 158).

A relação midiática dos Estados Unidos com a América Latina é, historicamente, díspar. Enquanto a extensa maioria das redes de TV estadunidenses está presente em praticamente todos os países da região, nenhuma emissora latino-americana consegue fazer o fluxo contrário, alcançando incidência significativa em território norte-americano. E isso produz efeitos negativos no imaginário regional, pois reforça uma visão de mundo desconexa da realidade.

Na década de 1990, a produção de televisão e de filmes dos Estados

Unidos ocupou 77% da programação de TV na América Latina, segundo dados da Unesco. Desde então, a média anual é de 150 mil horas de filmes, séries, desenhos, esportes e informação de origem norte-americana veiculadas pelas emissoras latinas. Nenhum desses produtos é ingênuo. Essas produções moldam padrões culturais referências de mundo, consolidam opiniões, viram guiam de beleza (SOUZA, 2005, p. 24).

No entanto, algumas iniciativas contra-hegemônicas surgiram nos últimos anos na América Latina, para fazer frente ao modelo comunicativo ditado pelos Estados Unidos. Busca-se fazer um jornalismo plural, com a sensibilidade e o pertencimento a uma região que tem seus aspectos políticos, culturais e sociais corriqueiramente negligenciados e menosprezados pela mídia imperialista, que supervaloriza sua condição de pertença ao centro hegemônico.

Nesse sentido, Souza (2005, p. 153) reforça que a mídia estadunidense, em especial o canal de televisão CNN, é “o exemplo mais claro da amplitude e do alcance do poder hegemônico na mídia, segundo o conceito de hegemonia de Gramsci”. E para aprofundar a discussão acerca do conceito de hegemonia, com enfoque ao campo da comunicação, evocamos os preceitos do cientista político italiano Antonio Gramsci.

De acordo com Carnoy (1988), hegemonia, na perspectiva gramsciana, significa o predomínio ideológico de valores e normas burguesas sobre as classes subalternas na sociedade civil. A burguesia busca impor sua força de dominação a partir da aceitação, por parte dos dominados, de uma concepção de mundo que não lhes pertence, mas sim aos seus dominadores. A classe subalterna é orientada a aceitar a moral, os costumes e o comportamento institucionalizado da sociedade em que vive, cujas regras são ditadas pelos dominadores (FIORI *apud* CARNOY, 1988).

Entretanto, essa relação de outorga à hegemonia da elite não é absoluta, nem estática, pois se desenvolve em um terreno instável que sofre constantes mudanças, buscando acomodar-se à realidade circunstancial e às intempéries da humanidade. Nesse sentido, Carnoy (1988, p. 95) reforça que “a hegemonia não é uma força coesiva. Ela é plena de contradições e sujeita ao conflito”.

O autor explica também que o conceito de hegemonia definido por Gramsci tem dois significados principais. O primeiro refere-se a

Um processo na sociedade civil pelo qual uma parte da classe dominante exerce o controle, através de sua liderança moral e

intelectual, sobre outras frações aliadas da classe dominante. A fração dirigente detém o poder e a capacidade para articular os interesses das outras frações. Ela não impõe sua própria ideologia ao grupo aliado; mas antes "representa um processo politicamente transformativo e pedagógico, pelo qual a classe (fração) dominante articula um princípio hegemônico, que combina elementos comuns, extraídos das visões de mundo e dos interesses dos grupos aliados" (GIROUX *apud* CARNOY, 1988, p. 95).

O segundo significado trata da relação das classes sociais dominantes com as dominadas. A primeira utiliza a liderança política, moral e intelectual para estabelecer sua perspectiva de mundo, como sendo "inteiramente abrangente e universal, e para moldar os interesses e as necessidades dos grupos subordinados" (CARNOY, 1988, p. 95).

Na perspectiva de Gramsci (1971), a relação hegemônica de dominação entre a sociedade política (dominantes) e a sociedade civil (dominados), primeiramente se dá a partir do consentimento dessa última, e é estabelecida "através do Estado e do seu governo jurídico" (CARNOY, 1988, p. 99), que fornece seus aparelhos coercitivos para o uso da classe dominante. Assim, Gramsci (1971) elucida que o "Estado é o complexo das atividades práticas e teóricas com o qual a classe dominante não somente justifica e mantém a dominação como procura conquistar o consentimento ativo daqueles sobre os quais ela governa" (GRAMSCI *apud* CARNOY, 1988, p. 99).

Moraes (2010) apresenta a perspectiva do filósofo italiano sobre o conceito de hegemonia voltado ao campo da comunicação. Para o autor, a teorização de Gramsci nos permite refletir sobre o jogo de consensos e dissensos que permeiam e ditam as regras da produção simbólica nos meios midiáticos, que possuem funções decisivas na construção e submissão "do imaginário social e nas disputas de sentido e de poder na contemporaneidade" (MORAES, 2010, p. 54).

No entender de Gramsci, a hegemonia pressupõe a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras. Além de congregar as bases econômicas, a hegemonia tem a ver com entrelaços de percepções, juízos de valor e princípios entre sujeitos da ação política (MORAES, 2010, p. 54).

Os meios de comunicação como instrumentos de poder possuem posição privilegiada para promover consensos, por sua condição de distribuidores de

conteúdos, com potencialidade abrangente de alcance das massas. Além disso, a mídia veicula um grande volume de informações que carregam consigo ideias e símbolos com alto teor ideológico, com vistas ao convencimento.

Tudo o que se publica é constantemente influenciado por uma idéia: servir a classe dominante, o que se traduz sem dúvida num fato: combater a classe trabalhadora. [...] Todos os dias, [...] os jornais burgueses apresentam os fatos, mesmo os mais simples, de modo a favorecer a classe burguesa e a política burguesa, com prejuízo da política e da classe operária. [...] E não falemos daqueles casos em que o jornal burguês ou cala, ou deturpa, ou falsifica para enganar, iludir e manter na ignorância o público trabalhador (GRAMSCI, 2005, p. 01).

A partir do exposto, entendemos que os meios de comunicação atuam, sem qualquer reserva de demonstração de sua orientação política, em prol da hegemonia da classe dominante e para a manutenção da ordem social vigente. Moraes (2010) destaca que a função das corporações midiáticas é regular a opinião pública priorizando assuntos que, na visão da elite, merecem destaque. “O ponto nodal é transmitir conteúdos que ajudem a organizar e a unificar a opinião pública em torno de princípios e medidas de valor” (MORAES, 2010, p. 67).

Nessa conjuntura de construção e consolidação de hegemonia, dentre as atribuições da mídia está a de ecoar os discursos da elite e construir consensos em torno das ideias defendidas, e evitar que posturas contestadoras ganhem espaço e força para fragilizar ou enfrentar o projeto de dominação.

A meta precípua é esvaziar análises críticas e expressões de dissenso, evitando atritos entre as interpretações dos fatos (notadamente os que afetam interesses econômicos, corporativos e políticos) e seu entendimento por parte de indivíduos, grupos e classes. O controle ideológico dificulta a participação de outras vozes no debate sobre os problemas coletivos, pois se procuram neutralizar óticas alternativas, principalmente as que se opõem à supremacia do mercado como âmbito de regulação de demandas sociais (MORAES, 2010, p. 68).

Posicionada em defesa dos interesses da burguesia, a mídia propaga as mensagens para o controle ideológico e apaga ou ignora as divergências que surgem. Mas esse controle não é homogêneo, considerando que há setores sociais que não se submetem aos arbítrios da ordem imposta, embora não tenham força para contestá-la, uma vez que os instrumentos de poder, ou aparelhos coercitivos,

estão sob a tutela do estado, que é dominado pela elite.

Os grupos subalternos se aglutinam para provocar rupturas e realinhamentos na ordem estabelecida, como forma de provocar rupturas e realinhamentos na hegemonia da classe dominante, denunciando e tentando “reverter as condições de marginalização e exclusão impostas a amplos estratos sociais pelo modo de produção capitalista” (MORAES, 2010, p. 73). São ações de contra-hegemonia que possibilitam o surgimento de novos delineamentos éticos-políticos para a sociedade.

A contra-hegemonia institui o contraditório e a tensão no que até então parecia uníssono e estável. Gramsci nos faz ver que a hegemonia não é uma construção monolítica, e sim o resultado das medições de forças entre blocos de classes em dado contexto histórico. Pode ser reelaborada, revertida e modificada, em um longo processo de lutas, contestações e vitórias cumulativas (MORAES, 2010, p. 73).

Na América Latina, esse movimento contra-hegemônico ganhou força e visibilidade nas últimas décadas com o realinhamento político à esquerda, provocado pela chegada ao poder de políticos ligados aos movimentos progressistas da região. A elite tradicional foi vencida dando lugar a uma classe política que não apenas criou novos instrumentos para instaurar e consolidar uma contra-hegemonia, mas também fortaleceu as iniciativas que já existiam, e que eram asfixiadas pelo grupo dominante.

No campo da comunicação, projetos populares, comunitários e empreendimentos alternativos passaram a fazer frente aos ditames discursivos da mídia hegemônica. A mídia contra-hegemônica passou a ocupar espaço abrangente no cotidiano das massas, para isso construiu uma identificação com os setores sociais subalternizados. Para Moraes (2010, p. 75), esses projetos possuem significados especiais para a região, pois a atuação deles “significa desenvolver batalhas permanentes por uma comunicação plural e não oligopolizada, no quadro geral das lutas por outra hegemonia, fundada na justiça social e na diversidade”.

A nova conjuntura política latino-americana possibilitou também o surgimento de projetos midiáticos intergovernamentais, com caráter de esquerda e antiimperialista. A emissora de TV multiestatal *Televisión del Sur* (teleSUR), por exemplo, foi criada para promover a integração da América Latina, dando voz aos povos da região e construir um novo paradigma comunicacional baseado na

pluralidade e respeito às características regionais.

Mas, sobretudo, para enfrentar o discurso dominante da mídia norte-americana, que constrói e veicula uma realidade caricata, burlesca e reducionista da América Latina, com vistas a manter o irrestrito poder de influência e domínio dos Estados Unidos sobre os povos da região, apresentando-se como modelo de sociedade.

Como notamos, as emissoras possuem posturas político-comunicativas diferentes. E no que trata das abordagens sobre acontecimentos transcorridos na América Latina, teleSUR e CNN en Español imprimem suas particularidades. Nesse contexto, as marcas comunicativas das duas emissoras de TV, serão aferidas a partir da análise da cobertura que fizeram da tragédia do desaparecimento forçado dos 43 estudantes mexicanos de Ayotzinapa em 2014.

3 VIVOS SE LOS LLEVARON, VIVOS LOS QUEREMOS: A TRAGÉDIA DE AYOTZINAPA COM OS 43 ESTUDANTES NORMALISTAS

Triste comenzó Septiembre
 Por la tragedia nefasta
 La bandera a media asta
 Que no dure hasta noviembre
 Hoy resuenan en mi mente
 Las voces de Ayotzinapa
 (Versos de Ayotzinapa – Carmina Cannavino).

Escrever textos, independentemente do gênero, é uma tarefa difícil. Artigos científicos, monografias, dissertações, teses, reportagens, notícias, crônicas, contos e etc. Outra dificuldade na arte da escrita é a propriedade sobre o assunto abordado. Dependendo da familiaridade que se tem com o tema, o texto flui com certa facilidade, ou simplesmente desaparece. Quando a relação autor-texto ultrapassa todos esses limites e afeta profundamente a sensibilidade humana, uma muralha se ergue, exigindo esforço extremo na articulação do ato de pensar, organizar as ideias e escrever.

Fazemos essa breve introdução para podermos explicar a angústia que sentimos ao escrever sobre a barbárie provocada contra os estudantes da Escola Normal Rural Raúl Isidro Burgos, da Comunidade de Ayotzinapa, cidade de Tixtla, Estado de Guerrero, sudoeste do México. Esse é, sem dúvidas, o processo de

escrita mais fatigante e desafiador da, ainda, curta trajetória estudantil e militante deste autor. São dificuldades que não dizem respeito, precisamente, ao conteúdo ou padrão linguístico e normativo exigidos para academia.

Com os estudantes normalistas compartilhamos um conjunto de características que nos identificam e nos aproximam. Além do determinante humano, partilhamos o espírito latino-americano da militância por uma sociedade mais humana, justa e solidária; a condição social, como trabalhadores rurais e filhos de famílias camponesas; a juventude, considerando que fazemos parte da mesma faixa etária; e estudantes, crenças na educação como caminho para romper estigmas e transformar realidades historicamente relegadas à marginalização.

Los alumnos de Ayotzinapa eran jóvenes; en su mayoría son hijos de familias camponesas, estudiantes de una Normal Rural. Por eso los desaparecieron de manera forzada [...]. Defendían la educación pública, el normalismo rural, la seña al servicio de los más necesitados, la transformación social del país (NAVARRO, 2015, p. 08).

Conforme adiantamos na introdução desse trabalho, o autor esteve em Mobilidade Acadêmica Internacional na *Universidad Anáhuac Cancún* (UAC), México, no período de agosto a dezembro de 2014. E aquele dia 26 de setembro, sexta-feira, foi um dia normal na rotina estudantil, tivemos aula da disciplina *Panorama político, social y cultura del Mundo Contemporáneo*, das 10h às 11h, com a professora María Agélica González Martínez, no terceiro período do curso de *Comunicación* da UAC. Depois da aula retornamos de ônibus para casa, localizada na *Calle Jaleb, Súper Manzana 20*, no centro de Cancún, de propriedade da senhora Teresa Carmona, nossa receptora no intercâmbio. A tarde foi de leituras e a noite assistimos ao filme nacional “Casa de Areia”.

Artesã e militante pela paz, Teresa Carmona foi imprescindível no despertar investigativo para essa pesquisa. Foi dela que recebemos as primeiras notícias dos ataques contra os estudantes normalistas, na manhã de sábado, dia 27 de setembro. Ela soube das informações através dos grupos e páginas nas redes sociais e dos meios alternativos, considerando que a grande mídia nacional tratou de ocultar o caso, só vindo a noticiar apenas após a forte difusão feita pelas mídias alternativas e a repercussão nas mídias locais. As primeiras informações noticiadas

pela mídia internacional, como *CNN en Español* e teleSUR, por exemplo, só aconteceu mais de 50 horas depois do ocorrido, no dia 29 de setembro.

Dada a sensibilidade para com a causa de luta dos normalistas mexicanos e a crueldade com que foram tratados pelos agentes de estados desse país, designados para “garantir a ordem e a segurança social”, vamos tentar irromper o paradigma academicista do pesquisador-objeto para podermos traspassar os números e deixar entrever a vida familiar e social de cada um destes 43 estudantes que têm nomes, rostos e histórias para serem ditos, mostrados e contadas. Passaram-se três anos desde aquela trágica noite, mas a luta em favor de suas memórias permanece viva por diversas partes do planeta.

Para alentar o relato dessa tragédia anunciada e repetida, recorreremos às linguagens menos indiferentes ao sofrimento provocado às dezenas de famílias afetadas direta e indiretamente pelo punho violento do estado mexicano. As poesias de músicas históricas nos acompanharão na escrita desse capítulo.

Quero falar de uma coisa
Adivinha onde ela anda
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar
Pode estar aqui do lado
Bem mais perto que pensamos
A folha da juventude
É o nome certo desse amor
(**Coração de estudante** – Milton Nascimento).

Daniel Solís Gallardo, Julio César Mondragón Fontes e Julio César Ramírez Nava, estudantes normalistas de Ayotzinapa, assassinados na noite de 26 de setembro de 2014, em Iguala, cidade de 140 mil habitantes, localizada no estado de Guerrero, a 200 quilômetros da capital do México. Blanca Montiel Sánchez, passageira de um taxi, assassinada por bala perdida em 26 de setembro de 2014. David Josué García Evangelista, 15 anos, jogador do clube de futebol Los Avispones, de Chilpancingo, Capital do Estado de Guerrero e Víctor Manuel Lugo Ortiz, motorista do ônibus do clube, assassinados em 26 de setembro de 2014, quando voltavam de um jogo.

Alexander Mora Venancio de 19 anos e Jhosivani Guerrero de la Cruz, 20 anos, tiveram seus restos mortais identificados. O primeiro em dezembro de 2014 e o segundo em setembro de 2015, na Universidad de Innsbruck, Áustria, através de

análise de DNA mitocondrial, encontrado em meio a 63 mil fragmentos ósseos coletados no Rio San Juan e no lixeiro de Cocula, cidade vizinha a Iguala. Eles faziam parte do grupo de 43 desaparecidos forçados.

Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Quantas vezes se escondeu
Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê
Flor, flor e fruto

(**Coração de estudante** – Milton Nascimento).

Aldo Gutiérrez Solano, normalista de 22 anos. Na noite de 26 de setembro de 2014 foi alvejado com um tiro na cabeça que destruiu 65% de seu cérebro, desde então, se encontra em estado vegetativo, internado no Instituto Nacional de Reabilitação Luis Guillermo Ibarra Ibarra, na Cidade do México. Os familiares dizem que ele os escuta e tem algumas pequenas reações. O estado de saúde dele é estável, mas os médicos afirmam que será muito difícil que recupere a consciência. Desconhece-se quem disparou contra o jovem, assim como as motivações, tampouco se sabe do paradeiro dos demais 41 desaparecidos forçados.

Ángel García Hernández (19 anos); Abelardo Vázquez Penitén (19 anos); Adán Abraján de la Cruz (20 anos); Antonio Santana Maestro (20 anos); Benjamín Ascencio Bautista (19 anos); Bernardo Flores Alcaraz (21 anos); Carlos Iván Ramírez Villarreal (20 anos); Carlos Lorenzo Hernández Muñoz (19 anos); César Manuel González Hernández (19 anos); Christian Alfonso Rodríguez Telumbre (21 años); Christian Tomás Colón Garnica (19 anos); Cutberto Ortiz Ramos (22 anos); Dorian González Parral (19 anos); Emiliano Alen Gaspar de la Cruz (20 anos); Everardo Rodríguez Bello (21 anos); Felipe Arnulfo Rosa (20 anos); Giovanni Galíndez Guerrero (20 anos); Israel Caballero Sánchez (22 anos); Israel Jacinto Lugardo (19 anos); Jesús Jovany Rodríguez Tlatempa (21 anos); Jonás Trujillo González (20 anos); Jorge Álvarez Nava (19 anos); Jorge Aníbal Cruz Mendoza (23 anos) Jorge Antonio Tizapa Legideño (20 anos); Jorge Luis González Parral (21 anos); José Ángel Campos Cantor (33 anos); José Ángel Navarrete González (18 anos); José Eduardo Bartolo Tlatempa (17 anos); José Luis Luna Torres (20 anos); Julio César López Patolzin (25 anos); Leonel Castro Abarca (18 anos); Luis Ángel Abarca Carrillo (21 anos); Luis

Ángel Francisco Arzola (18 anos); Magdaleno Rubén Lauro Villegas (19 anos); Marcial Pablo Miranda (20 anos); Marco Antonio Gómez Molina (20 anos); Martín Getsemany Sánchez García (20 anos); Mauricio Ortega Valerio (18 anos); Miguel Ángel Hernández Martínez (27 anos); Miguel Ángel Mendoza Zacarías (23 anos); Saúl Bruno García (18 anos).

Esse é o resultado da ação das forças policiais (Polícia Municipal, Estadual e Federal), aliadas aos grupos de crime organizado, contra esses estudantes, na noite do dia 26 e madrugada do dia 27 de setembro de 2014, na cidade de Iguala, que deixou também, 33 feridos e dezenas de famílias desoladas. Fazemos questão de destacar seus nomes, idades e partes de suas histórias, para enfatizarmos que foram privados da vida, em plena juventude, plenos de capacidade para contribuir com a melhoria das condições de vida de suas famílias, suas comunidades e de seu país.

Imagem 01: Ilustração dos rostos dos 43 estudantes de Ayotzinapa

¡Ayotzinapa vive!







Fonte: #IlustradoresConAyotzinapa¹²

Coração de estudante
 Há que se cuidar da vida
 Há que se cuidar do mundo
 Tomar conta da amizade
 Alegria e muito sonho
 Espalhados no caminho
 Verdes, planta e sentimento
 Folhas, coração
 Juventude e fé
 (Coração de estudante – Milton Nascimento).

¹² Disponível em: <http://ilustradoresconayotzinapa.tumblr.com/>. Acessado em 26 de set 2017.

Os estudantes faziam parte da Escola Normal Rural Raúl Isidro Burgos, de Ayotzinapa, que forma professores para atuarem nas comunidades rurais. Esse centro de estudos conta com alunos em regime de internato e tem tradição ideológica socialista. O ensino é público, gratuito e voltado, exclusivamente, para membros de famílias pobres que não podem pagar pela educação dos filhos. Fundada em 1926, a escola faz parte de um projeto de educação para as comunidades rurais, instituído entre 1920 e 1934, período posterior à revolução mexicana, e que recebeu impulso significativo do Estado, mas vem sofrendo com o descaso dos governos mais recentes.

Foram criadas inicialmente 36 escolas normais, dessas apenas 17 funcionam atualmente. A normal Raúl Isidro Burgos tem aproximadamente 500 estudantes matriculados, e anualmente ingressam 140 novos. Eles possuem uma presença relevante na vida política e pública do Estado de Guerrero, participando em mobilizações e mantendo relação com organizações civis, polícias comunitárias, professores e trabalhadores rurais (GIEI, 2015).

A escola de Ayotzinapa, identificada como a “cuna de la lucha social”, é uma das mais resistentes na defesa da educação rural. É também conhecida como centro de formadores de guerrilheiros. Nas décadas de 1960 e 1970 alguns estudantes da normal integraram as filas de guerrilhas do país. As figuras mais conhecidas que estudaram na Normal Raúl Isidro Burgos são Lúcio Cabañas Barrientos, líder do grupo armado Partido dos Pobres e Secretário Geral da Federação de Estudantes Campesinos do México (FECSM), a mais antiga organização estudantil do país, com tendência política de esquerda marxista, e Genaro Vásquez Rojas, dirigente da Associação Cívica de Guerrero e posteriormente, de forma clandestina, da Associação Cívica Nacional Revolucionária.

São esses alguns dos ícones que inspiram as novas gerações de normalistas de Ayotzinapa a contestarem a segregação, o descaso e a violência do estado mexicano contra a parcela social menos favorecida. Conforme explica Solalinde (2015), eles são “chavitos campesinos” que encampam uma “lucha generosa contra el empobrecimiento y la injusticia: ¡Son los pobres preocupados por otros más pobres!” (SOLALINDE, 2015, p. 10). A nobreza dos esforços dos normalistas por uma sociedade mais digna é a principal marca de suas histórias.

Alienta conocer que estos jóvenes de Ayotzi se han movido por ideales solidarios. No es cualquier cosa estudiar, trabajar y, todavía, incidir políticamente en favor del país, de los derechos humanos, de los pobres, a sabiendas de que un profesor rural no tiene prerrogativas de lucro porque su plaza no da para más. Es más fuerte la vocación de servir y servir en las zonas más marginadas (SOLALINDE, 2015, p. 10).

Na tarde do dia 26, partiram três ônibus com um grupo de aproximadamente 100 estudantes da Escola Normal Rural Raúl Isidro Burgos, da comunidade de Ayotzinapa, localizada em Tixtla, cidade vizinha a Iguala, onde transcorreram os ataques. Tinham ido às ruas fazer pedágio e conseguir transporte para participar da manifestação na Cidade do México, em 2 de outubro, data que recorda o Massacre de Tlatelolco, em 1968, quando o exército mexicano disparou contra milhares de estudantes que protestavam na *Plaza de las Tres Culturas*, região periférica da capital mexicana, por ordem do então presidente Gustavo Díaz Ordaz Bolaños, do Partido Revolucionário Institucional (PRI), deixando cerca de 350 estudantes mortos.

A forma de conseguir transporte é tomando ônibus, uma espécie aquisição dos veículos com o condutor incluído, prática comum por parte dos estudantes normalistas em varias regiões do país, onde há escolas rurais. Inclusive as empresas de ônibus instruem seus motoristas para que fiquem nos veículos quando são tomados, lhes garantindo o pagamento correspondente ao período em que ficam com os normalistas. “Cuando los autobuses son tomados por los estudiantes, la compañía les paga su sueldo y tienen la orden de quedarse resguardando el vehículo” (GIEI, 2015, p. 20).

Chegando a Iguala, os estudantes tomam três ônibus no Terminal Rodoviário da cidade e saem a bordo dos cinco veículos, com a intenção de retornar a Ayotzinapa. Ao saírem, são perseguidos por um grupo de viaturas da Polícia Municipal que os impediram de seguir caminho, atacando a tiros os transportes dos normalistas, sem nenhuma advertência.

Na noite do dia 26, o então prefeito de Iguala, José Luis Abarca Velázquez, do Partido da Revolução Democrática (PRD), a “esquerda” mexicana, e a primeira dama, María de los Ángeles Pineda Villa, realizavam um evento na *Plaza de las Tres Garantías*, para ela apresentar o relatório de suas ações à frente do *Sistema para el Desarrollo Integral de la Familia* (DIF), de Guerrero, oportunidade em que também

seria lançada sua pré-candidatura à prefeita para suceder o esposo nas eleições de 2015.

De acordo com a versão da Procuradoria Geral da República (PGR) do país, a presença dos estudantes nas dependências da cidade e a tomada de ônibus na rodoviária foram comunicadas pela polícia local a Velázquez e à esposa, que ainda foram alertados da possibilidade dos estudantes boicotarem a celebração (MARCI-AL, 2015). Ainda segundo a PGR, a pedido de sua esposa, ordenou o Chefe de Segurança Pública de Iguala, atualmente fugitivo da justiça mexicana, Felipe Flores Velázquez, a interceptar os veículos dos estudantes e, assim, evitar que chegassem a prejudicar o andamento do ato oficial da primeira dama.

Entretanto, essa explicação é questionada pelo *Grupo Interdisciplinario de Expertos Independientes* (GIEI), ligado a ONG *Equipo Argentino de Antropología Forense*, nomeado pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), para investigar o caso. A ONG foi criada em 1984 para desenvolver técnicas que ajudaram a descobrir o que tinha acontecido com as pessoas desaparecidas na Argentina, durante a sangrenta ditadura militar de Jorge Rafael Videla (1971-1981). Segundo o Giei (2015, p. 126), “las evidencias muestran que cuando [los estudiantes] llegaron a la central de autobuses, el evento ya había finalizado hacía tiempo.

Na ação contra os normalistas, “a polícia de Iguala fez um cerco na estrada que dá entrada à cidade e, sem nenhuma cerimônia, abriu fogo contra o ônibus dos estudantes” (MARCIAL, 2015, p. 11). Conforme também relata Navarro (2014, p.01), “primero los uniformados [policías], y luego los pistoleros vestidos de civil, les dispararon intermitentemente sin advertencia alguna”. Assim, a Polícia Municipal, Polícia Estadual, Polícia Federal e criminosos ligados aos carteis de narcotráfico de Guerrero trataram de “dispersar” os estudantes a tiros à queima roupa. Em nenhum momento a ação policial foi no sentido de recuperar os ônibus, tampouco há relatos dos proprietários dos veículos reclamando a devolução desses.

Foram três investidas armadas diretamente contra os normalistas. A primeira ocorreu por volta das 21h30, quando seguiam três ônibus com os estudantes do Terminal Rodoviário rumo ao Periférico Norte, na altura da rua Juan N. Álvarez. Aproximaram-se viaturas policiais, com os agentes disparando para o ar de diferentes dire-

ções. “En el camino, una patrulla de policía municipal les cerró el paso, por lo que un grupo de normalistas se bajó para tirarle piedras, y la patrulla terminó retirándose” (GIEI, 2015, p. 44).

O segundo ataque ocorreu em seguida, às 21h40, a algumas quadras do Periférico Norte. Os tiros foram disparados contra os vidros das janelas e furaram os pneus dos ônibus. Um grupo de viaturas da polícia segue os estudantes e outras são posicionadas à frente dos veículos, impedindo-lhes a passagem. Nesse ataque que durou mais de 30 minutos, “todos los autobuses fueron tiroteados, quedaron muchos cristales rotos y las carrocerías agujereadas a balas” (GIEI, 2015, p. 51). No tiroteio, Aldo Gutiérrez Solano é ferido gravemente com um tiro na cabeça.

Uma testemunha entrevistada disse que foi ver o que se passava. Quando chegou, a rua estava fechada por policiais encapuzados, com armas grandes, uniformes escuros e com um detalhe que fixou na memória: suas calças eram diferentes das usadas pela polícia municipal (HERNÁNDEZ, 2014, p. 05).

Os estudantes de outro ônibus, que seguia da rodoviária em direção ao Periférico Sul, pela rodovia que leva a Chilpancingo, foram informados dos ataques anteriores contra seus companheiros. “Aproximadamente a las 22:00 horas, los normalistas que iban a bordo recibieron una llamada de los que se encontraban en el escenario” (GIEI, 2015, p. 79). Esse veículo também foi interceptado por viaturas em frente ao Palácio de Justiça de Iguala. Os estudantes que foram obrigados a descer do transporte fugiram por entre os carros que se aglomeravam na rodovia.

Por volta das 23h chegava ao cenário dos crimes outro grupo de estudantes de Ayotzinapa, que se deslocaram após terem recebido um pedido do socorro de seus companheiros (HENÁNDEZ, 2014). Chegaram também professores da Coordenação Estadual dos Trabalhadores da Educação de Guerrero (CETEG) e repórteres de diversos meios de comunicação (GIEI, 2015).

A imprensa foi comunicada do fato e chegou ao local por volta de 00h30. Organizaram uma coletiva e, enquanto os estudantes davam entrevistas falando sobre os tiroteios, à 00h45, foram atacados pela terceira vez. Um grupo de atiradores encapuzados e vestidos de preto disparou por aproximadamente 15 minutos, segundo

informações da Procuradoria Geral de Justiça (PGJ) de Guerrero. Nesse ataque mataram os estudantes Julio César Ramírez Nava e Daniel Solís Gallardo.

Durante a coletiva de imprensa, Julio César Mondragón Fuentes estava sentado ao lado de um dos ônibus, e quando recomeçou o tiroteio ele fugiu em busca de abrigo e não foi mais visto com vida pelos companheiros. Seu corpo foi encontrado às 10h da manhã de sábado, dia 27 de setembro, abandonado na zona industrial da cidade, com marcas de tortura (GIEI, 2015).

A morte de Fuentes, de apenas 22 anos, acrescenta dolorosos elementos à atrocidade e desumanização da ação da polícia naquela noite. Antes de ser executado, o estudante foi torturado, tendo os olhos e a pele do rosto arrancados. Conforme descreve o Giei (2015, p. 124), a autópsia “reveló visibles muestras de tortura, arrancamiento de piel y músculos faciales, múltiples fracturas craneales así como lesiones internas con hemorragias en diferentes vísceras como consecuencia de torturas”.

Para Solalinde (2015), a crueldade com a qual assassinaram o jovem Julio César Mondragón Fuentes tem um significado simbólico ainda mais desumano, como se tivesse sido praticado por quem já não tivesse mais vida. “Arrancar el rostro es otra forma de querer desaparecer definitivamente a estos muchachos, con un odio propio de quien ya está muerto (SOLALINDE, 2015, p. 09).

Ainda de acordo com as investigações da justiça mexicana, ao mesmo tempo em que transcorria o segundo ato de violência, na autopista que leva a Chilpancingo, na saída da cidade de Iguala, outro grupo de policiais disparou contra um ônibus que transportava os jogadores do time de futebol da terceira divisão de Guerrero, Los Avispones.

El ataque dejó varios heridos, algunos muy graves. Según un testigo, el primero en ser herido fue el chofer, por lo que perdió el control del vehículo, que se fue hacia la derecha, saliendo de la carretera y quedando varado con la puerta atorada. Según uno de los heridos graves: “Al detenerse el autobús, los que nos estaban disparando del lado derecho, quedamos de frente nosotros a ellos y nos empezaron a disparar de frente, ahí fue donde me dieron a mi dos balazos, me atravesaron el abdomen, el hígado y le dieron a mi preparador físico, una bala le rozó el ojo y le atravesó el tabique nasal y otra le fracturó el brazo izquierdo” (GIEI, 2015, p. 113).

O ônibus foi confundido pela polícia com outro dos estudantes normalistas. Morreram o jogador David Josué García Evangelista, o motorista do time, Víctor Manuel Lugo Ortiz e a passageira de um taxi, Blanca Montiel Sánchez, que passava no local. Sete dos jovens jogadores e o diretor técnico do clube ficaram feridos. O dirigente foi internado em estado grave (GIEI, 2015). Além disso, foi registrada também outra agressão contra um taxi e um caminhão de transporte de mercadorias, na rodovia que liga Iguala a Chilpancingo. Do taxi, duas pessoas ficaram feridas, uma no braço e perna e outra no pé. Os ocupantes do caminhão também foram atingidos por balas (GIEI, 2015).

Durante os ataques, 43 jovens foram detidos pelas forças de segurança, “trasladados e entregues a membros do Cartel Guerreros Unidos por ordem de Felipe Flores” (MARCIAL, 2015, p.11). A polícia de Iguala contou com o apoio de agentes de segurança de Cocula para levar os normalistas aos narcotraficantes. A versão defendida inicialmente pela Procuradoria Geral da República (PGR) do México, dá conta que os estudantes foram levados em caminhonetes até o lixeiro de Cocula, onde cada um foi interrogado brevemente pelos criminosos, antes de serem assassinados com um tiro na nuca.

Depois eles foram jogados para a parte baixa do lixeiro, onde, ainda segundo a PGR, tiveram seus corpos incinerados, e após horas de cremação, as cinzas foram recolhidas, colocadas em sacos plásticos pretos e jogadas no rio San Juan, que divide os municípios de Iguala e Cocula. Nos primeiros dias de investigação, inclusive, trataram a tragédia como confronto entre grupos rivais de narcotraficantes, colocando os normalistas como possíveis membros do *Cartel de Los Rojos*, inimigos ferrenhos dos Guerreros Unidos (MARCIAL, 2015).

No entanto, parte da versão para o paradeiro dos estudantes apresenta falhas e, por isso, é contestada por organizações que apontam versões divergentes da justiça mexicana. É o caso do *Grupo Interdisciplinario de Expertos Independientes* (GIEI), que contradiz a explicação da Procuradoria, que também é contestada pelos pais e familiares dos desaparecidos forçados. “Las declaraciones de los acusados

no son lineales ni congruentes sobre este tema. Hay contradicciones que cuestionan su validez” (GIEI, 2015, p. 128).

Segundo os dados colhidos pela PGR através das declarações de acusados, que foram acessados pelo Giei (2015), aponta-se para quatro versões diferentes para explicar o que aconteceu com os 43 estudantes, depois que foram entregues pela polícia aos narcotraficantes.

De acuerdo con estas declaraciones, existen cuatro versiones de lo ocurrido. Tres se refieren al lugar a donde supuestamente llevaron a los estudiantes: 1) colonia Pueblo Viejo, 2) casa de seguridad ubicada en Las Lomas, 3) el basurero de Cocula, 4) una cuarta versión no hace referencia exactamente al sitio a donde los llevaron, sino al motivo que les condujo hacia Iguala, “*matar a los hermanos Benítez Palacios*” (GIEI, 2015, p. 128).

Dentre as versões apresentadas, a que trata do lixeiro de Cocula aparece nos depoimentos de cinco acusados (Agustín García Reyes; Jonathan Osorio Cortez; Patricio Reyes Landa; Felipe Rodríguez Salgado; Miguel Ángel Landa Bahena), que afirmam terem participado diretamente da incineração dos estudantes. No entanto, a análise dos forenses argentinos ressalta que, para incinerar um grupo de 43 pessoas até ficar em estado de cinzas, é necessária uma combinação de fatores: clima, quantidade de materiais para manter o fogo e fazê-lo alcançar altas temperaturas no local e etc.

Tabela 01: Estimativas de quantidade de materiais, combustível e duração do incêndio.

Nº de cuerpos	Madera [kg] (mínimo)	Neumáticos [kg] (mínimo)	Diésel [kg] (mínimo)	Duración de quemado [horas]
1	700	310	310	12
43	30,100	13,330	13,330	60

Fonte: Informe Ayotzinapa. GIEI, México, 2015.

Conforme notamos na tabela, as condições necessárias para a incineração de 43 corpos não condizem com as oferecidas pelo lixeiro de Cocula, tampouco são coerentes com as versões dadas pelos acusados, em depoimentos dados às autoridades mexicanas. No informe publicado em 2015, o GIEI destaca também outras inconsistências nas investigações conduzidas pela Procuradoria, como torturas a alguns dos policiais e narcotraficantes presos e acusados pelos desaparecimentos forçados. Os pesquisadores também acusaram as autoridades mexicanas de dificultarem seu trabalho.

Por todos estos antecedentes [...], el GIEI se ha formado la convicción que los 43 estudiantes no fueron incinerados en el basurero municipal de Cocula. Las confesiones realizadas por los presuntos responsables en este punto no corresponden a la realidad de las pruebas presentadas en este estudio (GIEI, 2015, p. 156).

O desaparecimento forçado dos normalistas foi pauta de reportagem da jornalista investigativa mexicana Anabel Hernández, e publicada no Brasil pela agência de notícias Apublica. Especializada em denunciar casos de corrupção, narcotráfico e abusos de poder, a jornalista é autora do livro “Los Señores del Narco”, publicado em 2010. Em 2012 recebeu da Associação Mundial de Jornais e Editoras de Notícias (WAN-IFRA) o prêmio *Pluma de Oro de la Libertad*, e foi eleita em 2014 pela organização Repórteres sem Fronteiras como um dos “100 heróis da informação”, ao lado de Julian Assange e Glenn Greenwald (APUBLICA, 2014).

Hernández (2014) revela que foi montada uma verdadeira operação policial para agir contra os estudantes, destacando que não se tratou de algo circunstancial, mas sim, planejado. É o que comprova um relatório elaborado pelo governo de Guerrero, e entregue ao governo federal. O documento atesta que os estudantes estavam sendo monitorados pelas três instâncias de governos, municipal, estadual e federal, no dia 26 de setembro de 2014, “desde que saíram da escola, através do *Centro de Control, Comando, Comunicaciones y Cómputo (C4)*, que congrega os três níveis de governo” (HERNÁNDEZ, 2014, p. 01).

Assim, os passos dos estudantes foram seguidos de perto, permitindo à polícia organizar o operativo para sustar a atividade dos normalistas. Os aparatos municipais, estaduais e federais de segurança foram efetivamente colocados à serviço da criminalidade generalizada que assola o país.

Às 17h59 o C4 de Chilpancingo informou que os normalistas estavam saindo de Ayotzinapa em direção a Iguala. Às 20 horas a PF e a polícia estadual chegaram à estrada Chilpancingo-Iguala onde os estudantes tinham feito uma arrecadação de doações. Às 21h22 o chefe da base da PF, Luis Antonio Dorantes, foi informado – pessoalmente e através do C4 - de que os estudantes tinham entrado na estação do ônibus; às 21:40 o C4 de Iguala reportou o primeiro tiroteio aos três níveis de governo (HERNÁNDEZ, 2014, p. 01)

Essa explicação contrasta com a apresentada pelo Procurador Geral da República, Jesús Murillo Karam, que, ao assumir as investigações do caso em 5 de outubro de 2014, tratou de minimizar a responsabilidade das forças de segurança federais (Polícia Federal e Exército) envolvidas no atentado. Todos os atos investigativos da PGR foram no sentido de culpabilizar apenas a polícia de Guerrero, de Iguala, Cocula, o prefeito e a primeira dama, inclusive, manipulando testemunhas para contribuir com a versão oficial dos fatos. Contudo, as evidências implicam a participação direta da Polícia Federal e a omissão do Exército que, ao tomar conhecimento do ocorrido por meio do C4, negou ajuda aos normalistas quando lhes foi solicitada.

As sedes de ambos os órgãos estão localizadas nas proximidades da área onde ocorreram os ataques aos normalistas. Além disso, a zona é monitorada pela rede de câmeras de vigilância da cidade, controlada pelo C4, o que refuta a justificativa da PGR de que o Exército não sabia do que estava ocorrendo na cidade na noite do dia 26 de setembro.

Documentos da PGR, obtidos pela reportagem, revelam que pelo menos seis dos supostos integrantes de Guerreros Unidos que testemunharam contra Abarca, policiais de Iguala e Cocula, foram detidos ilegalmente, espancados ou torturados antes de depor. Dois deles são Raúl Núñez Salgado, suposto operador financeiro da organiza-

ção criminosa e Sidronio Casarrubias, tido como líder (HERNÁNDEZ, 2014, p. 02).

As torturas se estenderam a quase todos os detidos a pedido da PGR, supostamente acusados de participação nos crimes contra os estudantes de Ayotzinapa. De acordo com Hernández (2014), cinco presos indicados como possíveis integrantes do Cartel Guerreros Unidos que deram depoimentos implicando o prefeito e a polícia municipal de Iguala e Cocula nos atentados foram torturados por agentes da Marinha mexicana e pela Polícia Federal antes de depor.

Alguns presos também denunciaram a prática de torturas para colaborarem com a versão trabalhada pela PGR para o caso, como Sidronio Casarrubias, preso em 15 de outubro e apontado pela Procuradoria como o líder máximo do Guerreros Unidos. Raúl Núñez Salgado foi preso no dia 16 de outubro, antes de prestar depoimento apresentava sinais graves de tortura, como feridas em diferentes partes do corpo, hemorragia interna nos olhos, machucados nos ouvidos, hematomas no rosto e marcas no pescoço, braços e costelas. Ele acusou os marinheiros que o prenderam de o terem espancado (HERNÁNDEZ, 2014).

Outros que também alegaram ter sofrido torturas foram Carlos Canto, detido em 22 de outubro. Ele disse ter sofrido torturas com choques elétricos e espancamento pela Marinha para acusar uma lista de nomes previamente preparada pelos militares. Patricio Reyes Landa, preso em 7 de novembro foi apresentado pelo Procurador Geral, “visivelmente machucado, como autor de uma suposta confissão de que havia matado e queimado os estudantes” (HERNÁNDEZ, 2014, p. 07).

Francisco Lozano, Eury Flores e Nestor Napoleón Martínez foram detidos em 27 de outubro. Lozano tinha uma ferida no tórax e outras marcas e declarou ter sido torturado. Flores apresentava hematomas nas costelas, no olho e no lábio e Martínez tinha mais de dez lesões, entre elas hematomas no estômago e na área dos testículos (HERNÁNDEZ, 2014).

A advogada mexicana e professora da Universidad Pedagógica Nacional - UPN, Magdalena Gómez (2014) aponta para a responsabilidade do país pelos assassinatos, torturas, sequestro e desaparecimentos dos estudantes normalistas e destaca que a situação é “una crisis humanitaria de tal magnitud, que derivo en una

crisis de Estado generada por el repudio social que se ha manifestado masivamente a nivel internacional y nacional a lo que sin duda constituye um crimen de Estado” (GOMÉZ, 2015, p. 50), como também reforçam Ordorica e Gilly (2014, p. 01):

La desaparición y matanza de estudiantes normalistas en Iguala, Guerrero, es un crimen de Estado, cometido en un país donde la tortura, las desapariciones y las muertes violentas se han convertido en hechos cotidianos [...]. Las víctimas son jóvenes estudiantes que, en el contexto de privaciones y pobreza de sus propias familias, luchan por la defensa de la educación pública en medio de las difíciles condiciones de las Escuelas Normales Rurales, objeto de acoso estatal y federal durante décadas.

Navarro (2015) reforça as afirmações dos autores e destaca também que essas práticas criminosas refletem a existência de uma *narcopolítica* e que ela é de alta periculosidade a quem se opõe ao seu sistema de funcionamento, o mesmo que impera no México. Nessa perspectiva, o autor afirma que a impunidade generalizada prevalece no estado de Guerrero, fato que já provocou o assassinato e desaparecimento de lutadores sociais e os responsáveis nunca foram punidos.

O estado é palco de conflitos constantes entre as quadrilhas que disputam os centros de produção e mercados de drogas. Navarro (2015) cita o escritor italiano Roberto Saviano, reconhecido por seus livros sobre o “negócio” das drogas, para falar da existência de um *narcoestado*, ao ressaltar a relação do prefeito de Iguala e a polícia local com o crime organizado, destacando que esse tipo de envolvimento está presente em muitos municípios do Estado de Guerrero.

Iguala es una ciudad clave en el tráfico de drogas. Valle rodeado por nueve montañas en la región norte de Guerrero, es punto de entrada a la Tierra Caliente, donde los cárteles elaboran drogas sintéticas y cultivan marihuana. Allí operan diversas bandas del crimen organizado, hegemonizadas por Guerreros Unidos, uno de los subgrupos surgidos a raíz de la implosión de los Beltrán Leyva (NAVARRO, 2014, p. 02).

O autor explica que essa relação envolve também importantes políticos locais, deputados estaduais e federais, dirigentes partidários, chefes de polícia e comandantes militares (NAVARRO, 2015), por isso a dificuldade de apontar culpados e

puni-los. Mas a repercussão do caso dos normalistas que gerou protestos em diversas regiões do país e no exterior e as críticas feitas ao governo por entidades internacionais resultou em desdobramentos que afetou fortemente os agentes políticos, ainda que o sistema em si não tenha sofrido alterações.

As implicações do desaparecimento forçado sobre os agentes políticos mexicanos, como resultado da pressão popular interna e da comunidade internacional, surtiram efeitos. No dia 30 de setembro, José Luis Abarca Velázquez pediu licença do cargo por 30 dias e fugiu da cidade juntamente com sua esposa. Em 22 de outubro de 2014, renunciou à prefeitura de Iguala. No dia seguinte, o governador de Guerrero, Ángel Aguirre Rivero, aliado do prefeito apresentou junto à Assembleia Legislativa do estado solicitação de renúncia do cargo, argumentando que dessa forma esperava apaziguar o clima político a favorecer as investigações do desaparecimento forçado dos estudantes normalistas, que implicava diretamente responsabilidade da gestão dele.

Em 4 de novembro, Velázquez e Pineda Villa foram presos em Iztapalapa, bairro da zona leste da capital mexicana. Apesar de estarem sendo investigados pelo desaparecimento forçado dos 43 normalistas, a prisão do prefeito se deu pelo assassinato do político do Partido da Revolução Democrática (PRD) de Iguala, Arturo Hernández Cardona, em 2013, e da primeira dama, por envolvimento com o crime organizado, junto ao Cartel Guerreros Unidos, e operações com recursos de procedência ilícita.

No que diz respeito aos crimes cometidos na noite do dia 26 e madrugada do dia 27 de setembro, Pineda Villa, Velázquez e Felipe Flores Velázquez, ex-secretário de Segurança Pública de Iguala, são acusados pela Procuradoria Geral da República (PGR) como autores intelectuais do assassinato de seis pessoas e o desaparecimento forçado dos 43 estudantes da escola Normal Rural de Ayotzinapa.

A relação de Pineda Villa com o Cartel Guerreros Unidos trata-se de um vínculo familiar. A mãe, María Leonor Villa Orduño e o pai, Solomón Pineda Bermúdez mantinham relações com Marcos Arturo Beltrán-Leyva, conhecido como “*el Jefe de los Jefes*” do narcotráfico, que dava nome ao *Cartel de los Beltrán-Leyva*, liderado pelos irmãos Marcos Arturo, Carlos, Alfredo e Héctor. Os irmãos da primeira dama,

Marco Alberto e Marco Antonio Pineda Villa, segundo as autoridades mexicanas, serviram ao líder do cartel dos Beltrán-Leyva. Ambos foram assassinados em 2009 quando pretendiam se desligar da organização criminosa.

Todo o ocorrido na cidade de Iguala, em 26 e 27 de setembro, é resultado de uma profunda crise política e social a qual estão submetidos os países da América Latina, e, quiçá, de todo o mundo. Os estudantes normalistas de Ayotzinapa não foram os primeiros e não serão os últimos vitimados pelo sistema político corrupto e parasitário mexicano, imbricado com o narcotráfico que se encontra acomodado nas estruturas democráticas desse país. O mercado ilegal de drogas tem originado uma escalada de violência generalizada no México, vitimando qualquer um que se oponha ao sistema.

Ayotzinapa, desde el 26 septiembre de 2014, significó la siembra de 43 semillas y de miles más, germinadas en nuestros días, cuyas raíces penetraron las entrañas de nuestro planeta, y hoy afloran por todas partes. Estas flores nunca serán meramente un pasado porque conforman nuestra lucha de hoy, que es la lucha de mañana y de siempre. ¡Los 43 y miles más están en calidad de desaparecidos, “ausentes-presentes”, y ya no se irán! Los 43 no son todos los desaparecidos, son un símbolo de todas las personas que siguen desapareciendo en México, incluidos los más de diez mil centroamericanos (SOLALINDE, 2015, p. 09).

Durante as buscas pelos 43 desaparecidos forçados, dezenas de fossas clandestinas foram encontradas com corpos de pessoas que nem constavam na lista oficial de desaparecidos ou mortos. Sem nomes, sem rostos, sem histórias e sem ninguém para reclamar os cadáveres. Pelo menos não aos olhos das instituições que teoricamente, seriam responsáveis por protegê-los. Esses desconhecidos sequer entraram para as estatísticas de vítimas do crime organizado, afinal, não se sabe as circunstâncias de suas mortes, tampouco se há interesses em descobrir. É por isso que “la desaparición de los estudiantes no debe olvidarse ni puede ser superada” (SOLALINDE, 2015, p. 09).

A insatisfação social com a falta de eficiência, ou com as respostas parciais e questionáveis do governo para o ocorrido, impulsionou a realização das maiores mobilizações da história recente do México e provocou uma onda de protestos que ultrapassou as fronteiras do país, mobilizando protestos e campanhas mundiais, com

destaque para duas bem expressivas: *¡Vivos se los llevaron, vivos los queremos!* e *¡Fue el Estado!* São movimentos de solidariedade para não relegar os crimes e a responsabilidade do governo mexicano ao esquecimento.

Se quedó congelado el momento de la desaparición forzada, como acusación perpetua del crimen flagrante del mal gobierno. La agresión contra jóvenes críticos, disidentes, antisistémicos... rebeldes anti-capitalistas, fue brutal. Las escuelas normales rurales están en la mira y este gobierno no descansará hasta desaparecerlas. Paradójicamente, el mismo gobierno que quiso desaparecer a estos jóvenes, los hizo más presentes. Pero en ello mostró un grado de deshumanización tan extremo que ni siquiera se ha permitido el llanto debido a unos restos humanos (SOLALINDE, 2015, p. 09).

Enquanto os estudantes não são encontrados, seja vivos ou mortos, e entregues aos seus familiares, a culpabilidade do estado permanece. Dar como solucionado o caso, como pretende a Procuradoria Geral da República (PGR) do México, com explicações contraditórias, sem que os culpados sejam responsabilizados é o dispositivo mais eficiente de se prolongar a impunidade. E contra essa possibilidade, a população e organizações mexicanas e de diversos outros países se posicionaram com veemência.

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), por exemplo, realizou uma marcha silenciosa no dia 8 de outubro de 2014, na cidade de *San Cristóbal de las Casas*, estado de Chiapas em apoio aos normalistas da Escola Normal Rural Raúl Isidro Burgos de Ayotzinapa, e para denunciar o desaparecimento dos 43 normalistas em Iguala.

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) interveio nas investigações e, juntamente com autoridades internacionais, exigiram o esclarecimento imediato do fato. O sentimento humanitário de solidariedade em favor dos familiares dos estudantes mobilizou milhares de mexicanos e moveu protestos em diversas partes do mundo. A comunidade política internacional também reagiu. O Papa Francisco, em audiência geral no Vaticano, se solidarizou com os mexicanos e lamentou o que chamou de barbárie. Os Estados Unidos e a Organização dos Estados Ameri-

canos (OEA) exigiram esclarecimentos sobre o desaparecimento dos estudantes e a Organização das Nações Unidas (ONU) criticou o governo mexicano por sua incapacidade para elucidar o caso.

O ex-presidente do Uruguai, José Mujica, foi o único Chefe de Estado da América do Sul a se posicionar em relação à tragédia. Em entrevista à revista mexicana *Foreign Affairs*, no dia 21 de novembro de 2014, proferiu duras críticas ao sistema político mexicano. Mujica disse que, visto à distância, o México parece um “Estado falido”, onde os poderes públicos perderam totalmente o controle do país.

É impossível imaginar o sentimento dos pais, mães, irmãs, irmãos, avôs, avós e demais familiares desses 43 estudantes, assolados pela ausência prolongada e, ao mesmo tempo, alimentando a esperança de algum dia encontrá-los. Como nos lembra Solalinde (2015, p 09), as “madres de los 43 estudiantes hablan de ellos en presente, porque no se han ido, porque ahí están. Hagamos presentes a los ausentes; juguemos con los tiempos”.

Então, que o tempo fortaleça o nosso espírito de solidariedade e consuma a indiferença nossa de cada dia. Que possamos unir todas as mãos, todas as vozes, e que o sangue dos mortos e a memória dos desaparecidos forçados de toda a América Latina se tornem canções ecoadas aos ventos, como sugere a cantora argentina, Mercedes Sosa, *la voz de América Latina*, em seu hino da unidade latino-americana, *Canción con todos*:

Salgo a caminar
 Por la cintura cósmica del sur
 Piso en la región
 Más vegetal del viento y de la luz
 Siento al caminar
 Toda la piel de América en mi piel
 Y anda en mi sangre un río
 Que libera en mi voz
 Su caudal

Sol de alto Perú
 Rostro Bolivia, estaño y soledad
 Un verde Brasil besa a mi Chile
 Cobre y mineral
 Subo desde el sur
 Hacia la entraña América y total
 Pura raíz de un grito
 Destinado a crecer
 Y a estallar

Todas las voces, todas
Todas las manos, todas
Toda la sangre puede
Ser canción en el viento

¡Canta conmigo, canta
Latinamericano
Libera tu esperanza
Con un grito en la voz!

Todas las voces todas
Todas las manos todas
Toda la sangre puede, ser canción en el viento
Canta con migo canta, hermano americano
Libera tu esperanza con un grito en la voz
(**Canción Con Todos** - Mercedes Sosa).

3.1 ANÁLISE DA COBERTURA DE TELESUR E *CNN EN ESPAÑOL*

O universo dessa pesquisa consta das coberturas das redes de TV teleSUR e *CNN en Español*, sobre o desaparecimento dos 43 estudantes mexicanos de Ayotzinapa, no ano de 2014. O recorte consiste em 30 matérias de gêneros jornalísticos diversos (notícia, reportagem, nota, entrevista e etc.) veiculadas no período de 26 de setembro a 31 de dezembro de 2014. São 15 da teleSUR e 15 da *CNN en Español*. As matérias foram acessadas nas páginas do *Youtube* das emissoras, a partir do buscador, utilizando a palavra “Ayotzinapa”.

Esse recorte foi definido porque entendemos ser o período em que as matérias englobam e explicam a tragédia desde o início, trazendo a contextualização do caso, com os avanços das investigações, apresentando os desdobramentos e novidades sobre o fato. A escolha das matérias se deu a partir da visualização prévia do material jornalístico referente à temática, nas plataformas online das duas televisões.

Criamos um código para identificar as matérias estudadas, a fim de facilitar a referência delas, quando citadas ao longo da análise. Para tanto, adotamos a letra “M”, seguida do número correspondente à ordem das matérias de acordo com a data de veiculação de cada uma, e o ano de 2014, conforme dispostas na tabela a seguir, onde constam também, os títulos:

Tabela 01: Disposição das matérias analisadas na pesquisa

MATÉRIAS	EMISSORA	MATÉRIAS
----------	----------	----------

M1	teleSUR	MÉXICO: al menos 3 estudiantes asesinados por policía en Ayotzinapa.
M2	teleSUR	MÉXICO: policía asesina a 3 estudiantes 58 están desaparecidos.
M3	teleSUR	MÉXICO: aparecen 14 de los estudiantes desaparecidos en Ayotzinapa.
M4	teleSUR	MÉXICO: continúa búsqueda de 44 estudiantes desaparecidos en Guerrero.
M5	teleSUR	VIOLENCIA policial sobre estudiantes de Ayotzinapa conmociona a México.
M6	teleSUR	MÉXICO: Reconstrucción en video de los hechos violentos de Ayotzinapa.
M7	teleSUR	ANÁLISIS el caso Ayotzinapa y la criminalización de la protesta.
M8	teleSUR	MÉXICO: Ayotzinapa, entre el dolor y la esperanza.
M9	teleSUR	DETENCIÓN de Abarca y su esposa, clave en caso Ayotzinapa: Peña Nieto.
M10	teleSUR	PUEBLO chileno se solidariza con Ayotzinapa. teleSUR.
M11	teleSUR	ESTUDIANTES venezolanos piden aparición de normalistas de Ayotzinapa.
M12	teleSUR	ESTUDIANTES argentinos se solidarizan con Ayotzinapa.
M13	teleSUR	PERITOS identifican a estudiante de Ayotzinapa entre restos analizados.
M14	teleSUR	MÉXICO: científicos rechazan tesis de la PGR sobre caso Ayotzinapa.
M15	teleSUR	ESTUDIANTES de Ayotzinapa acusan al Estado mexicano de atacarlos.
M16	CNN en Español	MÉXICO: 57 estudiantes desaparecen en Guerrero.
M17	CNN en Español	MÉXICO: autoridades buscan intensamente a estudiantes.
M18	CNN en Español	MÉXICO clama justicia por estudiantes desaparecidos.
M19	CNN en Español	FURIA en México por los desaparecidos.
M20	CNN en Español	RECOMPENSA para hallar a los 43 jóvenes desaparecidos.
M21	CNN en Español	MÉXICO: dónde están los estudiantes desaparecidos.
M22	CNN en Español	PADRES exigen transparencia a Peña Nieto.
M23	CNN en Español	MÉXICO: Estudiante “fue torturado” antes de morir.
M24	CNN en Español	IGUALA: La identificación de los cuerpos.
M25	CNN en Español	MÉXICO: Las protestas del 20 de noviembre.
M26	CNN en Español	MÉXICO: Estudiantes marchan en apoyo a los desaparecidos.
M27	CNN en Español	MÉXICO: Las protestas del #1DMx.
M28	CNN en Español	MÉXICO: Procuraduría confirma la identidad de un normalista.
M29	CNN en Español	MÉXICO: Que se suspendan las elecciones en Guerrero.
M30	CNN en Español	ARTISTAS alzan la voz por los estudiantes de Ayotzinapa.

Fonte: O autor com dados de teleSUR e *CNN en Español*

O corpus da presente pesquisa teve três fases de construção: a primeira constitui-se do levantamento, com a visualização, seleção e *download* das matérias. A segunda trata da transcrição e processamento dos textos no *software* de análise

linguística *Iramuteq*. E a terceira fase foi a análise qualitativa, com aplicação da Análise de Discurso, subsidiada pelos gráficos e dados gerados pelo programa.

No tratamento do texto, processamos as transcrições das 30 matérias no *Iramuteq*, com a finalidade de gerar dados estatístico-linguísticos, nuvens de palavras e realizar conferência das palavras utilizadas com maior frequência nas matérias, além de fornecer gráficos de similitude, que nos auxiliam na análise qualitativa. São gráficos que mostram a relação entre as palavras dentro de um texto. O gráfico de similitude mostra como as palavras se relacionam entre si e agrupam-se em conjuntos de significados e esses conjuntos interligam-se, formando o discurso.

Nesse início de análise, entendemos ser necessário fazer uma breve contextualização da relação política do México (epicentro da tragédia com os 43 estudantes) com os Estados Unidos (sede da *CNN en Español*); da Venezuela (sede da teleSUR) com esses dois países; da conjuntura política interna mexicana, bem como preconizar de que forma esses contextos interno e externo influenciam e são refletidos nas coberturas das duas emissoras de TV estudadas, no período específico em que transcorreu o fato contra os estudantes.

Historicamente, o México vive uma relação de subserviência política e, principalmente, econômica com os Estados Unidos. Situação que se aprofundou a partir de 1994, com a entrada em vigor do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA), que envolve Canadá, México e Estados Unidos. Aliado fiel dos norte-americanos, o governo mexicano em 2014, era (continua) conduzido pelo presidente direitista Enrique Peña Nieto, do Partido Revolucionário Institucional (PRI).

A Venezuela não tem uma política amistosa com a Casa Branca desde 1999, quando o Presidente Hugo Chávez chega ao poder e inicia a construção das bases da revolução bolivariana no país, direcionando a política externa venezuelana para países antagônicos aos Estados Unidos, como Rússia, China e Cuba. As fricções do governo de Caracas com o México se dão, basicamente, por conta do alinhamento mexicano com os ditames de Washington.

Internamente, o México atravessa uma profunda crise política e institucional, agravada pelo tema do narcotráfico. Infiltrado nas estruturas democráticas do país, o negócio das drogas passou a ditar as regras políticas, elegendo representantes nas distintas esferas de poder. A situação do estado de Guerrero não se trata de

algo isolado, mas sim da realidade conflituosa a qual estão submetidos os mexicanos, de norte a sul.

O caso dos 43 estudantes se tornou um problema ao Estado apenas porque saiu do controle dos agentes envolvidos e ganhou grande repercussão dentro e fora do país. Afinal, os normalistas não foram as primeiras vítimas, tampouco as últimas, desse sistema que promove o extermínio sistemático de lutadores sociais, pobres, negros, indígenas e toda a população marginalizada na América Latina.

Esses detalhes apresentados anteriormente aparecem, alguns sutilmente, nas coberturas de *teleSUR* e *CNN en Español*, na abordagem do desaparecimento forçado dos 43 estudantes normalistas de Ayotzinapa, em setembro de 2014. De modo geral, a *CNN en Español* procurou blindar o governo de Enrique Peña Nieto, assim como minimizar as implicações do governador de Guerrero, Ángel Aguirre Rivero, transferindo a responsabilidade do acontecimento para o prefeito de Iguala, José Luis Abarca Velázquez, sua esposa, María de los Ángeles Pineda Villa e para a polícia local.

Las autoridades del estado de Guerrero han puesto en marcha un amplio operativo para dar con el paradero de 57 estudiantes de la Normal Rural Raúl Isidro Burgos de Ayotzinapa que les fueron reportados como desaparecidos en Iguala, Guerrero, entre la noche del viernes, 26, y la madrugada de el sábado [...] Hasta el momento la Procuraduría informó que se encuentran detenidos 22 elementos de la Policía Preventiva de Iguala, a quienes se les investiga por su presunta participación en algunos de estos hechos. Y dicen que realizan las indagatorias para ver si esos tres incidentes guardan alguna relación. Por lo pronto no han descartado la participación de la delincuencia organizada en algunos de ellos (M17, 2014).

Nesse momento relatado, as investigações do caso estavam sendo conduzidas pela Procuradoria de Justiça de Guerrero. Notamos que nem a Polícia Militar, Polícia Federal ou o Exército aparecem implicados, embora posteriormente se comprove a participação dessas forças de segurança na noite do dia 26 de setembro. O governador de Guerrero, Ángel Aguirre Rivero, figura como mobilizador do “ampio operativo” para encontrar os estudantes. No entanto, com os avanços das investigações, em que ficou comprovada a negligência da segurança pública e a crise gerada pelas grandes manifestações que pediam sua destituição, ele foi obrigado a renunciar.

Mientras tanto, el gobernador del estado, criticado por diversas organizaciones de vida por sus relaciones con el narcotráfico, fue el primer a caer, aunque poco antes decía esto: “no me voy a ir, ni como delincuente, ni como asesino porque no lo soy”. Todos los políticos están coludidos con otras personas. Creerles, pues ya no. El gobierno municipal, la verdad, no hizo nada más que asesinar y detener a mis compañeros. El gobierno estatal en ese momento se vio en gran decadencia (M8, 2014).

Cabe ressaltar que Rivero militou durante trinta anos no mesmo partido político de Peña Nieto, o Partido Revolucionário Institucional (PRI), do qual se desfilou em 2011, e estava à época do massacre, juntamente com Velázquez e Villa, ligado ao Partido da Revolução Democrática (PRD), a “esquerda” mexicana, que, teoricamente faz oposição ao governo federal. Em vistas a isso, entendemos que a emissora norte-americana posiciona-se ideologicamente em defesa do governo federal daquele país, a verificar no trecho a seguir:

Padres de los 43 estudiantes desaparecidos en Guerrero se reunieron por espacio de varias horas en la Residencia Oficial de Los Pinos con el Presidente de México Enrique Peña Nieto. Fue una reunión muy larga en la que los familiares y el mandatario acompañado por miembros de su gabinete, firmaron acuerdos a partir del pliego petitorio que le presentaron. El encuentro se realizó a puertas cerradas. Duró más de 6 horas, y apenas minutos después el presidente dirigió mensaje en el que destacó que escuchó y compartió el dolor y la desesperación de los padres por sus hijos y destacó los puntos más importantes del encuentro de un documento que podrá ser conocido por quien lo solicito, dijo el presidente (M21, 2014).

A emissora veicula um trecho da coletiva de imprensa de Peña Nieto, em que ele destaca os pontos do encontro com os pais dos normalistas: fortalecer os esforços de localização dos estudantes desaparecidos; criar uma comissão mista de seguimento e informação, integrada pela Procuradoria General da República (PGR), Secretaria de Governo e dos familiares dos estudantes. O objetivo da comissão seria manter os pais dos normalistas informados dos avanços das investigações feitas pela PGR. “Acordamos [...] que habremos de ir al final de las investigaciones a dar con los responsables, a aplicar la ley, tope donde tope” (PEÑA NIETO, M21, 2014).

Por outro lado, a teleSUR situa as responsabilidades das três esferas de poder: municipal, estadual e federal, com o desaparecimento forçado dos

estudantes. Enquanto Velázquez e Villa são implicados como autores intelectuais dos delitos, Peña Nieto e Rivero são culpabilizados por omissão e por permitir o avanço tão profundo do crime organizando nas estruturas da segurança pública do país. Uma das fontes ouvidas pela emissora traz essa perspectiva.

Una vez más, como respuesta de los gobiernos municipales y estatales, lo que recibimos son balas en lugar de apoyo a nuestra causa social. Balas que desgraciadamente lanzan como resultado, tres compañeros ejecutados extrajudicialmente por parte de la policía de la misma ciudad. Porque queremos que se entienda, fue un uso excesivo de la fuerza policial nuevamente. Exigimos castigo a los responsables intelectuales y materiales de la muerte extrajudicial de nuestros tres compañeros. Juicio político y destitución al alcalde de iguala José Luis Abarca Velázquez. Seguimiento al juicio político y castigo a Ángel Aguirre Rivero, gobernador del estado de Guerrero (M1, 2014).

A atuação do presidente mexicano, frente ao desaparecimento forçado dos estudantes de Ayotzinapa, é questionada pela da teleSUR, ao referir-se à força tarefa das autoridades para encontrar os desaparecidos e à vinculação das forças de segurança com o crime organizado.

Desde la sede del gobierno federal [...] que se hizo sobre toda esa situación? El presidente Enrique Peña Nieto se ha pronunciado? Ha dicho algo? Él había suspendido el viaje que tenía hacía Guerrero. Y eso generó también mucha suspicacia en la población (M4, 2014).

Em se tratando da cobertura de duas emissoras sobre um mesmo acontecimento, o nosso estudo trilha por uma análise comparativa das narrativas construídas por ambas, verificando os elementos que as aproximam e que as distanciam no noticiário desse fato. Pelo que visualizamos, não se trata, necessariamente, de uma cobertura antagônica ou de confronto entre as duas emissoras. No entanto, muitos detalhes podem ser destacados como caracterizantes da articulação discursiva de teleSUR e *CNN en Español*, na abordagem jornalística do tema.

Enquanto *CNN en Español* atrela sua cobertura às fontes oficiais, a teleSUR constrói seu discurso, também, com fontes oficiosas, veiculando matérias humanizadas, destacando os personagens envolvidos diretamente no caso e trazendo especialista para problematizar tanto a tragédia, quanto o andamento das investigações sobre o paradeiro dos 43 estudantes e a identificação dos

responsáveis. Não que a emissora norte-americana tenha deixado de utilizar fontes oficiais e de trabalhar com os personagens ligados à tragédia, mas fez com menor regularidade.

Para relativizar discursivamente a responsabilidade do governo federal mexicano no caso, a *CNN en Español* se sustenta nos movimentos políticos e jurídicos da Procuradoria Geral da República (PGR) do país que, ao assumir as investigações dos acontecidos na noite do dia 26 de setembro de 2014, em Iguala, Guerrero, se incumbiu de minimizar o envolvimento da Polícia Federal e do Exército no atentado. A PGR direcionou os atos investigativos para condenar apenas a conduta da polícia municipal de Iguala e Cocula, da polícia estadual de Guerrero, o então prefeito e a primeira dama. A emissora estadunidense constrói seu discurso nessa mesma perspectiva.

Outro ponto relevante a se destacar diz respeito ao tratamento discursivo dado ao movimento político do desaparecimento. Conforme está presente no título e disposto ao longo de todo esse trabalho, adotamos a perspectiva do desaparecimento forçado, postura política seguida por militantes e defensores de direitos humanos, como forma de reafirmar que o caso não foi elucidado e de manter a responsabilidade do estado mexicano pelos crimes.

Nesse sentido, levamos em consideração o movimento discursivo das emissoras. Apenas a teleSUR recorre ao termo *desaparición forzada* em sua cobertura, utilizando-o três vezes ao longo da narrativa. A *CNN en Español*, no entanto, utiliza somente a expressão *desaparición*, o que não significa que tenha feito uma cobertura indiferente, mas sim, com postura distinta da teleSUR. Esses detalhes dão conta, ainda que de forma subjetiva, da sensibilidade política da emissora latino-americana para com a luta dos familiares e se posiciona como caixa de ressonância da mobilização contra as desapareções forçadas na região.

Ainda nesse sentido, outro ponto que destacamos é que nenhuma das emissoras trata os 43 estudantes desaparecidos como mortos, com exceção dos dois normalistas que tiveram seus restos identificados. Eles foram incluídos nas narrativas como assassinados, posteriormente à identificação dos restos mortais. Os demais 41 permanecem no noticiário, na mesma condição inicial. A *CNN en Español* cita ao longo das 15 matérias estudadas, 39 vezes a palavra *desaparecimento* e a teleSUR faz 36 referências a *desaparecimento forçado*.

Nesse aspecto, no que trata da tragédia com os normalistas, a narrativa das

televisões pouco discute o paralelo “vida e morte”. A teleSUR, por exemplo, cita a palavra *vida* 13 vezes, enquanto a *CNN en Español*, somente 05. E sempre fazendo referência à condição desejada para se encontrar os estudantes desaparecidos. Já a palavra *morte* aparece apenas 03 vezes em cada uma das emissoras, e se referindo aos seis mortos pela polícia na noite de 26 de setembro em Iguala, Guerrero.

A sensibilidade com o sofrimento dos familiares dos desaparecidos, e com as mobilizações na busca incessante para encontrá-los com vida, aparece amplamente nas narrativas dos noticiários da teleSUR e da *CNN en Español*. O destaque para essa abordagem é relevante por se tratar da discussão sobre direitos humanos, tema sempre custoso ao jornalismo.

Neri de La Cruz está de luto por la muerte de uno de sus mejores amigos. [...] Julio César Mondragón de 22 años fue uno de unos cien estudiantes que iban a una protesta a finales de septiembre en la ciudad de Iguala, Guerrero. [...] La esposa de la víctima, una mujer de 24 años dice que identificó el cuerpo a través de características únicas. [...] Julio César Mondragón soñaba con obtener una educación superior, según su esposa. Empezó a estudiar en la escuela para maestro de Ayotzinapa en julio. También acababa de convertirse en padre. Su primera bebé nació en agosto. Una niña que ahora crecerá sin la protección de un padre. Estudiantes y residentes del pueblo de Ayotzinapa donde se localiza la escuela para maestros, honran la memoria de las víctimas con este altar, mientras siguen buscando a los desaparecidos, exigen que Mondragón y los 43 no sean olvidados y que se haga justicia (M23, 2014).

Nesse aspecto, a cobertura da teleSUR destaca que, desde a noite do dia 26 de setembro de 2014, até os dias atuais, a consternação entre os mexicanos e pessoas de diversas partes do mundo convive com a esperança de encontrar os 43 normalistas desaparecidos. No próximo dia dois de março, a Escola Normal Rural Raúl Isidro Burgos de Ayotzinapa completa 92 anos. E a principal memória da instituição, prestes a completar um centenário de existência, é dos vários ataques que tem sofrido, vindos do próprio estado mexicano, com o intuito de fechá-la.

Ademais disso, com o passar dos anos os normalistas desenvolveram estratégias para resistir às investidas do estado, para que a escola, uma das poucas conquistas ativas da Revolução Mexicana, permaneça aberta, atendendo estudantes pobres e os povos que necessitam de educação. No entanto, os crimes da noite de Iguala, foi um duro golpe ao reduto de luta dos normalistas.

La pregunta de un millón de pesos es: por qué nosotros? La barbarie sacudió esta vez con los estudiantes más humildes del estado de Guerrero. Zona pobre, que se esfuerza por mantener las pocas conquistas que quedan de la Revolución Mexicana. La Normal Rural de Ayotzinapa es uno de los últimos reductos de esta revolución. Es por lo que gente luchó en la Revolución Mexicana, no? Una educación pública, gratuita. Nosotros somos campesinos. Algunos somos indígenas. De estas escuelas saldrán los maestros que llevaran educación a las zonas más marginadas del país (M8, 2014).

Esse trecho da cobertura da teleSUR traz um pouco do contexto dos estudantes da Normal de Ayotzinapa. Situada entre as montanhas de Tixtla, próximas de Iguala, capital do estado de Guerrero, a Rural é esquecida por uns e criminalizada por outros, mas mantém seu foco na transformação social de uma região assolada pela criminalidade, a serviço do crime organizado que maneja o negócio das drogas.

Tenemos un narco gobierno. [...] Pues esta violencia sistemática es un cáncer. Es un cáncer a nivel nacional y, bueno, detrás de ese cáncer está la corrupción. [...] Durante años se especuló en México sobre la relación entre el narcotráfico y la política, pero la masacre de Ayotzinapa sirvió para escuchar por primera vez a los políticos del país. Reconocer un pacto de no agresión entre ellos y el narco. Es duro que lo tenga que reconocer pelo lo reconozco. Reconoces que existe un pacto de impunidad hoy vigente en México? Quizás no es un pacto explícito en donde todo mundo se mueve con el total cuidado de no afectarse en su perspectiva política y electoral. Desde el estado, ser normalista es un pecado, ser estudiante es un delito y ser de Ayotzinapa es merecer la muerte. Bajo el lema, vivos los llevaron, vivos los queremos, se realizaron manifestaciones en todo el país. La impunidad, la corrupción y el narcoestado que vive en México parece llevar a la población hasta su límite (M8, 2014).

Elevada ao limite pela negligência do poder público, a população mexicana respondeu saindo às ruas e protagonizando os maiores protestos da história recente do país. As manifestações ultrapassaram as fronteiras nacionais e receberam apoio em diversos países da América Latina, Europa e Ásia. Conforme noticiou a teleSUR: “Pueblo chileno se solidariza con Ayotzinapa” (M10, 2014); “Estudiantes venezolanos piden aparición de normalistas de Ayotzinapa” (M11, 2014); Estudiantes argentinos se solidarizan con Ayotzinapa (M12, 2014). A *CNN en Español* tratou das manifestações no México:

Son miles, pero con única sola voz y un solo reclamo, que se haga justicia. Este jueves se vive una jornada de protesta en México por

los 43 estudiantes desaparecidos en Iguala. Las calles de la capital mexicana se han ido llenando de manifestantes que marchan rumbo al Zócalo capitalino. A la cabeza de esas caravanas, los padres de los desaparecidos (M25, 2014).

Realizado na Cidade do México, no dia 20 de novembro de 2014, esse protesto tomou conta da praça do entorno do Ángel de la Independencia, monumento erguido em 1910 em comemoração ao centenário da Guerra da Independência do país, e reuniu uma caravana de manifestantes do estado de Guerrero e de diversas regiões, alguns congregados em várias organizações sociais. As mobilizações entorno do desaparecimento forçado dos estudantes normalistas unificou diferentes setores da sociedade mexicana, para reclamar às autoridades o fim da repressão social.

A condição de *estudiante* e *normalista* dos desaparecidos ganhou espaço significativo nos noticiários das redes de televisão, aqui citadas. O termo *estudiante* aparece 66 vezes na cobertura da teleSUR e 45 na *CNN en Español*. Enquanto que a expressão *normalista* foi referida 38 vezes na TV sulista e 26 na emissora estadunidense. Esse movimento discursivo atribuiu uma identidade às vítimas da tragédia, possibilitando a empatia de pessoas de diversas partes do mundo para a luta dos familiares por justiça, reparação e punição aos culpados.

O comportamento das forças policiais mexicanas contra os estudantes também foi bastante discutido. A *polícia* aparece 51 vezes na narrativa da teleSUR e 18 na da *CNN en Español*. Apontados como causadores do massacre de Iguala, os agentes de segurança, que em tese deveriam atuar para garantir a segurança da população, utilizaram o aparato policial para demonstrar a força e a violência do *paraestado* que consome as estruturas cidadãs desse país.

A *juventude* dos normalistas também ganha destaque nas TVs, e entendemos que essa ênfase foi dada por conta da faixa etária deles, de aproximadamente 20 anos. Na teleSUR o tema é abordado 28 vezes, e na *CNN en Español* aparece em 11 citações. Essa é uma das características dos estudantes trabalhada com profundidade nas narrativas, em que eram destacados que os normalistas tinham sonhos a realizar e um futuro inteiro para viver.

O *companheirismo* mantido pelos estudantes normalistas de Ayotzinapa, uma forte filosofia das escolas normais rurais mexicanas, ressoa no noticiário televisivo com 16 citações na teleSUR e 09 na *CNN en Español*. E a procura pelos

vezes a expressão é citada, maior ela aparece no gráfico.

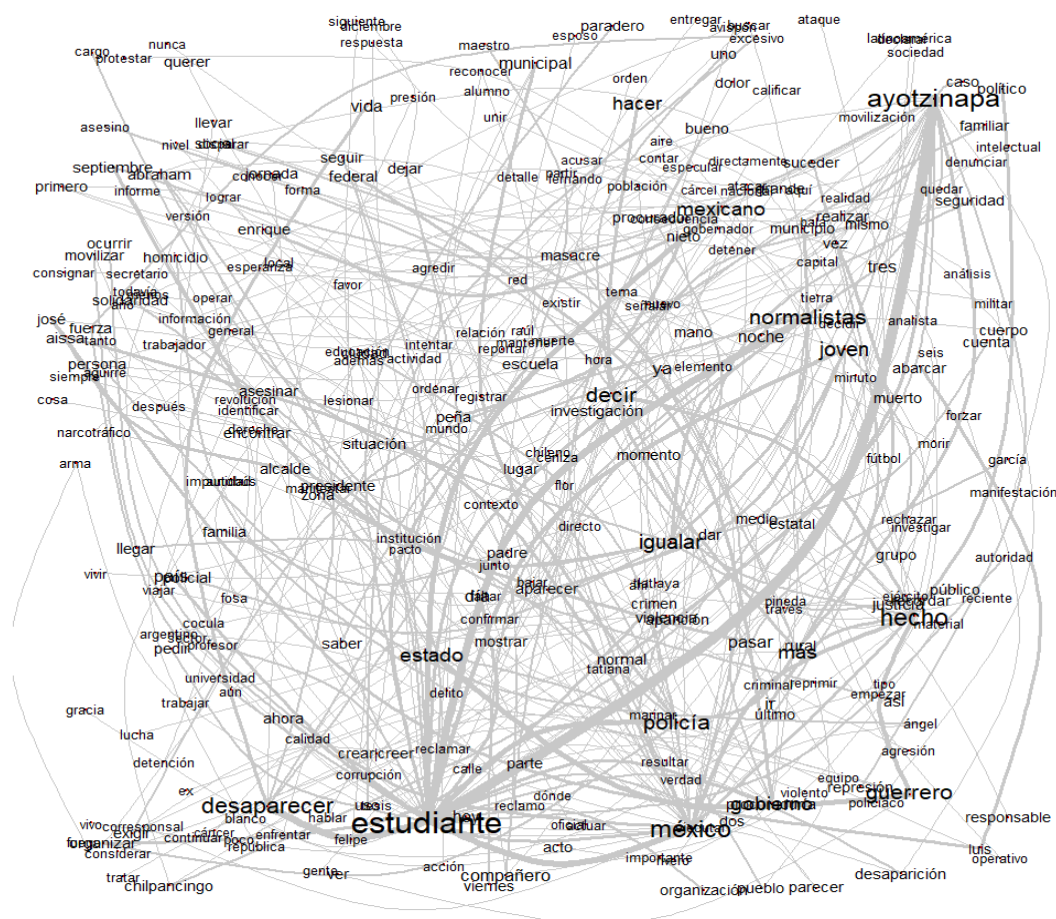
Assim, identificamos como os núcleos principais a referência ao estado de *Guerrero* (48¹³), local onde aconteceu o massacre, seguido por *estudiantes* (45), as vítimas, *desaparecer* (39), o crime cometido contra os 43 estudantes, *Iguala* (38), capital de Guerrero, epicentro das investidas policiais contra os normalistas na noite do dia 26 de setembro de 2014 e *México* (26) território macro do acontecido.

Além disso, outras palavras frequentemente associadas ao caso, as que formam os subnúcleos são: *Ayotzinapa* (22); *autoridad* (22); *encontrar* (21); *hecho* (19) *día* (16); *policía* (16); *septiembre* (16); *padre* (16); *normalista* (13); *normal* (13); *Procuraduría* (12); *municipio* (12); *protestar* (11); *gobierno* (11); *estado* (11); *persona* (10); *justicia* (10); *federal* (10); *buscar* (10). Notamos que essas palavras trazem perspectivas que ultrapassam uma análise apenas quantitativa, considerando que estabelecem uma coerência linguística do desaparecimento forçado.

O gráfico de similitude da cobertura da teleSUR apresenta certa densidade na disposição discursiva das palavras constitutivas da narrativa. As matérias da emissora são extensas e trazem diversos pontos de vistas do acontecimento. Os *núcleos discursivos* dessa TV são: *estudiantes* (66), os vitimados; *Ayotzinapa* (44), comunidade onde se localiza a Escola Normal Rural Raúl Isidro Burgos; *México* (43), país do atentado; *desaparecer* (36), o crime sofrido pelos normalistas, e *polícia* (35), apontados como autores práticos do crime.

Os demais termos de sustentação da abordagem jornalística da teleSUR, em destaques no gráfico, que geram os subnúcleos são: *hecho* (34); *Guerrero* (30); *normalistas* (29); *Iguala* (28); *joven* (27); *gobierno* (26); *estado* (26); *mexicano* (23); *día* (19); *país* (17); *compañero* (16); *justicia* (14); *noche* (13); *vida* (13); *municipal* (13); *político* (12); *federal* (11); *aparecer* (11); *septiembre* (10); *Procurador* (10); *policia* (10); *persona* (10); *padre* (10); *escuela* (10); *desaparición* (10) e *alcalde* (10). Verificamos que a TV tem um prisma mais amplo sobre o caso dos estudantes, destacando aspectos profundos da situação, conforme está ilustrado no seguinte gráfico.

¹³ Quantidade de vezes que a expressão é utilizada na cobertura da emissora. Destacamos as palavras que são repetidas até 10 vezes.

Gráfico 01: Similitudes em teleSUR

Fonte: elaboração do autor a partir de dados processados no Iramuteq

As informações do gráfico mostram também, desde nossa análise, que a cobertura da teleSUR centralizou os estudantes normalistas em sua cobertura, localizando-os no território de pertença. Com essa construção narrativa, entendemos que a emissora enfoca o caso com tratamento jornalístico humanizado. Compreendemos ainda, que há uma profunda problematização dos assuntos, dos quais são elencados elementos políticos, jurídicos e sociais.

Quando comparamos as coberturas das duas emissoras de televisão sobre o desaparecimento forçado dos 43 estudantes normalistas de Ayotzinapa, notamos algumas diferenças significativas. A teleSUR fez um noticiário mais extenso em relação a *CNN en Español*. Também trouxe uma linguagem mais sensível, até mesmo deixando transparecer no jornalismo um viés militante, o que, ao nosso ver, buscava aproximar os telespectadores do fato.

A *CNN en Español* problematiza o desaparecimento forçado, mas não com a mesma profundidade da TV sul-americana. A maioria de suas matérias explora o

assunto como algo isolado, pontual, sem atentar para o fato de que a tragédia provocada contra os estudantes faz parte de uma conjuntura política, sustentada pelos próprios estados nacionais da América Latina. A teleSUR privilegia matérias aprofundadas, consultando especialistas em direitos humanos para analisar o caso, inclusive, é a única a tratar do assunto como crime de estado.

Nesse sentido, reforçamos a perspectiva da teleSUR como instrumento de *Poder Brando* latino-americano contra-hegemônico e emergente. A emissora busca neutralizar a dominação política disseminada pela *CNN en Español*, oferecendo uma cobertura jornalística de igual qualidade e com perspectivas diferentes dos fatos. Com isso, disputa ocupa o espaço da TV hegemônica, mas não para reproduzir seu *modus operandi*, como disseminadora de uma ordem política estabelecida para se superpor as demais, mas para dar aos telespectadores outra visão sobre suas realidades, historicamente exploradas e negligenciadas.

CONCLUSÕES

Ao longo desta dissertação, trilhamos pelos campos da Comunicação, Ciência Política e Relações Internacionais, com o intuito não apenas de estabelecer um diálogo entre essas áreas de conhecimento, mas principalmente dar sustentação ao caráter interdisciplinar do nosso Mestrado em Integração Contemporânea da América Latina (ICAL), desta Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Pública. Popular. Gratuita e internacional.

Consideramos que, devido à abordagem política feita por esse trabalho, as nossas conclusões começam com uma reflexão sobre o momento conturbado que vivemos com o ressurgimento da direita e a ofensiva neoliberal na América Latina. Conforme já explicado, o Governador de Guerrero e o Prefeito de Iguala, localidades onde aconteceu o massacre contra os estudantes normalistas, estavam vinculados ao Partido da Revolução Democrática (PRD) do México. Uma sigla da esquerda congregando políticos com histórico e militância no campo político da direita.

Chamamos atenção para esse detalhe por entender que a conturbação política e social na região se deve, em grande parte, aos graves erros cometidos pelos representantes da esquerda latino-americana no poder, resguardados os acertos também. Desde que foram eleitos a partir do início da década de 2000, incorreram a falhas duramente contestáveis, como a de permitir o ingresso de

políticos direitistas nas bases da esquerda e celebrar alianças escusas com figuras de reputação comprometida para garantir governabilidade. Uma prática até entendível, mas não aceitável.

Os discursos políticos de esquerda pouco se assemelharam com a prática. Tentaram humanizar o capitalismo, abandonando o horizonte socialista, optando por um projeto econômico emoldurado pelas regras do capital internacional. Os erros da esquerda moderada aliados à inconsequência da ultraesquerda levaram a uma fragmentação e posterior enfraquecimento dessa corrente política e ao fortalecimento da direita.

Países que lograram eleger políticos esquerdistas estão sofrendo duras investidas da direita. Honduras (2009), Paraguai (2012) e Brasil (2016) amargaram golpes parlamentares. A direita argentina conduziu Macri à Casa Rosada. Os equatorianos ajudaram Rafael Correa eleger seu sucessor, Lenin Moreno, que tão logo assumiu o governo se aliou às forças conservadoras do país. No Chile, Michele Bachelet passou o governo para o conservador Sebastián Piñera. Evo Morales enfrenta desgaste político na Bolívia. Na Nicarágua, a esquerda está dividida em dois grupos, os pró e contra o presidente Daniel Ortega.

Na Venezuela, Nicolás Maduro tenta resistir às tentativas violentas de manobras ensaiadas pela direita para tirá-lo do poder, com apoio dos norte-americanos. As eleições de Honduras em dezembro de 2017 estão sob suspeitas de fraude. Citamos ainda a morte do líder da revolução cubana, Fidel Castro, em 2017, como uma grande perda para as forças de esquerda da região. Nesse cenário, apenas em El Salvador e Uruguai a esquerda parece haver construído bases mais sólidas. No Brasil, apenas recentemente, com a condenação do ex-presidente Lula, e os riscos democráticos da sentença, é que a esquerda ensaia uma tímida reorganização.

Diante de todo esse contexto, concordamos com os intelectuais progressistas latino-americanos que reclamam uma autocrítica da esquerda. Emir Sader (2016) é enfático ao dizer que é necessária uma “autocrítica e, sobretudo, desenho de novas perspectivas para a esquerda”. O escritor Frei Betto (2017) vai ao mesmo sentido, e pontua que “é hora de fazer autocrítica e corrigir rotas, antes que seja demasiadamente tarde”.

Fazemos essa explanação para destacar que os envolvidos no caso de Iguala, vítimas e algozes, faziam parte do mesmo espectro ideológico, a esquerda.

José Luis Abarca Velásquez, ex-prefeito de Iguala, María de los Ángeles Pineda Villa, sua esposa, e Ángel Aguirre Rivero, ex-governador de Guerrero compartilhavam a condição de esquerdistas com os estudantes de Ayotzinapa, militantes aguerridos da esquerda mexicana. Infelizmente, isso é o que mais tem se repetido nos diferentes países da região. Políticos tradicionalmente ligados à direita se infiltraram de forma consentida e aos poucos minaram os projetos de poder da esquerda.

Em muitos desses países, a mídia privada, nacional e internacional, teve papel imprescindível no ressurgimento político da direita. A *CNN en Español* é a principal força comunicativa estrangeira a fomentar essas mudanças, a considerar que a direita é naturalmente vassala dos interesses estadunidenses. Enquanto que a teleSUR é resultado de mobilizações das forças progressistas da América Latina, catalisadas pela Venezuela, para edificar um projeto comunicativo capaz de oferecer balanceamento nos temas e na forma de abordar assuntos referentes à região, com foco a contrabalancear a hegemonia comunicativa da TV norte-americana.

A TV, com sede na Venezuela, utiliza na maioria de seus telejornais, os mesmos recursos visuais e dinâmica jornalística da *CNN en Español*, uma estratégia válida para oferecer seu produto, sem despertar estranheza nos telespectadores. Apesar da reprodução, a emissora modificou a nossa forma de ver os aspectos regionais. Integrou os países em uma rede noticiosa, com foco em transformar a região em “uma pátria grande” midiática.

Reconhecemos, porém, as limitações dessa concepção, considerando que para noticiar, a emissora escolhe o assunto, recorta, seleciona e exclui. E, em se tratando de uma região com o dinamismo e a diversidade da América Latina, o desafio de informar é ainda maior. Não sendo possível, portanto, uma única televisão representar a totalidade dos diferentes seguimentos políticos, econômicos sociais e culturais do continente.

O que a emissora faz é aproximar o noticiário dos setores populares de países da região. Das matérias analisadas, algumas dispõem de tradutor e intérprete de libras dividindo a tela com as notícias. Além de ser possível viajar pelos diferentes sotaques latino-americanos, através das falas dos jornalistas, que têm preservadas suas particularidades linguísticas.

O desaparecimento forçado dos 43 estudantes recebeu atenção intensiva das duas emissoras, embora, como destacamos na análise, teve foco diferenciado da

teleSUR. O que nos faz retomar o tema da construção dessa TV como um instrumento emergente de *Poder Brando* de um grupo de países latino-americanos. No entanto, ressaltamos que, diferentemente da *CNN en Español*, não identificamos que se trate de um instrumento de poder com a finalidade de impor a dominação de um país sobre outros, mas sim difundir uma voz dissonante do discurso norte-americano. E nisso a emissora consegue ser eficiente aonde alcança, considerando que essa ainda não tem a mesma abrangência e aceitação da emissora estadunidense.

A teleSUR, ao realizar sua cobertura utilizando recursos visuais, qualidade técnica e profissionalismo iguais aos da *CNN en Español*, mas inovando na linguagem e nas estratégias noticiosas, promove uma espécie de reorientação na forma como os latino-americanos consomem televisão. O jornalismo da emissora ouve os silenciados da mídia: trabalhadores da cidade, camponeses, indígenas, sindicalistas, militantes sociais e etc., reconfigurando o *script* do oficialismo de fontes, que rege o noticiário.

Sublinhamos também que a emissora procura preencher a lacuna midiática na América Latina, gerada pela ausência de uma comunicação pública, popular e de qualidade. A TV exalta os atrativos culturais dos países da região, ressona ideais econômicos e políticos, como os das revoluções Cubana (Cuba), Bolivariana (Venezuela), Cidadã (Equador), e etc. A partir do momento que essas perspectivas são legitimadas pelos telespectadores, o *Poder Brando* latino-americano se efetiva.

A abordagem da teleSUR sobre o massacre é sensível, crítica e analítica, posicionada em favor dos familiares dos estudantes de Ayotzinapa, apresentando-os como vítimas do sistema autoritário e narco-político do México. As duas emissoras evidenciam também o histórico de desaparecimento forçado de militantes sociais mexicanos. A crueldade do acontecimento não se encaixa no contexto de um país que se diz democrático, porque revela à comunidade internacional um México autoritário e descomprometido politicamente, que não preserva os acordos internacionais que asseguram a inviolabilidade dos direitos humanos.

Acrescentamos, a luz dos noticiários estudados, que o estado mexicano não mobilizou os esforços necessários para esclarecer o crime. Isso porque o próprio Estado estava comprometido com a tragédia, uma vez que as evidências apontam a participação das forças de segurança pública no desaparecimento forçado dos normalistas. Ficou evidente ainda, que as autoridades políticas e jurídicas do país

trataram o caso, a priori, com uma estranha naturalidade e até certa indiferença, perdendo um tempo precioso na busca pelos estudantes.

Os avanços e resultados alcançados em relação a esse caso muito se devem às pressões políticas internacionais, às mobilizações da população mexicana e ao trabalho de alguns órgãos da imprensa que deram visibilidade ao fato a nível internacional, e insistiram no assunto, como a emissora teleSUR, que direcionou uma equipe à Iguala, especificamente para acompanhar os desdobramentos dessa catástrofe humana anunciada.

Entendemos os esforços da teleSUR como um processo árduo e demorado de descolonização midiática. E por isso é tão marginalizada pelas mídias ligadas às elites. Efetivar-se como um *Poder Brando* latino-americano requer tempo e nesse caso está condicionado ainda a retomada dos avanços da esquerda. Entretanto, reconhecemos que a estratégia de começar o movimento noticioso pela base da pirâmide social, dando voz aos esquecidos e aos que para a mídia tradicional não possuem critério de noticiabilidade, gera efeitos mais imediatos.

A visibilidade do caso dos 43 estudantes de Ayotzinapa ganhou as telas das grandes redes de TV porque antes repercutiu na mídia popular e comunitária. Para a lógica comunicativa comercial, eles não possuíam valor-notícia para serem destaques. São pessoas que vivem cercadas, desassistidas, marginalizadas e vitimadas pelo estado que executa seus próprios cidadãos, através de uma polícia treinada para matar e comprometida ética e moralmente. Há séculos, o desaparecimento forçado figura como política de estado. Das mais dolorosas e cruéis, que sequer concede aos familiares das vítimas o direito ao luto.

Os normalistas continuam desaparecidos e a justiça mexicana diz não saber explicar até agora o que aconteceu. Não se sabe, ou pelo menos não se quer saber o paradeiro dos 41 estudantes desaparecidos forçados que faltam. Aparecer com eles exigiria outras explicações que o México pode não estar disposto a dar. Assim como não explicou os diversos corpos encontrados em covas clandestinas, enquanto buscavam os normalistas. Mas se sabe que também são vítimas da negligência do estado.

REFERÊNCIAS

BARBERO J. M. **Comunicación Masiva discurso y Poder**. Quito: Ciespal, 2015.

_____. **De los medios a las mediaciones**: Comunicación, cultura y hegemonía. México: Editorial Gustavo Gili S.A. Versión revisada, 1991.

BELTRÁN, L. R.; CARDONA, E. F. **Comunicação dominada**: os Estados Unidos e os meios de comunicação da América Latina; trad Paulo Roberto da Costa Kramer. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BORÓN, A. A questão do Imperialismo. **In**: A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, 2007. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org/brasilia/revistas/revista11/revista11_01/boron.pdf

so.org.ar/clacso/formacionvirtual/20100715085933/cap23.pdf. Acessado em: 05/12/2017.

_____. **Los medios y la batalla por la democracia en América Latina.** Quito: CIESPAL, 2015. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/bloggers/LosmediosylabatallaporlademocraciaenAmericaLatina201507270002.html>. Acesso em 22 de ago 2015.

BRAVO, A. L. **CNN y el directo.** Revista Chasqui, Nº. 38, Ciespal, Quito, Abril- Junio 1991.

CALDERÓN, C. A. ¿Qué és teleSUR?. **Revista Chasqui**, Nº. 92, Ciespal, Quito, Diciembre, 2005.

CAÑIZÁLEZ, A; LUGO, J. **Telesur:** estrategia geopolítica con fines integracionistas. Revista Temas de Comunicación, nº14, Venezuela, 2007.

CARNOY, Martin. **Estado e Teoria política.** (equipe de trad. PUCCAMP) 2ª ed. Campinas: Papirus, 1988.

ECO, U. **Tevê:** a transparência perdida. In: Viagem na irreabilidade cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GENTILI, P.; VOMMARO, P. Presentación. In: MARTINS, C. E. [et al.] (Orgs.). Estados Unidos y la nueva correlación de fuerzas internacional. Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO, 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. - reimpr., São Paulo: Atlas, 2008.

GÓMEZ, Magdalena. **Ayotzinapa:** de la crisis humanitaria a la crisis de Estado. *El Cotidiano*, Cidade do México – DF, v. 30, n. 189, p. 50-59, jan./fev. 2015. Disponível em: <http://elcotidianoenlinea.com.mx/beta/index.html>. Acessado em 10 de fevereiro de 2015.

GRAMSCI, A. **Os jornais e os operários.** Marxists Internet Archive, 2005. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/gramsci/1916/mes/jornais.htm>. Acesso em: 15 jul. 2017.

GUARESCHI, P. A. **Comunicação e poder:** a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina. Petrópolis, Vozes, 1987.

HERNÁNDEZ, A. **Governo mexicano participou do ataque contra estudantes de Ayotzinapa.** Agência Apublica. Disponível em: <http://apublica.org/2015/01/gobierno-mexicano-participou-do-ataque-contr-a-estudiantes-de-ayotzinapa/>. Acessado em 16 de janeiro de 2015.

INFORME Ayotzinapa. **Investigación y primeras conclusiones.** Grupo Interdisciplinario de Expertos Independientes (GIEI), México, 2015.

LEAL FILHO, L. L. Prefácio. In: SOUZA, J. C. A. **Seja o primeiro a saber: a CNN e a globalização da informação**. São Paulo: Summus, 2005.

MARCIAL, R. “Foi o estado”: o caso dos jovens desaparecidos de Ayotzinapa e a crise política no México. **Revista Densidades**, nº 06, ano 03, Rio de Janeiro, 2015.

MATTA, F. R. Prefácio. In: BELTRÁN, L. R.; CARDONA, E. F. **Comunicação dominada: os Estados Unidos e os meios de comunicação da América Latina**; trad. Paulo Roberto da Costa Kramer. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MATTELART, A. **A globalização da comunicação**. Trad. Laureano Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

MIGNOLO, W. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires - Argentina: Ediciones del Signo, 2010.

MORAES, D. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci**. Dossiê Comunicação e Política. Revista Debates, Porto Alegre, v.4, n.1, 2010.

MORAES, G. S. M. **Pátria Grande à vista: TeleSUR e as contradições da integração a América Latina**. 2015. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MORGENFELD, L. Estados Unidos y sus vecinos del sur en las Cumbres de las Américas: De la subordinación al desafío. In: Martins, C. E. [et al.] (Orgs.). **Estados Unidos y la nueva correlación de fuerzas internacional**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO, 2016.

NAVARRO, L. H. **Ayotzinapa y la matanza de Iguala**. La Jornada, 2014. Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx/2014/09/30/opinion/021a2pol>. Acessado em: 17 dez 2017.

_____. Ayotzinapa: el dolor y la esperanza. **El Cotidiano**. Cidade do México, v. 30, n. 189, p. 07-17, jan./fev. 2015. Disponível em: <http://elcotidianoenlinea.com.mx/beta/index.html>. Acesso em 10 de fev 2015.

NOGUEIRA, S. G. “Voz a los que no la tienen”: a integração regional no olhar bolivariano da Telesur. In OLIVEIRA, RP., NOGUEIRA, SG., and MELO, FR. (orgs.). **América Andina: integração regional, segurança e outros olhares** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

_____. **A “identidade latino-americana” e a integração regional: o**

projeto da rede de comunicação Telesur. São Paulo: Carta Internacional, Vol. 4 – No.1: 7-14, março 2009.

NYE, J. S.. Prefacio y Capítulo 5 “El poder blando y la política exterior americana”. **En:** Soft Power. Trad. Juan Tovar Ruiz, Public Affairs, New Hampshire, 2004.

ODORIK, I.; GILLY, A. **Ayotzinapa, crimen de estado**. La Jornada, 2014. Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx/2014/09/30/opinion/021a2pol>. Acessado em: 17 dez 2017.

OLIVEIRA, R. S. **A mídia como ator emergente das Relações Internacionais: seu protagonismo no uso do soft power frente aos desafios das mudanças climáticas**. Florianópolis: UFSC, 2010. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Direito, Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

_____. LAGAZZI-RODRIGUES, S. Discurso e Textualidade. **In:** ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade (ORGS.) Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Revista Perú Indígena**. Vol. 13, nº. 29, Lima, 1992.

SAMPAIO JÚNIOR, P. A. Apresentação: por que voltar a Lênin? Imperialismo, barbárie e revolução. **In:** LENIN, V. O Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2011.

SENA, E. **Televisão: uma construção significativa da realidade**. Revista Líbero – São Paulo – v. 16, n. 32, 2013.

SOLALINDE, A. Prólogo. **In:** Palacios, E. H.; CASTAÑEDA, E.; PADILLA, E. (Orgs.). 43: Una vida detrás de cada nombre. Astillero Ediciones, Universidad Veracruzana, Veracruz, 2015.

SOUZA, J. P. **As notícias e os seus efeitos: As “Teorias” do Jornalismo e dos efeitos sociais dos Media Jornalísticos**, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 1999.

_____. **Por que as notícias são como são?** Construindo uma teoria da notícia. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação da Universidade do Porto, Porto, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>. Acesso em: 22 de jan. de 2017.

SOUZA, J. C. A. **Seja o primeiro a saber: a CNN e a globalização da informação**. São Paulo: Summus, 2005.

TRAQUINA, N. Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. Trad. Vanise Dresch. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VIZEU, A. **A construção social da realidade e os operadores jornalísticos**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 25, 2004.

MATÉRIAS ANALIZADAS:

MÉXICO: al menos 3 estudantes assassinados por polícia em Ayotzinapa. teleSUR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qju4mQGeaGY>. Acessado em: 13 set 2017.

MÉXICO: polícia asesina a 3 estudantes 58 están desaparecidos. teleSUR. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Cz_qpO55yBc&t=8s. Acessado em: 13 set 2017.

MÉXICO: aparecen 14 de los estudiantes desaparecidos en Ayotzinapa. teleSUR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b0b3UmdU6mc>. Acessado em: 13 set 2017.

MÉXICO: continúa búsqueda de 44 estudiantes desaparecidos en Guerrero. teleSUR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lKa5RU-Cr3U>. Acessado em: 13 set 2017.

VIOLENCIA policial sobre estudantes de Ayotzinapa conmociona a México. teleSUR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RjBesJznz0s&t=9s>. Acessado em: 13 set 2017.

MÉXICO: Reconstrucción en video de los hechos violentos de Ayotzinapa. teleSUR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TEiKhd5BRrY>. Acessado em: 13 set 2017.

ANÁLISIS el caso Ayotzinapa y la criminalización de la protesta. teleSUR. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZC3G_slr8uE&t=6s. Acessado em: 13 set 2017.

MÉXICO: Ayotzinapa, entre el dolor y la esperanza. teleSUR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Sek1eqxGO4&t=19s>. Acessado em: 13 set 2017.

DETENCIÓN de Abarca y su esposa, clave en caso Ayotzinapa: Peña Nieto. teleSUR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tQqSZXon2sY&t=11s>. Acessado em: 13 set 2017.

PUEBLO chileno se solidariza con Ayotzinapa. teleSUR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tNcUTxKdjsQ>. Acessado em: 13 set 2017.

ESTUDIANTES venezolanos piden aparición de normalistas de Ayotzinapa. teleSUR. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wUkc_Ds8to8&t=8s. Acessado em: 13 set 2017.

ESTUDIANTES argentinos se solidarizan con Ayotzinapa. teleSUR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nDQWv8rr9mw>. Acessado em: 13 set 2017.

PERITOS identifican a estudiante de Ayotzinapa entre restos analizados. teleSUR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dARRchCA5v8&t=14s>. Acessado em: 13 set 2017.

MÉXICO: científicos rechazan tesis de la PGR sobre caso Ayotzinapa. teleSUR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tDxbfvPtMNs&t=42s>. Acessado em: 13 set 2017.

ESTUDIANTES de Ayotzinapa acusan al Estado mexicano de atacarlos. teleSUR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S9By6cVIYx4&t=2s>. Acessado em: 13 set 2017.

MÉXICO: 57 estudiantes desaparecen en Guerrero. CNN en Español. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u8liRUPxK6k&t=11s>. Acessado em: 10 nov 2017.

MÉXICO: autoridades buscan intensamente a estudiantes. CNN en Español. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VahmaLvXyns&t=12s>. Acessado em: 10 nov 2017.

MÉXICO clama justicia por estudiantes desaparecidos. CNN en Español. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dz-QKfZY3l4&t=17s>. Acessado em: 10 nov 2017.

FURIA en México por los desaparecidos. CNN en Español. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n-RMLtrTqOg&t=24s>. Acessado em: 10 nov 2017.

RECOMPENSA para hallar a los 43 jóvenes desaparecidos. CNN en Español. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pCks45AtqZw&t=4s>. Acessado em: 10 nov 2017.

MÉXICO: dónde están los estudiantes desaparecidos. CNN en Español. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=laPbJXdYILY&t=2s>. Acessado em: 10 nov 2017.

PADRES exigen transparencia a Peña Nieto. CNN en Español. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=urTbar8JgnU&t=31s>. Acessado em: 10 nov 2017.

MÉXICO: Estudiante “fue torturado” antes de morir. CNN en Español. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qCfp_oCs8QI&t=21s. Acessado em: 10 nov 2017.

IGUALA: La identificación de los cuerpos. CNN en Español. Disponible en: https://www.youtube.com/watch?v=d_WZgNUqbnw&t=29s. Consultado en: 10 nov 2017.

MÉXICO: Las protestas del 20 de noviembre. CNN en Español. Disponible en: https://www.youtube.com/watch?v=g_iOk492W1g&t=27s. Consultado en: 10 nov 2017.

MÉXICO: Estudiantes marchan en apoyo a los desaparecidos. CNN en Español. Disponible en: https://www.youtube.com/watch?v=td3slQ_ISAg&t=4s. Consultado en: 10 nov 2017.

MÉXICO: Las protestas del #1DMx. CNN en Español. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=aNk3ea3hQHw&t=25s>. Consultado en: 10 nov 2017.

MÉXICO: Procuraduría confirma la identidad de un normalista. CNN en Español. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=fnhBxB1mzqc&t=10s>. Consultado en: 10 nov 2017.

MÉXICO: Que se suspendan las elecciones en Guerrero. CNN en Español. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=ADfB6z6wS18&t=7s>. Consultado en: 10 nov 2017.

ARTISTAS alzan la voz por los estudiantes de Ayotzinapa. CNN en Español. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=GYUUaPUXs2I>. Consultado en: 10 nov 2017.